DIALOGO TERCEIRO

DAS GRANDEZAS DO BRASIL

Interlocutores—Brandonio e Alviano

(*Continuação*) (1)

BRAN.—Por não ser notado de negligente ha já pedaço que vos espero, gosando desta viração que corre aqui da parte do mar assaz fresca.

ALV.—A importunação de uma visita me fez cahir na falta de haver tardado ; mas comtudo as horas são apropriadas pera darmos principio a nossa pratica, que é o havermos de tratar da riqueza, fertilidade e abundancia deste Brazil, e assim vos peço me digaes destas cousas as que souberdes, porque, me tendes disposto pera vos ouvir com attenção.

BRAN.—São tão grandes as riquezas deste novo mundo e da mesma maneira sua fertilidade e abundancia, que não sei por qual das cousas comece primeiramente; mas, pois todas ellas são de muita consideração, farei uma sellada (2) na melhor forma que souber, pera que fiqnem claras e dêm gosto; pelo que começando digo que as riquezas do Brazil consistem em seis cousas, com as quaes seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do assucar, a segunda a mercancia, a terceira o páo a que chamam do Brazil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimentos, a sexta e ultima a criação de gados. De todas estas cousas o principal nervo e substancia da riqueza da terra é a lavoura dos assucares.

ALV.—Não deve de ser de muita considerac
a riqueza que consiste somente de fazer assuc
pois vemos que da nossa India Oriental

---

(1) Vid. a Revista de Outubro de 1886.
(2) Salada?

quecem seus moradores de tantas e diversas cousas, como são grande cantidade de drogas prestantissimas, roupas muito finas, ouro, prata, perolas, diamantes, rubis e topasios, almiscre, ambar, sedas, anil e outras mercadorias, de que as náos vem de lá todos os annos colmadas pera a Hespanha.

BRAN —Verdade é que todas essas cousas e outras mais se trazem dessas partes ; mas comtudo me esforço a provar que, com se não tirar do Brazil senão somente assucares, é mais rico, e dá mais rendimento pera a fazenda de sua Magestade de que são todas essas Indias Orientaes.

ALV.—A muito vos arrojaes, e certamente que parece desvario o quererdes pôr semelhante cousa em pratica, pois o poder-se provar está tão longe, como a terra dos céos, e assim vos peço não queiraes que vos ouça ninguem semelhante proposta, porque será julgada geralmente por ridiculosa.

BRAN.—Não me sei desdizer do que tenho dito com todas essas carrancas que me ides fazendo, antes entendo provar o que digo mui claramente, como já outra vez o fiz no Reino diante dos senhores governadores no anno de 97 ; porque vós não me haveis de negar que todos os annos vão do Reino pera a India tres, quatro e algumas vezes cinco náos, que d'ella tornam carregadas de mercadorias.

ALV.—Assim passa.

BRAN.—Tambem não duvidareis que cada uma destas náos faz de despesa á fazenda de sua Magestade até posta á vela, feita de novo, ao redor de corenta mil cruzados.

ALV.—Nem isso nego.

BRAN.—E da mesma maneira que manda n'el-
cada um anno sua Magestade, de cabedal
de oito e de quatro pera se haver de com-
nta na India, ao redor de duzentos mil

ALV.—E muitas vezes mais.

BRAN.—E outrosim que paga de soldo aos soldados, gente do mar, que se assentam pera ir á India, e de moradia a seus criados, mercês a fidalgos e outras pessoas particulares, muito grande cantidade de dinheiro.

ALV.—Não ha duvida nisso.

BRAN.—Tambem deveis de saber que cada náo dessas, despois de vir da India a salvamento carregada de fazendas, importa a sua Magestade, afora a pimenta que traz, de corenta e cinco pera cincoenta contos de reis e por tantos se arrendam pubricamente a pessoas que as tomam por contracto, e deste dinheiro se abate ainda muito, de que S. Mag. se não aproveita, em descontos que se fazem na casa da India, e isto com muitas vezes não chegarem a salvamento ao Reino mais de uma ou duas náos.

ALV.—Desse modo passa; mas além desse dinheiro, por que S. M. manda arrendar cada uma dessas náos, como tendes dito, se arrecadam por seus ministros os fretes das ditas náos pera sua fazenda, que devem de importar em grande pedaço.

BRAN.— Os fretes de cada náo não importam á fazenda de sua Magestade mais que ao redor de tres contos de reis, e em tantos os arrendou um amigo meu no anno de seiscentos e um, e destes tres contos se fazem tantos descontos de lugares, que o viso-rei dá na India a particulares, que case se vem a consumir tudo nisso e n'outras cousas, donde succede vir sua Magestade a embolsar mui pouco dinheiro destes fretes.

ALV.—Pois como é possivel que umas náos de tão grande porte dêm tão pouco de frete?

BRAN.—E' disso causa os muitos lugares que sua Magestade nellas dá, porque o capitão tem sua camara, despensa e outros lugares que sempre pera os taes estão deputados, e da mesma maneira o piloto, mestre, contra-mestre, guardião, marinheiro, que todos têm lugares assignalados, de modo que até o menino grumete e pagem não

carecem delle, em forma que nos lugares, que por esta ordem se distribuem e liberdades concedidas por S. Magestade, se occupa toda a praça, aonde se podia metter fazenda nas náos que pagassem frete, donde nasce o pouco rendimento que dellas tem sua fazenda.

ALV.—Estou já bem nessa causa, mas não nessa longa computação que ides fazendo.

BRAN.—Faço-a pera provar minha tenção que o Brazil é mais rico e dá mais proveito á fazenda de Sua Magestade que toda a India; porque não me haveis de negar que pera as náos, que della vêm, virem carregadas das fazendas que trazem ,se desentranha todo esse Oriente com se ajuntar a pimenta do Malabar, a canella de Ceylão, cravo de Maluco, massa e nós moscada da Banda, almiscre, benjoim, porcellana e sedas da China, roupas e annil de Cambaya e Bengala, pedraria do Balaguate e Bisnaga e Ceylão ; por maneira que é necessario que se ajuntem todas estas cousas de todas estas partes pera as náos que vêm pera o Reino poderem vir carregadas, e si se não ajuntassem não viriam.

ALV.—Isso é cousa clara que todos sabem.

BRAN.—Pois o Brazil, e não todo elle, senão tres capitanias, que são a de Pernambuco, a de Tamaracá e a da Parahyba, que occupam pouco mais ou menos, no que dellas está provado, cincoenta ou sessenta leguas de costa, as quaes habitam seus moradores, com se não alargaram pera o sertão dez leguas, e somente neste espaço de terra, sem adjutorio de nação estrangeira, nem de outra parte, lavram e tiram os portuguezes das entranhas della, á custa de seu trabalho e industria, tanto assucar que basta pera carregar, todos os annos, cento e trinta (1) ou *cento e corenta* (2) náos, de que muitas dellas são de grandissimo porte, sem sua

(1) Riscado e escripto por cima—*oitenta*.
(2) Riscado e escripto por cima—*duzentas*, com lettra differente.

Magestade gastar de sua fazenda pera a fabrica e sustentação de tudo isto um só vintem, a qual carga de assucares se leva ao Reino e se mette nas alfandegas delle, onde pagam os direitos devidos a S. M., e si esta carga que estas náos levam se houvesse de carregar em outras da grandeza das da India, não bastariam 20 semelhantes a ellas pera a poderem alojar.

Alv.—Posto que não posso negar o passar isso desse modo, todavia é de muito menos importancia, pera a fazenda de sua Magestade, o direito que se lhe paga dos assucares de aquelle que arrecada das fazendas e drogas que vêm da India.

Bran.—Enganae-vos, porque nestas náos que carregam nas tres capitanias da parte do norte que tenho dito, sem tratar das demais do sul, devem de ir passante de quinhentas mil arrobas de assucares, dos quaes quero que sejam cem mil arrobas de assucar, a que chamam panellas. Todos estes assucares pagam de direito na alfandega de Lisboa, o branco e o mascavado a duzentos e cincoenta réis a arroba, e as panellas a cento e cincoenta reis a arroba, isto afora o consulado, de que feita a somma vem importar á fazenda de S. M. mais de tresentos mil cruzados, sem elle gastar nem dispender na sustentação do Estado um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos dizimos, que se colhem na propria terra, bastam pera sua sustentação. Ora, fazei a este respeito computação do que lhe rendem as mais capitanias do sul, nas quaes entra a Bahia de Todos os Santos, cabeça de todo este Estado, e despois desta feita formae uma conta de deve e ha de haver como de mercador, e de uma parte ponde o que sua Magestade gasta em cada um anno com as náos que manda á India, soldos da gente de guerra e maritima, moradias de seus criados, mercês feitas a particulares, juntamente com o cabedal que manda pera a compra da pimenta, e de outra parte o que lhe ella rende, e juntamente o preço por que arrenda os direitos das náos que de lá

vèm, e notae bem o que houver de avanço pera o egualardes com o rendimento que colhe do Brazil das tres capitanias referidas tão somente, e vereis com quanto excesso sobrepuja ao da India, e assim não hei mister mais prova pera corroborar minha verdade.

Alv.—Parece muito esse rendimento que quereis applicar ao Brazil, porque nem todos os assucares pagam esse direito por em cheio, pois sabemos que muitos não pagam nenhum, por gosarem da liberdade que sua Magestade tem concedido ás pessoas que novamente fazem engenhos.

Bran.—Assim passa; mas essa liberdade, que S. M. concede aos engenhos feitos de novo, não dura mais que por tempo de dez annos, e passados elles perece, e posto que comtudo sempre pagam menos direitos os senhores de engenhos e lavradores que carregam seus assucares por sua conta, são poucos os que o fazem. E não vae a dizer nisso cousa de consideração, e pera semelhante quebra deixei de contar de industria na somma que acima fiz o rendimento do páo Brazil, que se leva deste Estado das mesmas tres capitanias pera o Reino, que importa mais de corenta mil crusados por anno, que os ministros de sua Magestade cobram no Reino dos contractadores delle, e assim o rendimento das alfandegas do Estado, direitos que se pagam dos algodões e madeiras nas alfandegas do Reino que importam em grandissimo pedaço, descompensada uma cousa de outra achareis que mais é o rendimento destas cousas que a diminuição da liberdade que apontastes.

Alv. — Em verdade que tão persuadido estava em cuidar o contrario disso que tendes provado e mostrado claramente, que ainda agora me está titubiando o entendimento por me parecer sonho o que vos tenho ouvido; mas comtudo o que eu sei é que tenho visto em Portugal muitas casas grandissimas e homens de muita renda grangeada e adquirida com dinheiro, que adquiriram e ga-

nharam na India, e não acho nenhum, e, si algum, são poucos que tenham lá semelhantes casas e rendas com o dinheiro que levassem do Brazil.

BRAN.—Isso é maior indicio de sua riqueza, porque os homens da India, quando de lá vem pera o Reino trazem com sigo toda quanta fazenda tinham, porque não ha nenhum que tenha lá bens de raiz, e si os tem são de pouca consideração, e como todo o seu cabedal está empregado em cousas manuaes embarcam-nas comsigo, e do preço por que as vendem no Reino compram essas rendas e fazem essas casas ; mas os moradores do Brazil toda a sua fazenda têm mettida em bens de raiz, que não é possivel serem levados pera o Reino, e quando algum pera lá vai os deixa na propria terra, e desses deveis de conhecer muitos em Portugal, e assim não lhes é possivel deixarem cá tanta fazenda e comprarem lá outra, contentando-se mais de a terem no Brazil pelo grande rendimento que colhem della, e, pera concluirmos, nesta terra achareis muitos homens que tem a cincoenta, cento e ainda duzentos mil cruzados de fazenda, e na India muitos poucos destes, e, si os que vivem no Brasil, fossem mais curiosos, de maiores cousas podiam lançar mão pera se fazerem ricos e sua Magestade colher mais rendimento delle.

ALV.—Folgarei em extremo que me digaes que cousas são essas que prometteis poderem dar tanto de si.

BRAN.—Pouco disse em dizer que podia ainda este Brazil ser mais rico e dar mais rendimento pera a fazenda de sua Magestade, si esse senhor e os de seu conselho quizeram pôr os olhos nelle, porque, si os puzessem, fôra tambem bastante o Brazil a fazer com que os hollandezes e mais extrangeiros que navegavam para a India cessem de suas navegações e commercios, sem sua Magestade dispender nisso um real nem se arrancar contra elles espada.

Alv.—Si isso não for obrado por encantamento, pelas vias ordinarias não sei como possa ser.

Bran.— Sem encantamento se poderá dar á execução, quando S. Mag. e os Senrs. do seu conselho se quizerem dispor a isso.

Alv.– Pois dizei-me o modo.

Bran.--Notorio é que os hollandezes não armam pera a India á custa dos Estados, antes os mercadores o fazem a sua propria custa e despeza, aprestando as náos que pera lá navegam, de que o cabedal pera a fabrica dellas e mercadorias que hão de levar se ajuntam por muitas pessoas que nellas se interessam, mettendo nns mais e outros menos, segundo o muito ou pouco dinheiro com que se acham, de que se faz livro, no qual por partidas se declara com quanto cada um entrou, e feita a viagem, tornando a náo a salvamento, se vende a fazenda e do monte-mor se tiram os gastos, e do que resta se faz conta de a quantos por cento houve de ganho. E tantos fazem bons a cada um dos armadores, com se lhe tornar o cabedal que metteram accrescentado naquella contia.

Alv.—Assim passa, porque um grande amigo meu, que assistio em Frandes muitos dias, me affirmou que deste modo se fazem; mas isso que sympathia tem pera o Brazil poder impedir o commercio a essas gentes ?

Bran.—Muito grande, porque já sabemos que a principal mercadoria e de mais porte, que essas náos vão buscar á India, é a pimenta, porque o cravo, massa, nóz, porcellanas, beijoim e cousas semelhantes que tambem trazem são accessorias, e não servem pera o nervo de sua mercancia ; porque muito pouca de cada uma destas basta pera fartar todas estas partes do norte, attento que esses extrangeiros não podem trazer canella, roupas nem anil, por não se acharem na parte onde elles commerceiam com os indios. Assim que pimenta é a que querem, e pimenta a que vão buscar,

e de pimenta tiram o proveito que tem da sua navegação.

Alv.—Pois que é que quereis dizer nisso?

Bran.—Digo que devia fazer S. Mag. o que fez El-Rey D. Manoel de gloriosa memoria, pera impedir o trato da pimenta que se trazia por terra a Veneza por via do Cairo, donde se passava e vendia por toda a Europa.

Alv.—Que é o que fez el-rei?

Bran.—Despois de descoberta a navegação da India, querendo que a pimenta só corresse por mãos de portuguezes, com se navegar della somente em suas náos pera Europa, pretendeu cerrar de todo aquelle commercio em Veneza, o que fez desta maneira: mandou pessoas confidentes que fossem áquella cidade, pera que se informassem com toda a verdade do custo que fazia um quintal de pimenta posto nella, e por quanto se devia de vender pera tirarem ganho os que nella commerciavam por aquella via, e, despois de bem informado disto, mandou a Frandes feitores portuguezes, pera que lhe vendessem a sua pimenta que pera lá mandava por preço que, si por elle se vendesse a que vinha á Veneza, ficassem perdendo muito dinheiro os mercadores que nella contractavam, e desta maneira todos os que haviam mister ter pimenta concorriam a comprar a de el-rei, por se vender mais barato, e como por semelhante preço não podiam dar os venesianos a sua sem muito damno pelo grande custo que lhe fazia, cessaram de seu commercio.

Alv.—Acabae já de vos desembuçar.

Bran.—Digo que toda a terra deste Brazil é tão caroavel de dar pimenta que, de por si sem beneficio algum, nasce grande cantidade della pelos campos de differentes castas, mas não daquella que vem da India, que deixa de dar por não se achar na terra semelhante semente, e, quando a houvesse, daria daquella sorte pimenta sem numero.

ALV.—Não duvido disso, porque já sei bem que a terra é mui disposta pera produzir pimenta, em tanto que os passaros que a comem, indo a extercar a outra parte, ainda que seja sobre troncos de arvores, ahi nasce; mas é necessario que vos acabeis de declarar nesses argumentos que ides tomando.

BRAN.—Foi-me necesario propol-os pera haver de vir a dizer o que pretendo, e é que S. Mag. devia de mandar uma caravella á India, pera que somente lhe trouxesse de lá muita semente de pimenta em pipas ou em outra parte, onde mais accommodada viesse, e que a tal caravella passasse pelo Brazil, aonde a fosse entregando nas capitanias de Sua Magestade aos capitães mores, que a repartissem pelos moradores, obrigando-os a que a prantassem e beneficiassem, e desta maneira se colheria do Brazil mais pimenta do que se colhe na costa do Malabar.

ALV.—E a que trazem as náos da India de ordinario não servirá tambem pera effeito de se prantar?

BRAN.—Não, porque essa, segundo se diz, é passada pela decoada e não pode nascer; e assim, como neste Brazil houvesse muita pimenta, lhe ficára custando a Sua Magestade pouco ou nenhum trabalho e menos despeza traspol-a em Portugal, donde á imitação de el-rei D. Manoel a poderia mandar vender por preço que ficassem os hollandezes perdendo muito dinheiro, si vendessem a sua que vão buscar á India; a esse respeito e por esta maneira, como a essas gentes se lhe não seguisse proveito de seu commercio, não tinham pera que continuar com semelhante navegação, e se acabaria sem despesa nem sangue porfia, que tanto tem custado a Portugal, e Sua Magestade, mandando vender a sua pimenta mais barato, perdia pouco, si não ganhasse dinheiro, pelo menos custo que lhe havia de fazer em a levar pera o reino,

e o menos preço por que a havia de a comprar no Brazil.

ALV.—Tendes proposto isso com tão apparentes razões, que não haverá quem duvide de haver de ser assim, antes me maravilho como vos não embarcaes pera o reino a dar esse alvitre a Sua Magestade, pois tanta utilidade se deve de seguir delle pera todo o estado da India.

BRAN.—Já o pratiquei com um ministro que tinha grande lugar em sua fazenda, e com lhe parecer a traça maravilhosa, me respondeu que estava já tão introduzido em Portugal o modo da navegação da pimenta, que custaria muito trabalho o querer-se tratar agora de remover n'outro modo; e assim como entendi ser aquillo mal velho no nosso Portugal que não leva remedio, desisti da minha pratica, e da mesma maneira o farei agora, deixando a cargo aos que lhe toca remediar semelhante necessidade, si o quizerem fazer.

ALV.—Dizeis bem, que é erro querer emendar o mundo os que têm tão pequena parte nelle, como cada um de nós, e assim tornemos á nossa pratica que, si me não lembra mal, deve ser sobre o haverdes de mostrar as riquezas do Brasil, de que a principal tendes affirmado ser a lavoura dos assucares.

BRAN.—Assim passa, porque o assucar é a principal cousa com que todo este Brazil se ennobrece e faz rico, e na lavra delle se tem guardado até o presente esta ordem: os capitães mores, que são sesmeiros por Sua Magestade, cada um na capitania de sua jurisdicção, repartiram e repartem ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um delles aquella cantidade, a que as suas forças e possibilidade são bastantes a grangear, e as pessoas a quem se dão semelhantes terras, quando ellas são capazes pera se fabricarem nellas engenhos de fazer assucares, os fabricam, tendo cabedal pera o poderem fazer, e quando lhes falta, as vendem a pessoas que os possam fabricar por

ser necessario muitas forças e cabedal pera os haverem de pôr em perfeição, porque um engenho dos de agua, como até agora se costumava de fazer, e ainda dos que chamam trapiches que moem com bois, fazem de despesa, feito e fabricado, ao redor de dez mil cruzados pouco mais ou menos.

Alv.—Parece me que quereis dizer que ha mais modos de engenhos pera fazer assucares que os de agua e trapiches que moem com bois.

Bran.—Isso quero dizer; porque os de agua se alevantam ao longo de rios caudalosos, e ainda fazem grandes tanques pera represa della, pera assim poderem moer com mais força d'agua, e nestes taes engenhos, despois de a canna de assucar moida entre dous grandes eixos que fazem mover uma roda, em que fere (?) a agua com força, se expreme o bagaço que d'alli sae debaixo de uns grandes paos, a que chamam gangorras, que fazem apertar com força de bois, aonde larga e lança de si o tal bagaço todo o summo que a canna tinha, o qual se ajunta em um tanque, e d'alli o lançam em grandes caldeiras de cobre, aonde se alimpa, cose e apura á força de fogo, que por debaixo lhe dão em umas fornalhas, sobre que estão assentadas, sendo necessario pera este assucar se alimpar e fortificar melhor, lançar-lhe dentro decoada que se faz de cinza. E outros engenhos se fazem sem agua, e estes são os trapiches, que disse, os quaes moem a canna por uma invenção de rodas que alevantam pera o effeito tirada de bois, e no mais de fazer o assucar se guarda a mesma ordem que tenho dito. Mas agora novamente se ha introduzido uma nova invenção de moenda, a que chamam *palitos*, pera a qual convem menos fabrica, e tambem se ajudam pera moenda delles de agua e de bois, e tem-se esta invenção por tão boa que tenho pera mim, que se extinguirão e acabarão de todo os engenhos antigos, e somente se servirão desta nova traça.

Alv.—Toda a cousa que se faz com menos

trabalho e despesa se deve de estimar muito, e pois nesse modo dos *palitos* se alcança isto, não duvido que todos pretendam usar delles; mas folgarei de saber a ordem que ha pera se fazer um pão de assucar tão alvo e fermoso, como se leva a Portugal e aqui o vimos.

Bran.—A ordem é esta: despois do assucar limpo e melado nas caldeiras, se passa a umas tachas tambem de cobre, aonde á força de fogo o fazem pôr no ponto necessario pera haver de coalhar e criar corpo, e d'alli se lança em umas formas de barro, dentro nas quaes se encorpora e endurece, e despois de estar frio o levam a uma casa muito grande, que só pera esse effeito se prepara, a que dão nome de casa de purgar, e nella sobre taboado que está furado se assentam as taes formas, com lhes abrirem um buraco que tem por baixo, por onde vão purgando o mel sobre correntes do mesmo taboado, que pera o effeito lhe põem por baixo, e o mel que por esta maneira vai cahindo das formas se ajunta todo em um tanque grande, do qual se faz despois o retame, e ainda outro modo de assucares, e que chamam *batidos*, e como as formas estão despedidas de todo o mel lhe lançam em cima barro desfeito e agua, o qual é bastante pera dar ao assucar a brancura que nelle vemos.

Alv.—E como é possivel que o barro, que, por rezão o devia sujar e fazer preto, o embranqueça, é pera mim um segredo difficultoso de entender.

Bran.—Nem o entenderam muitos annos os primeiros que lavraram assucares, porque do modo que primeiramente o faziam desse o gastavam, até que uma gallinha aclarou este segredo, a qual, acaso voando com os pés cheios de barro humido, se poz sobre uma forma cheia de assucar, e naquella parte aonde ficou estampada a pegada se fez todo o circuito branco, donde se veio a entender o segredo e virtude que tinha o barro pera embranquecer, e se pôz em uso.

ALV. —Não foi má mestra a gallinha pera mostrar por esse modo a cura da negridão do assucar, pois ha tanta differença na valia do alvo ao negro, e assim, si o engenho fizer muita cantidade do bom, não deixará de dar proveito ao senhor delle.

BRAN.—Nos engenhos de fazer assucares ha muito grande differença dos bons aos máos ; porque aquelles que gosam de tres cousas, quando seus senhores tem fabrica bastante, são summamente bons, as quaes tres cousas consistem em ter muitas terras e boas pera a pranta dos cannaviaes, agua bastante que não falte pera a moenda, e lenha em grandes matas tambem em cantidade, de modo que nem a canna nem a lenha fique distante do engenho, antes tão acommodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade, e quando os taes engenhos são desta calidade, não lhe faltando, como tenho dito, a fabrica necessaria, costumam a fazer em cada um anno a seis, sete, oito e ainda a dez mil arrobas de assucar macho, e fora os meles que são retames e batidos, que sempre chegam ao redor de tres mil arrobas ; quando se sabe aproveitar este assucar, costuma a ser um muito bom e outro somenos e algum summamente máo, segundo os mestres que o fazem são bons ou ruins, e os outros engenhos de menos porte costumam a fazer a cinco e a quatro, e ainda a tres mil arrobas de assucar, e os taes são de pouco proveito pera seu dono.

ALV.—E que fabrica é necessario que tenha um desses engenhos que costumam fazer muito assucar ?

BRAN.—E' necessario que tenha 50 peças de escravos de serviço bons, 15 ou 20 juntas de bois com seus carros necessarios apparelhados, cobres bastantes e bem concertados, officiaes bons, muita lenha, formaria, grande cantidade de dinheiro, além de serem muito liberaes em darem a particulares dadivas de muita importancia. E eu vi já affirmar

a homens mui experimentados na côrte de Madrid que se não traja melhor nella do que se trajam no Brazil os senhores de engenhos, suas mulheres e filhas, e outros homens afazendados e mercadores. E pera prova disto quero dar somente uma assaz bastante, a qual é que na capitania de Pernambuco ha uma casa de misericordia, a qual faz de despesa em cada um anno na obrigação della treze e quatorze mil cruzados pouco mais ou menos, estes são todos dados de esmolas pelos moradores da mesma capitania, com não ter a casa de renda cousa que seja de consideração, e é tanto isto assim que os provedores, que succedem pera serviço della em cada um anno, gastam de sua bolsa mais de tres mil cruzados, e as demais capitanias todas tem misericordia, nas quaes se gasta tambem muito dinheiro; mas nesta de Pernambuco se faz com mais excesso.

Alv.—Não é pequeno argumento esse pera por elle se poder considerar a muita riquesa do Brazil; e pois tendes dito o que basta da primeira condição dellas, que quizestes attribuir a toda a provincia, passemos á segunda que quereis que seja a mercancia.

Bran.—Muitos homens tem adquirido grande cantidade de dinheiro amoedado e de fazenda no Brazil pela mercancia, posto que os que mais se avantajam nella são os mercadores que vem do reino pera esse effeito, os quaes commerceam por dous modos, de que um delles é que vêm de *ida por vinda*, e assim despois de venderem as suas mercadorias fazem o seu emprego em assucares, algodões e ainda ambar muito bom e gris, e se tornam pera o reino nas mesmas náos, em que vieram ou n'outras; o segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com logea aberta, colmadas de mercadorias de muito preço, como são toda a sorte de louçaria, sedas riquissimas, pannos finissimos, brocados maravilhosos, que tudo se gasta em grande copia na ter-

ra, com deixar grande proveito aos mercadores que os vendem.

ALV.—E esses mercadores, que estão assistentes na terra com suas logeas abertas, mandam por ventura vir essas fazendas do Reino, ou as compram a outras pessoas que de lá as trazem ?

BRAN.—Muitos as mandam vir do Reino, mas a maior parte delles as compram a outros que as trazem de lá, com lhe darem a corenta e a cincoenta por cento de avanço a respeito do preço, por que as compraram, segundo a sorte e a calidade das mercadorias, ou a falta ou abundancia que ha dellas na terra, e ainda destes mercadores se formam outros de menos porte.

ALV.—E de que condição são esses ?

BRAN.—Ha muitas pessoas que vivem somente com se fazerem riquissimas com comprarem estas fazendas aos mercadores assistentes nas villas ou cidades, e as tornarem a levar a vender pelos engenhos e fazendas que estão d'alli distantes, com ganharem muitas vezes nellas a mais de cento por cento, e eu vi na capitania de Pernambuco a certo mercador fazer um negocio, posto que o modo delle não approvo, pelo ter por illicito, o qual foi comprar pera pagar de presente uma partida de peças de escravos de Guiné por cantidade de dinheiro, e logo no mesmo instante, sem lhe entrarem os taes escravos em poder, os tornou a vender a um lavrador fiados por certo tempo, que não chegava a anno, com mais de 85 por cento de avanço.

ALV.—A isso chamam, onde eu nasci, em bom portuguez, *onzena* ; e comtudo é cousa estranha o haver-se de ganhar tanto dinheiro na propria terra de uma mão para a outra, sem intervir nenhum risco.

BRAN.—Pois assim passa ; é tanto isto assim, que desta sorte de mercadores, e dos que têm suas logeas abertas, ha muitos que tem grossas fazen-

das de engenhos e lavoura na propria terra, e estão nella assistentes, e alguns casados.

ALV.—Não têm pequena habilidade os que se sabem conservar desse modo na terra alheia.

BRAN.—Haveis de saber que o Brazil é praça do mundo, si não fazemos aggravo a algum reino ou cidade em lhe darmos tal nome; e juntamente academia publica, onde se aprende com muita facilidade toda a policia, bom modo de fallar, honrados termos de cortezia, saber bem negociar, e outros attributos desta quallidade.

ALV.—Antes isso devia de ser pelo contrario; pois sabemos que o Brazil se povoou primeiramente por degredados e gente de máo viver, e pelo conseguinte pouco politica; pois bastava carecerem de nobreza pera lhes faltar a policia.

BRAN.—Nisso não ha duvida; mas deveis de saber que esses povoadores, que primeiramente vieram a povoar o Brazil, a poucos lanços, pela largueza da terra, deram em ser ricos, e com a riqueza foram largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobrezas que padeciam no Reino os faziam usar; e os filhos dos taes, já enthronisados com a mesma riqueza e governo da terra, despiram a pelle velha, como cobra, usando em tudo de honradissimos termos, com se ajuntar a isto o haverem vindo despois a este Estado muitos homens nobilissimos e fidalgos, os quaes casaram nelle, e se liaram em parentesco com os da terra, em fórma que se ha feito entre todos uma mistura de sangue assaz nobre; e então como neste Brazil concorrem de todas as partes diversas condições de gente a commerciar, e este commercio o tratam com os naturaes da terra, que geralmente são dotados de muita habilidade, ou por natureza do clima ou do bom céo, de que gozam, tomam dos extrangeiros tudo o que acham bom, de que fazem excellente conserva pera a seu tempo usarem della.

ALV.—Saber imitar e furtar as habilidades

áquelles, que as tem boas, é tomar a clava das mãos a Hercules

Bran.—Assim o fażem os do Brazil, em tanto que os filhos de Lisboa e os das mais partes do Reino vêm a aprender a elle os bons termos, com os quaes se fazem differentes na policia, que d'antes lhes faltava. Mas parece-me que havemos cortado já muito o fio de nossa pratica, que era de tratarmos do proveito que a mercancia dá neste Brazil aos que della usam.

Alv.—Nem est'outra breve em que nos destrahimos deve de desagradar aos que a ouvirem, principalmente aos Brazilienses; mas, deixando-a de parte, resta que me digaes si no Brazil ha mais commercio que pera o Reino?

Bran.—Sim, ha; porque se faz muito grande pera Angola e pera o Rio da Prata. A' Angola se mandão náos com muitas fazendas, que de lá tornam carregadas de escravos, por que se commutam, deixando grande proveito aos que nisto negociam; e ainda as náos, que pera lá navegam em direitura do Reino, aportam na capitania do Rio de Janeiro, aonde carregam de farinhas, mantimento da terra, por alli se achar mais barata, a qual levam a vender á Angola a troco de escravos e de marfim que de lá trazem em muita cantidade.

Alv.—Isso é quanto ao tocante á Angola; mas pera o Rio da Prata folgarei que me digaes que modo de negocio se faz.

Bran.—Do Rio da Prata costumam a navegar muitos peruleiros em caravelas, e caravelas de pouco porte, onde trazem somma grande de patacas de quatro e de oito reales, e assim prata lavrada e por lavrar, em pinhas e em postas, ouro em pó e em grão, e outro lavrado em cadeias, os quaes aportam com estas cousas no Rio de Janeiro, Bahia de Todos os Santos e Pernambuco, e commutam as taes cousas por fazendas das sortes que lhe são necessarias, deixando toda a prata e ouro, que trouxeram na terra, donde tornam carregados das

taes fazendas a fazer outra vez viagem pera o Rio da Prata. E ainda os mercadores assistentes na terra se interessam tambem nesta navegação com não pequena utilidade, e dos taes peruleiros se deixam tambem ficar alguns na terra, que dão o seu dinheiro por letra, ou compram assucares, ou o levam comsigo pera Portugal.

Alv.—Não é máo o commercio de que se colhe por fructo ouro e prata; mas toda essa mercancia, de que tendes tratado, de que se tira tanto proveito, parece que se vem a resumír em mão dos extrangeiros, e dos taes é o proveito, e não dos naturaes da terra.

Bran.—Assim passa pela maior parte; porque os naturaes da terra se occupam no grangeamento dos seus engenhos e no beneficio de suas lavouras, sem quererem tratar de mercancias, posto que alguns o fazem, contentando se somente de navegar os seus assucares pera o Reino, e mandar de lá vir o provimento que lhes é necessario pera suas fazendas, deixando, no de mais, a porta aberta aos mercadores que exercitam o seu negocio com grande utilidade; em tanto que, por excellencia, contarei uma cousa como testemunha de vista: no anno de noventa e dous veio um mercador de pouco porte com uma caravela a Pernambuco, em direitura do Algarve, carregada de alguns vinhos de Alvor, pouco azeite, cantidade de passas e figos, com mais outras cousas que de lá se costuma trazer, em que metteu de cabedal setecentos e trinta mil réis, por conta de carregação, que eu vi. Este homem esteve seis mezes na terra, nos quaes vendeu sua fazenda a dinheiro de contado, e fez nella perto de sete mil cruzados, que empregou em assucar branco excellente, comprado a seiscentos e cincoenta réis a arroba, nos quaes assucares, pela barateza por que os comprou, devia de dobrar outra vez o dinheiro no Reino.

Alv.—Terra, donde tanto proveito tiram os que

nella negoceam, confesso que não póde deixar de ser muito rica.

Bran.—Sabeis em quanto é rica que com só uma cousa vos representarei a sua riqueza, a qual é que ha um homem nobre particular neste Brazil, morador na capitania da Parahyba, o qual, com não possuir mais de um só engenho de fazer assucar, ousou prometter a todas as pessoas que fizessem casas na cidade, que então de novo se fabricava, sendo de pedra e cal de sobrado a vinte mil réis por cada morada de casas, e a dez mil réis, si fossem terreas; e assim o cumpriu por muito tempo, com se haverem alevantado muitas moradas, sem disso se lhe conseguir algum proveito mais do desejo que tinha de ver augmentar a cidade; e tratou mais (com sair com isso) de fazer a casa da Sancta Misericordia da propria cidade, cousa de grandissimo custo pela grandeza e nobreza do edificio do templo, que tem já quasi acabado; e assim, com este exemplo, me quero passar a tratar da terceira cousa, com que os moradores deste Estado se fazem ricos, com tirarem della muito proveito, que é o páo do Brazil.

Alv.—Assim vos peço que o façaes.

Bran.—O páo do Brazil, de que toma nome toda esta provincia, como já disse, larga de si uma tinta vermelha, excellente pera tingir pannos de lã e seda, e se fazer della outras pinturas e curiosidades; o qual, posto que se acha por todo este Estado, o mais perfeito e de maior valia é o que se tira das capitanias de Pernambuco, Tamaracá e Parahyba, porque sobrepuja, com muito excesso de bondade, ao mais páo desta calidade, que se dá pelas mais partes; e assim somente do que se tira das tres capitanias referidas se faz caso, e se leva pera o Reino, aonde se vende a quatro, e ás vezes a cinco mil réis o quintal, segundo a falta ou abundancia que ha delle.

Alv.—Pois dizei-me de que modo tiram os mo-

radores deste Brazil proveito de semelhante páo, e quanto importa á fazenda de Sua Magestade ?

BRAN.—O páo do Brazil é droga sua, e como tal defeso ; de modo que ninguem póde tratar nelle senão o mesmo Rei ou os que tiverem licença sua por contracto. Antigamente era licito negociarem todos nelle, com pagarem á fazenda de Sua Magestade um cruzado por quintal de sahida ; mas, por se entender que se usava mal desta ordem que estava dada, se revogou pera que corresse o negocio por contracto, como hoje em dia corre, e se paga de arrendamento por elle no Reino á fazenda de Sua Magestade quarenta mil cruzados pouco mais ou menos, com declaração que os contratadores não poderão tirar em cada um anno deste Estado, especialmente das tres capitanias que tenho apontado, mais de dez mil quintaes de páo ; e, quando um anno tirassem menos, o poderão perfazer no outro.

ALV.—Não entendia que o páo do Brazil era cousa de tanto rendimento pera a fazenda de Sua Magestade, sem na sustentação delle gastar um só real, gastando muitos cruzados na India por adquirir as demais drogas

BRAN.—Todo o Brazil rende pera a fazenda de Sua Magestade sem nenhuma despesa, que é o que mais se deve de estimar.

ALV.—E os moradores que proveito tiram desse páo ?

BRAN.—Muito grande ; porque ha muita gente que não vive de outra cousa mais que de o irem fazer ás matas, e o acarretarem com bois até o longo d'agua, aonde o vendem ás pessoas que têm licença pera o carregarem.

ALV.—Pois dizei-me de que modo se faz esse páo ?

BRAN.—O modo é este : vão-no buscar doze, quinze, e ainda vinte leguas distante da capitania de Pernambuco, aonde ha o maior concurso delle; porque se não póde achar mais perto pelo muito

que é buscado, e alli, entre grandes matas, o acham, o qual tem uma folha miuda e alguns espinhos pelo tronco; e estes homens, occupados neste exercicio, levam comsigo pera a feitura do páo muitos escravos de Guiné e da terra, que, a golpes de machado, derribam a arvore, á qual, despois de estar no chão, lhe tiram todo o branco; porque no amago delle está o brazil, e por este modo uma arvore de muita grossura vem a dar o páo, que a não tem maior de uma perna; o qual, despois de limpo se ajunta em rumas, donde o vão acarretando em carros por pousas (1) atè o pôrem nos passos, pera que os bateis o possão vir a tomar.

Alv.—Não deve de dar pequeno trabalho o fazer esse páo por esse modo; e si o proveito não é muito ficará sendo cara a mercancia.

Bran.—Sim, dá grande proveito; porque ha muitos homens destes que fazem brazil, que colhem em cada um anno a mil e a dous mil quintaes delle, que todos acarretam com seus bois; e despois de posto no passo o vendem por preço de sete e oito tostões o quintal, e ás vezes mais, no que vêm a grangear grande copia de dinheiro, e por este modo si têm feito muitos homens ricos.

Alv.—Si isso passa dessa maneira, poderemos dizer que dá Deus aos moradores do Brazil ouro e prata pelos campos, e que de cousa, que elles não plantaram, nem grangearam, colhem fructo.

Bran—Sabeis quanto é assim, que ainda vos poderei affirmar que se acham outras cousas de mais importancia, sem lhe custar nenhum trabalho nem industria.

Alv.—E do que modo póde succeder isso?

Bran.—Deste: que muitos homens se fazem

---

(1) Segundo Bluteau e Moraes, na Beira emprega se a palavra *pousa* ou *pousada* para significar 5 ou 6 feixes de páo atados. Parece qua nesta accepção deve ser entendida a palavra *pousa* do texto.

N. do R.

ricos neste Brazil com somma de ambar que acham pelas praias, uns em muita, e outros em menos cantidade; em tanto que houve certo morador que achou tanta copia delle, que a muita cantidade lhe fez duvidar o poder ser o que tinha achado ambar, e o reputou por breu ou pez, e como tal se poz a brear com elle uma barca, que tinha posta em estaleiro pera o effeito, e continuou com a obra até que alguns compadres seus, que o viram occupado n'ella, o desenganaram do erro que fazia, e, com ter já gastado grande cantidade do ambar, ainda se ficou com muito.

ALV.—Isso parece dos contos do Trancoso, e, como tal, não me persuado a dar-lhe credito.

BRAN.—Não é senão pura verdade, e passou da maneira que o tenho relatado; e, porque não mendiguemos semelhantes acontecimentos por casas alheias, vos contarei um que me succedeu, e si duvidardes delle, em tempo me acho de poder verificar minha verdade com testemunhas dignas de fé. E o caso é este: estando eu no anno de oitenta e tres assistente na capitania de Pernambuco, na villa de Olinda, ao tempo de partir uma frota pera o Reino, que me trazia assaz occupado com o haver de escrever pera lá, chegou um criado meu, a quem trazia occupado no recebimento dos dizimos dos assucares, que então estavam a meu cargo, chamado por sobrenome o *Comilão*, e em grande segredo, despois de nos mettermos ambos em uma camara, me disse que, indo a buscar o dia antececente um pouco de peixe a uma rede que pescava no rio do Estremo, achara na praia grande cantidade de certa cousa, que logo me amostrou, com me metter na mão uma bola daquillo que dizia haver achado, a qual pesaria, segundo minha estimação, de seis pera sete arrateis, e que do semelhante era tanta a cantidade a que estava na praia, junto d'agua, que gastaram elle e dous negros, que comsigo levava, mais de tres horas em o acarretarem em uma fôrma, que fôra de

assucar, e dous cabaços, até pôrem tudo desviado da praia e caminho entre alguns mangues, e que elle junto fazia um arrezoado monte. Eu era então novo na terra, e não havia ainda visto nella nenhum ambar, posto que em Portugal me passára pela mão algum; mas, como era ambar gris, que vem da India, dava maravilhoso cheiro, com ser branco, e pelo contrario aquillo, que me o mancebo dizia haver achado, era uma cousa negra viscosa, que tinha o cheiro de azeite de peixe, e por esse respeito cobrei tanto asco de o ter nas mãos, que lancei a bola pela janella fóra entre umas ramas crescidas, ficando-me somente entre os dedos um pequeno papel em que o apertára, cousa de tres para quatro onças, as quaes acaso, por me despejar dellas, lancei dentro na gaveta de um escriptorio que tinha aberto ; e despedi o mancebo com lhe dizer que não tinha pera que fazer caso daquillo, que dizia haver achado, porque devia de ser alguma immundicie que sae á praia. Com isto se foi o pobre bem descuidado do muito que se lhe ia de entre as mãos. Passaram-se tres annos, dentro dos quaes veio a esta terra do Reino um parente meu de muita obrigação, o qual, querendo fazer volta outra vez pera lá, me foi necessario dar lhe um papel de importancia, pera que o levasse comsigo, o qual não achava, e por esse respeito o busquei por todas ae gavetas do escriptorio muito de espaço, e em uma dellas fui dar com o papel envolto n'aquella cousa que alli tinha lançado ; e como com o tempo tinha já gastado o ruim cheiro de azeite de peixe e cobrado outro muito bom, mostrou claramente ser ambar, e de se achar alli estive confuso por me não alembrar quando ou de que maneira o havia mettido n'aquella gaveta, ou donde me viera, todavia, examinando bem a memoria, vim a cahir no que havia precedido com não pequeno pezar. E imaginando poder ainda dar remedio ao que já o não tinha, mandei logo chamar o descobridor, que então era casado, e dando-lhe

conta do que passava, faltou pouco pera se enforcar, todavia nos puzemos a cavallo, indo á parte onde elle achára o ambar, com a qual elle já mal atinava, e por fim não achamos cousa nenhuma, com cahir na conta de que os caranguejos, aves, e mais immundicies o deveriam ter comido.

Alv.—Todavia esse foi estranho caso, e bem digno de se sentir a perda de tão grande haver, que não crêra haver passado desse modo, sinão affirmareis com tantas veras; mas esse ambar como podia ser preto, porque tenho pera mim que todo é branco e pardo.

Bran.—Neste nosso Brazil ha dous modos de ambar, um é branco e gris, que se acha na costa de Jaguaribe, o qual por ser tal se vende a onça delle a quatro mil réis e as vezes por mais, o outro é negro, que se acha desde Pernambuco até a Bahia, posto que tambem sahe do branco; mas o preto val de tres pera quatro cruzados a onça.

Alv.—Tão sentido estou do que me contastes haver-vos succedido, que não quero ouvir fallar mais em ambar; e assim nos passemos a tratar da quarta condição da riqueza do Brazil, pela ordem que as levaes enfiadas.

Bran.—Todavia, antes de começar a tratar o que me perguntaes, vos hei de contar uma graça ou historia que succedeu, ha poucos dias, neste Estado sobre o achar do ambar. Certo homem ia a pescar pera a parte da capitania do Rio Grande em uma enseada que alli faz a costa, e querendo se metter em uma jangada pera o effeito, lhe faltava uma pedra de que podesse fazer fateixa, e lançando os olhos pela praia vio uma, que, ao seu parecer, teve por accommodada pera isso, e, tomando-a, atou nella o cabo, e se metteu na jangada ir fazer sua pescaria; e, estando já na parte ueria, porque o vento lhe fazia desgarrar a a do porto, lançou a sua fateixa ao mar, a omo si fôra de cortiça, andava sobre agua;

e, vendo que lhe não aproveitava a diligencia que tinha feito com aquella fateixa, pois nadava, tornou pera terra ao tempo que chegava á praia um seu amigo, tambem pera haver de pescar com outra jangada, e dando-lhe conta do que lhe havia succedido com aquella pedra que nadava, o outro, que devia ser mais trefego, lhe disse que não tomasse por isso pena, porquanto elle se achava indisposto, e não determinava de pescar, que alli tinha a sua fateixa. de que se podia servir Aceitou-lhe o outro o offerecimento, e com ella se foi a sua pescaria, deixando a pedra nadadora nas mãos do que novamente chegára, que logo conheceu ser ambar, e tomado ás costas se recolheu e fez-se invisivel com ella, aproveitando-se de sua valia ; porque pesava quasi uma arroba

Alv. —Não foi máo lanço esse ; e posto que a riqueza se estrebuxe pelos homens por venturas, si é licito poder-se dizer assim, pera toda esta cousa de haver, principalmente pera o achar do ambar se requer grandissima ; e, porque ainda estou maguado do que me constastes, vos peço que torneis ao fio de vossa narração

Bran.—Parece-me que disse que o quarto modo, que havia no Brazil, pera se fazerem ricos seus moradores eram os algodões e madeiras ; pelo que tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidos em mais reputação, e deram mais proveito aos que nelle tratavam do que de presente dão.

Alv.—E qual é a causa disso ?

Bran. —Haver muito em Veneza e em outras partes, com que se abate o que levam do Brazil ; posto que a terra é tão caroavel de o produzir, que em qualquer parte se colhe grande cantidade de algodão. Planta-se de semente, e em brev tempo leva fructo, o qual se colhe despois de maduro e de vez, e tirado do coculo, aonde s o põem em rimas, e o deste modo se chama dão sujo, e o que se aparta da semente é o

E pera se haver de apartar della usam de uma invenção de dous eixos, que andam á roda, e passado por elles o algodão larga uma parte, que é a por onde se mette a semente, e pela outra vai lançando, por entre os eixos, o algodão, que se costumava a vender na terra a dous mil réis a arroba, com deixar muito proveito aos que o lavram, pelo pouco custo que na lavoura delle faziam; e no Reino se vendia a quatro mil réis a arroba, mas já agora, pelo respeito que disse, se vende tanto em uma parte como em outra por muito menos preço.

Alv.—E de que modo se leva esse algodão pera o Reino?

Bran.—Levam-no dentro em grandes sacos, que pera esse effeito fazem de angeo, onde se mette mui bem socado, de modo que a saca fica dura e tesa; e, como está apertado, não importa que o levem pera o Reino sobre a coberta dos navios, porque a chuva lhe não faz damno. E com isto me pareceque tenho dito o que basta dos algodões, dos quaes tambem neste Brazil se faz muito bom panno de serviço.

Alv.—Pois passemos a tratar das madeiras, que deve de ser cousa de mais importancia.

Bran.—Certamente que estimára muito não me metter em semelhante trabalho, pelo muito que ha que dizer acerca dessa materia; porque por cada parte que ponho os olhos, vejo frondosas arvores, entrebastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto, em todo o decurso do anno, gosam as arvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer na nossa Hespanha; antes, tanto que lhe cahe uma, lhe nasce immediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens, de modo que as alamedas de alemos e outras semelhantes plantas, que em Madrid,

Valhadolid e em outras villas e lugares de Castella se plantam e grangeam com tanta industria e curiosidade, pera formosura e recreação dos povos, lhe ficam muito atraz e quasi sem comparação uma cousa da outra ; porque aqui as matas, e bosques são naturaes. e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que, além de suas tapadas frescas folhas defenderem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gosam, não é bastante uma frecha despedida de um teso arco, por galhardo braço, a poder sobrepujar a sua alteza ; e destas semelhantes plantas e arvores ha tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contempl ção dellas, e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado d'aquella sorte. Donde certamente cuido que si neste Brazil houvera bons arbolarios, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e arvores muitos volumes de livros maiores que os de Diascorides ; porque gosam e encerram em si grandissimas virtudes e excellencias occultas, e enxerga-se o seu muito em algum pouco dellas, de que nos aproveitamos.

Alv.—Por essa maneira temos no Brazil outros novos campos de Thesalia ; porque tendes encarecido os seus com tão efficazes palavras, representando nellas tantas grandezas e excellencias. que me vem desejo de me transformar em um agreste pastor, somente pera poder gosar de tanta frescura.

Bran.—Não vos fôra mal, quando assim o fizesseis, porque em tudo quanto tenho dito fico certo a perder de vista pera o muito que podera dizer.

Alv.—Confesso que esses campos terão essa amenidade que representaes, mas nunca ouvi dizer que as plantas, que por elles se produzem, gosem de tantas virtudes medicinaes de que os fazeis abundantes.

Bran.—Não me quero distrair em mostrar a

verdade do que digo em contrario dessa vossa opinião ; porque seria metter-me em materia de que a sahida fôra difficultosa. Só vos direi dous exemplos, que experimentei e vi por proprios olhos, pelos quaes ficareis entendendo o mais que podéra relatar ; dos quaes o primeiro é que, tendo eu, em minha casa, uma mulatinha de pouca edade, que nella me nasceu, a quem queria muito pela haver criado, um escravo meu, com animo diabolico, estimulado de a menina me descobrir um furto, que elle havia feito, lhe deu peçonha, de tal sorte que em muito breve espaço inchou toda com uma côr denegrida, e, com apressado resfolego, escumava pela boca, os dentes cerrados, e olhos em alvo, mostrando n'isto e n'outras cousas todos os signaes de morte. Vendo eu a menina em tal estado, além de ficar pezaroso em extremo, imaginei, com firme presupposto, ser o accidente causado de peçonha, e que o autor de lh'a dar devia de ser o proprio escravo, que lh'a havia dado, porque tinha entre os taes nome de feiticeiro e arbolario ; pelo que fiz lançar mão delle, affirmando-lhe que não teria mais vida que em quanto a menina gozava della, porque sabia de certo haver-lhe elle dado peçonha ; com lhe dizer mais, e ainda mostrar que o queria fazer, que o havia de passar por entre os eixos do engenho, por tanto que procurasse com brevidade dar remedio ao mal que tinha feito, pôde tanto o temor destas ameaças com elle, que se obrigou a curar a enferma, á condição que lhe havia de dar licença pera poder ir ao mato buscar algumas hervas pera o effeito. Consenti no que me pedia, mas com o mandar aljavado com outro escravo ladino dos da terra, a quem encommendei em segredo que notasse bem a herva que colhia pera despois a ficar conhecendo, mas o outro foi tão matreiro que, por se guardar disso, colheu muitas e diversas hervas, entre as quaes o fez a de que tinha necessidade ; em fórma que o outro aljavado, que com elle ia, não pôde atinar que her-

va era a de que se havia de aproveitar. Tornaram ambos aonde eu os esperava, e o arbolario trazia já a herva desfeita entre as mãos e mastigada com os dentes ; e, em chegando, não fez mais que ir-se á atossigada e lançar-lhe o sumo della por dentro da bocca, que lhe abrio com uma colher, e juntamente pelos ouvidos e narizes, fazendo mais esfregação com ella nos pulsos e juntas do corpo,— ó cousa maravilhosa! que no instante abrio a menina os olhos e boca, e após isso, purgando grandemente por baixo e por riba, se lhe começou a desinchar o corpo, e dentro de um dia esteve sã como d'antes. E eu estranhamente magoado de não poder conhecer a herva, porque nunca pude acabar com o escravo, nem por ameaças nem por dadivas quelhe prometti, que m'a amostrasse; somente em um pequeno bagaco della, que lhe tomei dentre as mãos, enxerguei que era uma herva cabelluda.

Alv.—Houvera-o eu de obrigar com tormentos, porque antidoto tão preservativo e de tanta virtude era bem que fôra conhecido do mundo.

Barn.—Nada bastou com o escravo. O outro exemplo é que um escravo dos de Angola, de pouca importancia, vi tomar com as mãos muitas cobras peçonhentissimas, e ajuntal-as comsigo, as quaes, posto que o mordiam por muitas partes, lhe não faziam as taes mordeduras damno ; sendo assim que, em outras pessoas, as de semelhantes cobras matavam em vinte e quatro horas Deu-me maravilha o successo, e imaginei que devia de ser aquillo obra de palavras ou força de encantamento; mas todavia me desenganei que nem uma cousa nem outra era, porque, grangeando eu a vontade do negro com dadivas, me veio a amostrar umas raizes e outra herva, dizendo-me que toda a pessoa que trouxesse untadas as juntas do sumo d'aquella raiz, despois de bem mastigada na boca, podia com muita seguridade tomar nas mãos quantas cobras quizesse, sem temor de que a sua morde-

dura lhe fizesse damno por muito peçonhenta que a cobra fosse; e assim o experimentei, e fiz experimentar, e se experimenta ainda atè o dia de hoje entre os meus escravos. A herva que mais me deu era pera se haver de curar com ella aos que fossem mordidos de qualquer cobra, sem o preservativo que tenho dito; porque untado e bem esfregado com ella e com o seu sumo o lugar da mordedura, com outras diligencias que o escravo fazia de esfregações, sarava, como sararam infinidade de homens mordidos de semelhantes bichas peçonhentissimas com tanta facilidade como si foram mordidos de uma abelha. E porque este negro é morto, alguns escravos meus usam da mesma herva com grande utilidade.

Alv.—Pois haveis-me de fazer mercê de mandar a esses vossos escravos que me dêm uma pequena dessa raiz e herva, que as quero trazer sempre comigo pera o que succeder; mas folgarei de saber si a virtude da raiz e herva se extende a mais que a ser antidoto contra a peçonha da cobra.

Bran.—Não o tenho ainda experimentado por negligencia minha; mas, assim como ha neste Brazil semelhantes preservativos contra a peçonha, tambem ha muitas arvores e plantas que a dão finissima, de que os negros de Guiné se aproveitam com matarem de ordinario muitos dos seus semelhantes com ella.

Alv.—E quem mostrou a esses escravos o segredo dessa peçonha?

Bran.—Da sua terra vieram mestres della, e nesta fazem muito mal aos moradores com lhe matarem seus escravos. Mas parece-me que nos imos desviando de nossa pratica, que era havermos de tratar do modo que os habitantes deste Brazil se fazem ricos pela madeira, o que succede com lavrarem e serrarem muita, assim pera se fazerem caixas, em que encaixam os assucares, como muitos e bons chaprões, que se levam pera o Reino, e outras excellentes madeiras pera casas, e obras

primas de escriptorios, bofetes, leitos e outras semelhantes.

ALV.—E os proprios moradores são por ventura os que lavram e serram essas madeiras?

BRAN.—Não, porque a gente do Brazil é mais afidalgada do que imaginaes; antes a fazem serrar por seus escravos, e ha homem que faz serrar em cada um anno mil e dous mil caixões de assucar, que vendem aos senhores de engenho, lavradores e mercadores, a quatrocentos e cincoenta e a quinhentos réis cada um, segundo a falta ou abundancia que ha delles; e nisto se vê a grande quantidade de madeiras que ha neste Estado, que com haver tanto tempo que é povoado, fazendo-se todos os annos nelle tão grande numero de taboado pera caixões, não cessam as matas de terem madeiras pera outros muitos, e nunca faltarão nelles.

ALV.—E de que páos se lavram essas madeiras pera caixões?

BRAN.—Os caixões se fazem de páo molle, como são mungubas, buraremas, visgueiro, páo de gamella, camaçaris, e um páo que chamam d'alho, e outro branco; e dos taes ha diversas castas, porque pera caixões se busca sempre madeira molle, por ser mais facil de serrar.

ALV.—E pera chaprões que dizeis se levam pera o Reino, madeiras pera casas e outras obras, de que sorte dellas usam?

BRAN.—De muitas excellentes, as melhores que ha no mundo. E ha tanta cantidade das taes que não haverá homem que as possa conhecer, nem saber-lhe o nome pera as haver de nomear, de vinte partes a uma, ainda que o tal fosse carpinteiro, cujo officio não seja outro que cortal-as nas matas.

ALV.—Todavia folgarei que me digaes a calidade de algumas.

BRAN.—Por vos fazer a vontade me esforçarei a dizer algumas, das poucas a que sei o nome. E assim digo que as madeiras, de que tenho noticia,

e me alembra a calidade dellas, são estas: *assabengitas*, que é um páo amarello, que lança de si a mesma tinta, muito rijo; *jataúba vermelho*, de formosa côr; *piqueá*, muito rijo e de côr amarella; outro páo, que chamam *amarello*, excellente pera taboado; *jataúba*, de côr dourada; *massaranduba* e *cabaraiba*, ambos de côr roxa, maravilhosos pera obra prima, principalmente pera cadeiras; *jacarandá*, tão estimado em nossa Hespanha pera leitos e outras obras; *condurú*, páo de grande fortaleza, do qual se fazem bons chaprões; *sapopira*, de que se faz tambem o mesmo, e muitos carros, e tambem liames pera navios; *camaçarim*, apropriado pera taboado; outro páo chamado *d'arco*, porque se fazem delle de muita fortaleza e regidão; *zabucai*, tambem muito estimado pera eixos de engenhos e estearia; *canafistula*, de côr parda; *camará*, rigidissimo, e por esse respeito assaz estimado; *páo-ferro*, que lhe deram este nome por ser egual a elle na fortaleza; outro páo chamado *santo*, tão estimado e conhecido por toda a parte; *buraquihi*, assaz proveitoso; *angelim*, de que se faz tanto cabedal nas Indias Orientaes, e o incorrupto *cedro*, louvado na Escriptura; e assim *burapiroca*, louro, dos quaes se aproveitam pera armações de casas; *buraem*, de que se faz taboado pera navios, quasi incorrupto; *corpauba*, de uma côr preta, excellente; *orendeuba*, de uma galharda côr vermelha; e assim *guoanadim*, que se produzem por alagadiços e mangues, que se não dão senão pelo salgado. Outro páo, chamado *quiri*, que corta pelo ferro por ser mais duro que elle, cujo branco de fóra póde supprir a falta de marfim em qualquer obra, e o amago de dentro demostra as aguas e côres de um jaspe muito formoso; e da mesma maneira é outro páo, que vem de Jaguaribe. Estes poucos me occorreram á memoria entre os muitos de que podéra fazer menção, os quaes são todos das capitanias da parte do norte do cabo de Santo Agostinho; porque das do sul

tenho pouca noticia, por não haver andado por aquellas partes.

Alv.—Os dias passados vi nas mãos de um homem anciào um páo da grossura de uma manilha, que lhe servia de bordão. parecendo-me que era grande, e, como tal, devia de ser pesado pera o effeito, o tomei e achei tão leve, que quasi o não senti nas mãos; porque o era mais do que podéra ser uma meada de estopa.

Bran.—Esse páo ou, pera melhor dizer, canna se fórma de um junco grosso, chamado *tabua*, do qual se fazem esteiras; e quando é muito velho dá semelhante canna. Tambem ha outro páo que chamam de *jangada*, porque se fazem as taes delle pera andarem pelo mar, o qual é tambem levissimo, por esse respeito fazem delle os páos dos andores, em que andam as mulheres, da maneira que adiante direi.

Alv.—Não sei eu em que parte do mundo se poderão achar tantas e tão boas madeiras, como são as que tendes referido; e maravilho-me como Sua Magestade se não aproveita dellas pera fabrica de náos e galeões, os quaes podéra mandar lavrar a estas partes.

Bran.—Estando eu no Reino, no anno de seiscentos e sete, se quiz informar de mim o Conde Meirinho-mór, veador da fazenda de Sua Magestade, de duas cousas: uma si poderia mandar lavrar navios neste Estado, e a outra si haveria commodidade nelle pera se fazerem piques, porque, dizia, lhe custava trabalho mandal-os vir de fóra do Reino; ao que lhe respondi que não havia modo como si podessem alevantar neste Estado embarcações de importancia, porquanto as madeiras estavam já mui desviadas, pelos engenhos haverem consumido as de perto, e que assim custaria muita despeza o acarretal-as á borda d'agua; demais que seria difficultoso poder-se ter os officiaes necessarios pera a obra obrigados a ella, porque, posto que os mandassem do Reino á soldada, lo-

go se haviam de ausentar pela terra, de modo que não poderiam ser achados. Mas já hoje estou de differente opiniao; porque com a nova povoação do Maranhão e Pará, que é o rio das Amazonas, poderá Sua Magestade mandar fabricar naquellas partes muitas embarcações, onde se acham grande cantidade de madeiras á borda d'agua, da qual se podem aproveitar a pouco custo. E os officiaes, que pera o effeito mandar do Reino, não se poderão ausentar, por não haver ainda, em aquellas partes, fazendas nem povoações pela terra a'dentro, por onde se possam espalhar.

Alv.—Não é máo alvitre esse pera Sua Magestade lançar mão delle; porque creio que logo o deve de mandar pôr em execução. E dos piques que respondestes a esse ministro?

Bran.—Disse-lhe que se podiam fazer muitos e mui bons de um páo que havia na terra chamado *páo d'astea*, pelas fazer boas; e ainda, pera que experimentasse a verdade do que lhe dizia, me obriguei a lhe mandar desta terra, pera onde então estava de caminho, alguns piques lavrados, o que cumpri na fórma que lh'o promettêra, tanto que a ella cheguei, sem ter mais sobre a materia resposta.

Alv.—Estou maravilhado de vos ouvir nomear tanta diversidade de madeiras, que, pelos nomes differentes que lhes daes, entendo que devem de ser todas de differentes feições e calidades.

Bran.—Sim, são: em tanto que se parecem raramente, nem na folha nem no tronco, uma arvore com a outra. E não quero deixar em silencio duas cousas que vi de muita consideração, ambas na capitania da Parahyba; das quaes uma dellas foi um páo de gamella de muita grossura, que estava ôco por dentro, mas comtudo não secco, porque tinha a sua rama verde e perfeita, e dentro deste páo nascia outro de mangue, de grossura de sete palmos por roda, o qual penetrava, com o seu tronco inteiro mettido pelo outro, por dentro de

sua concavidade até responder com a rama, que era assaz grande, pelo mais alto, juntamente com a da outra arvore; porque nascia tão baralhada, que demostrava ser toda uma, e somente no modo das folhas se conhecia a differença; assim que as duas arvores se formavam de duas raizes, e de dous troncos differentes, estando uma dentro na outra. E a outra é haver visto, na serra da Copaova, uma arvore de summa grandeza, cavalgada sobre um alto penedo, que estava alevantado da terra mais de doze palmos, e as raizes da arvore, por uma parte e outra, a vinham buscar, donde tomavam o nutrimento pera o seu tronco e rama, sem poder acabar de entender o modo como semelhante planta podia nascer sobre aquelle penedo cavalgada, sem ter por meio terra, em que se sustentasse.

ALV.—Tendes-me contado tantas maravilhas, que não tenho essa por estranha, posto que o é assaz. Mas, pois haveis fallado em mangues, dizei-me si é verdade que tem as raizes de cima pera baixo; porque sou tão descuidado que ainda não olhei pera isso.

BRAN.—Os mangues nascem nos alagados entre rios que estão sujeitos aos fluxos e refluxos da maré, e os mais delles sobre vasa, dos quaes ha ahi duas castas, um vermelho e outro branco: o vermelho é mais rijo, e dá-se melhor na vasa, o outro branco é páo molle, e nasce um pouco mais desviado do salgado e em terra mais fixa; e todos botam as raizes de cima pera baixo, mas em mais cantidade o vermelho. E com isto ponhamos por hoje termo á nossa pratica, porque vos confesso de mim que não estou pera mais.

ALV.—Nunca sairei do que levardes gosto, mas á condição que nos tornemos a ajuntar amanhã nesta parte, ás horas costumadas, pera proseguirmos avante com o que nos resta por dizer.

DIALOGO QUARTO

Alv.—Hontem vos estive esperando toda a tarde neste mesmo ponto, e por faltardes delle me tornei a recolher mais cedo do que imaginava.

Bran.—Certa occasião foi causa de não poder cumprir com o que vos tinha promettido; mas, si se vai a dizer a verdade, quiz fazer pé atraz pera poder dar melhor salto sobre o que hoje havemos de tratar; porque a materia é tão facunda que requer muito estudo pera se proseguir, que do seu processo se debuxará mais ao vivo as riquezas e grandezas do Brazil, suppondo que as mais das cousas de que pretendo tratar são das capitanias da parte do norte, porque das do sul sei pouco por respeito de, como já disse outra vez, não haver andado por aquellas partes. Mas das que tenho entre mãos pera haver de tratar, ha tanto que dizer que não sei por onde comece.

Alv.—Dizei tudo a vulto, como melhor poderdes, em fórma que deis cumprimento ao que pretendeis, que é mostrar claramente as riquezas deste Estado.

Bran.—Sem grandes colloquics as podéra eu mostrar em uma só cousa, a qual é, e não o tenhaes por graça, que me esforçarei a provar, que, si as tres capitanias, que são a de Pernambnco, a de Itamaracá e a da Parahyba, quando foram todas de um senhor livre e isempto na jurisdicção e vassallagem, lhe haviam de render, em cada um anno, mais de um conto d'ouro.

Alv.—Todo o reino de Portugal, estou em dizer que não rende tanto a Sua Magestade, e vós quereis pôr em pratica que essas tres capitanias hajam de render tantos cruzados!

Bran.—Não são isto chimeras, nem phantasticos fingimentos, antes verdades que logo vos determino de mostrar a certeza dellas, como já tenho mostrado outras semelhantes; e assim me torno a reformar que, si as tres capitanias forem de senhor livre, ha de colher dellas de rendimento, em cada um anno, o que tenho dito; porque já vos mostrei, por conta, de como importavam os assucares, que se navegavam somente destas tres capitanias pera o Reino, pera a fazenda de Sua Magestade, nos direitos que pagam ás alfandegas, mais de trezentos mil cruzados, e tantos havia de colher o senhor livre dos mesmos direitos por sahida, quando deixasse navegar os taes assucares, cada um pera a parte donde os quizesse levar; sessenta e tantos mil cruzados dos que importa mais o dizimo dellas; dez ou doze mil das penções, que se pagam aos senhorios e capitães, e se haviam de pagar a elle, pois o ficava sendo, e outro sim quarenta mil cruzados, que importam o rendimento do páo do brazil, e da mesma maneira o que haviam de pagar de direitos por entrada, a razão de 21 (?) por cento, as fazendas e mercadorias que viessem, e se navegassem de todas as partes pera as ditas tres capitanias, que conforme a minha estimação deviam de importar ao redor de cento e cincoenta mil cruzados. E tudo isto é cousa que está já sabida, no que não póde haver duvida; e o que ainda se não sabe, nem experimentou, de que póde colher tambem muito rendimento, é a saber: pimenta da India, que póde fazer plantar e colher pelo modo que tenho dito, e outra diversidade de castas, que ha della, excellentes e assaz estimadas dos extrangeiros, cantidade grande de malagueta, a qual se dá e colhe pelos matos silvestres, sem beneficio nenhum, em abundancia; gengibre, que póde mandar cultivar por a terra ser muito caroavel de o dar, o qual, navegado pera Frandes e outras terras de extrangeiros, deixará muito proveito; infinidade de anil que póde man-

dar lavrar, porque a herva, de que se faz (a qual na India e Indias se planta e grangea com cuidado e diligencia), aqui nasce pelos campos em tanta cantidade, sem nenhum beneficio, que se póde lavrar della grande somma de semelhante droga. Por maneira que todas estas cousas postas em uso, e juntas com as que já estão postas, devem de dar de rendimento ao tal senhor, quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais do milhão d'ouro, de que vos maravilhastes.

ALV.—Não duvido que, quando essas cousas viessem a lume, poderia succeder desse modo; mas, emquanto não estão em uso, não temos pera que fazer caso dellas, e assim vos peço que nos passemos á nossa pratica de que cuido que a de presente deve de ser de como se fazem os moradores deste Estado ricos pela lavoura.

BRAN.—Assim o farei, posto que tinha pera dar resposta mui concluinte a essa vossa duvida. E vindo ao que nos importa, pera havermos de levar enfiado o que temos pera dizer acerca da lavoura, convem que comecemos primeiramente pelos mantimentos.

ALV.—Assim me parece ser razão que o façaes, porque delles tem principio todo o modo de lavoura, e por elles se exercita com tanto cuidado e diligencia.

BRAN.—Os mantimentos, de que se sustentam os moradores do Brazil brancos, indios e escravos de Guiné, são diversos, uns summamente bons, e outros não tanto; dos quaes os principaes e melhores são tres, e destes occupa o primeiro lugar a mandioca, que é a raiz de um páo, que se planta de estaca, o qual, em tempo de um anno, está em perfeição de se poder comer; e, por este mantimento se fazer de raiz de páo, lhe chamam em Portugal *farinha de páo*.

ALV.—Assim é: quando querem vituperar o Brazil, a principal cousa que lhe oppõem de máo é dizerem que nelle se come farinha de páo.

Bran.—Pois essa farinha é um excellente mantimento, e tal que se lhe póde attribuir meritamente o segundo lugar despois do trigo, com exceder a todos os demais mantimentos, de que se aproveita o mundo.

Alv.—Pois dizei-me o modo que se guarda pera se haver de pôr esse mantimento em perfeição de se poder usar delle ?

Bran.—Faz-se desta maneira: despois de estar assasonada, se tira aquella raiz debaixo da terra, que é de grossura de um braço, e ás vezes mais cumprida, a qual, despois de limpa da casca de fóra, a ralam em uma roda que pera isso têm feita, forrados os seus extremos de cobre, a modo de ralo, e despois lhe expremem todo o sumo muito bem em uma prensa, que pera o effeito se faz; e assim como tiram a mandioca da prensa, a vão pondo de parte feita em umas bolas, das quaes a desfazem pera a cozerem em uns fornos, que pera isso se lavram de barro, a modo de tachas, com fogo brando, e deste modo fica feita a farinha; mas pera ser boa lhe hão de lançar tapioca, e quanto mais lhe lançam, tanto melhor dá a farinha, das quaes a feita por este modo se chama farinha *de guerra*, que dura grande espaço de tempo sem corrupção e a levam pera comer no mar.

Alv.—E que cousa é essa tapioca, que dizeis se lança nella ?

Bran.—Compõe-se da agua ou sumo que se expreme da mesma mandioca; porque, despois de junta em um vaso, cria pó por baixo, a modo de farinha de Alemtejo, muito alva, e lançada a agua que está por cima fóra della, fica a que se chama *tapioca*, que é o que disse que se misturava com a farinha. E pera mantéos engommados e outras cousas semelhantes é muito melhor que a gomma que se faz em Portugal; mas ha nisto uma cousa notavel, que aquella agua ou sumo, que se lança do vaso, despois de se tirar a tapioca,

é peçonha finissima, a qual toda a pessoa ou alimaria, que a come ou bebe, morre sem remedio, e ainda despois de lançada na terra se fórma daquella humidade uns bichos que, si os tomarem seccos e os fizerem em pó, fica sendo o mais fino apurado veneno de todos quantos se podem imaginar.

Alv —Não tenho eu por muito sadio o mantimento, donde tão grande veneno se fórma.

Bran.—Pois tambem vos direi mais: que tambem a raiz, antes de se lhe fazer o beneficio que tenho dito, é veneno e mata a quem a come, excepto uma sorte de semelhante raiz, a que chamam *macacheira*; porque esta tal se come assada e cozida, com ter o sabor das castanhas da nossa terra; e comtudo a de outra sorte, posto que é tão peçonhenta, preparada como tenho dito, fica sendo mantimento assaz sadio e muito acommodado pera a natureza humana, e não se sabe haver nunca feito mal a ninguem por nenhuma via.

Alv.—Pois si a sorte dessa mandioca é peçonhenta, como tendes dito, e a outra não, porque se não usa antes da que o não é?

Alv.—Não o fazem, porque, como a que não faz damno se póde comer sem beneficio, furtam muito della por ser mantimento que sempre está no campo, e o vão tirar delle quando o querem comer; e assim fica sujeita aos ladrões, os quaes se inclinam a furtarem daquella de que se aproveitam logo sem beneficio. E ainda, além do modo que tenho dito, ha outro, com o qual se faz esta farinha mais regalada, de que usa a gente nobre e mimosa, por ser de muito bom gosto.

Alv.—Pois dizei-me o modo como isso se faz.

Bran.—Tomam a mandioca despois de colhida e lançam-na de molho em agua corrente, porque é melhor, até apodrecer, e podre a despem da casca, e a desfazem entre as mãos; e, desfeita, a põem a cozer no forno, que já disse, e como está cozida a comem assim fresca; e quanto mais

quente, melhor, com ficar de tanto gosto que muitas pessoas regeitam pão alvo muito bom por ella. Tambem se faz da mandioca, despois de ralada em fresco, umas como obreias, a que chamam *beijús*, e por outro nome tapioca, das quaes se servem na mesa em lugar de pão, e duram muitos dias.

Alv.—Ides transformando essa mandioca em tantos modos, que ficará tendo mais côres que um sardão.

Bran.—Pois ainda se fazem mais transformações della, a qual é que, despois da mandioca estar podre n'agua, pelo modo que tenho mostrado, porque a que está desta maneira se chama *mandioca puba*, lhe tiram a casca, e a põem no fumeiro, donde, despois de estar curada e secca, se chama *carimá*, e se faz della uma excellente farinha, de que se fazem umas papas em caldo de gallinha e de peixe, e tambem com assucar; as quaes são de maravilhoso gosto e de muito nutrimento, e tambem as applicam pera mantimento de enfermos com muita vitalidade dos taes, e a este semelhante manjar dão por nome *mingáo*.

Alv.—Pois dizei-me por que preço se vende um alqueire de farinha ordinaria, e quanta cantidade della é necessaria pera sustentação de um homem?

Bran.—Os alqueires destas capitanias são maiores que os do Reino duas vezes e meia, em fórma que um alqueire dos de cá responde por dous e meio dos de Portugal; um alqueire dos semelhantes é bastante pera sustentar a um homem por espaço de um mez, e val a duzentos e cincoenta réis e a trezentos, e ás vezes é mais barata, segundo a falta ou abundancia que ha della.

Alv.—Já que tendes dado o primeiro lugar de bondade entre os mantimentos do Brazil á mandioca, dizei-me agora qual é o segundo de que seus moradores se aproveitam?

Bran.—O mantimento que occupa o segundo

lugar (posto que em muitas partes do mundo se tem pelo primeiro) é o arroz, que nesta provincia se produz em muita abundancia á custa de pouco trabalho ; mas os seus moradores, por respeito da mandioca, de que já tenho tratado, plantam muito pouco, porque reputam quasi por fruta e não mantimento, por acharem a farinha de mais sustancia.

Alv.—Pois não devêra de ser assim, que o arroz é excellente, e por ser tal se sustenta delle a maior parte da Asia.

Bran.—Assim passa, mas os moradores desta terra aproveitam mais da mandioca, com lhes custar mais trabalho o uso della ; porque o arroz se produz com facilidade por qualquer parte, e nas terras alagadas, que não servem pera outra cousa, se dá melhor. Verdade é que, por se não traspor, como se faz na India, não amadurece todo junto, e por esse respeito dá trabalho a sua colheita ; mas por outra parte a facilita, com se deixar colher dous e tres annos, e dar outras tantas novidades ; porque o rastolho que fica, quando não é trilhado e destruido das alimarias, na entrada do mais proximo inverno torna outra vez a reverdecer de novo e a levar fructo perfeito.

Alv.—Passemo-nos agora a tratar do terceiro modo de mantimento, de que haveis dito se fazia caso por ser bom.

Bran.—Esse terceiro é o milho de massaroca, que em nosso Portugal chamam *zaburro* e nas Indias Occidentaes *mais*, e entre os Indios naturaes da terra *abaty* : é mantimento mui proveitoso pera sustentação dos escravos de Guiné e Indios, porque se come assado e cosido e tambem em bolos, os quaes são muito gostosos, emquanto estão quentes, que se fazem delle, despois de feito em farinha ; (1) e pera sustentação de cavallos é

———

(1) Parece que se deve ler :—*se come... em bolos que se fazem delle depois de feito em farinha, os quaes são muito gostosos, emquanto estão quentes,*

N. do R.

mantimento de grande importancia, e pera criação de aves.

Alv.—Pelo menos nas Indias se tem por tal, e se usa geralmente delle.

Bran —Pois nesta terra se dá á custa de pouco trabalho, antes com muita facilidade, em tanto que em cada um anno se colhem duas novidades delle.

Alv.—Não sei como isso possa ser, si não quereis attribuir a esta provincia dous invernos.

Bran.—Não ha senão um somente, como já tenho dito, mas as duas novidades se colhem deste modo: com as primeiras aguas, que chovem na entrada de Fevereiro pouco mais ou menos, que é o principio do inverno, se planta, e, quando vem no mez de maio, se colhe, porque já então está perfeito, e logo o tornam a semear na propria terra, e segunda vez leva fructo, que se colhe por Agosto.

Alv.—Fertilissima deve de ser a terra que dá duas novidades no anno.

Bran.—E' tanto que ainda de alguns fructos dá tres, como adiante direi. E estes são as tres sortes de mantimentos principaes de que se usa no Brazil.

Alv.—Não vos vejo fazer menção do trigo, centeio e cevada, nem milho, mantimentos tão estimados na nossa Hespanha e por toda a Europa, e assim em geral na mór parte do mundo, pelo que me parece que os não deve de produzir a terra

Bran.—Por me não envergonhar a mim e aos demais moradores deste Estado, desviava me de mover pratica sobre esses mantimentos, os quaes não produz a terra, não por culpa sua, senão pela pouca curiosidade e menos industria dos que a habitam; porque eu semeei já por duas ou tres vezes na capitania de Pernambuco trigo, do qual a verdadeira sementeira deve de ser por São Pedro, fim de Junho, pouco mais ou menos, porque o tal tempo corresponde, na qualidade, com o da semen-

teira de Portugal; do qual trigo deixei crescer uma parte delle na forma que fòra semeado, e a segunda parte lhe metti a fouce pera que tornasse atraz, e a terceira seguei da mesma maneira duas vezes; todo este trigo veio á perfeição, posto que o que foi segado deu melhores espigas, do qual colhi perto de um alqueire delle, por a semente não ser pera mais; e cada um grão filhava de maneira que correspondia com cinco e seis espigas. Verdade seja que algumas dellas eram faulhentas, mas o trabalho desta sementeira está em que o trigo não amadurece todo junto, antes quando umas espigas estão de todo perfeitas, outras estão em leite e algumas começam de botar pendão; pelo que foi necessario segarem-se as espigas gradas e maduras, com deixar ficar as outras, o que dá muito trabalho.

Alv.—E pera se haver de emendar essa falta se usaria de alguma industria?

Bran.—Entendo que sim; porque no anno de noventa e nove em Portugal, tratando eu da materia com um fidalgo velho Austuriano, me veio a dizer que na terra aonde vivia estava uma grande varzea, da qual nunca se aproveitaram por dar o trigo da mesma maneira, respeito de sua muita fertilidade; mas de poucos annos a esta parte usaram de um excellente remedio, com o qual dava já trigo perfeito, com grandar todo junto, pera se poder segar; o qual remedio era que, despois do trigo semeado e sahir da terra quasi um palmo, lhe tornavam a metter o arado de novo, pera que se arrancasse e espedaçasse assim em a terra amainando de sua furia, e por esta maneira vinha a levar a novidade egualmente como o demais trigo; pelo que despois de eu tornar a esta, quiz fazer experiencia do que o Austuriano me dissera, com traspor uns grãos de trigo que semeei em terra fertil, a qual foi tomando o fructo todo por um, e da mesma maneira começava a grandar; mas não chegou á per-

feição, porque um anouteceu todo comido dos passaros.

Alv.—Pois, porque não tornastes a segundar com a experiencia?

Bran.—Porque se me communica tambem o mal da negligencia dos naturaes da terra; mas o que acerca disto entendo é que, si fôr plantado o trigo nas campinas, que é terra arisca, dará fructo perfeito, sem mais outra diligencia; posto que o não experimentei, porque as que fiz até agora todas foram em terra de varzea de massapês, fertilissimas, aonde devisijava (?) o trigo muito, o que não deve de fazer nas campinas por ser terra fraca.

Alv.—Em verdade que tenho paixão de ver a pouca curiosidade dos habitantes desta provincia, pois se lhe não alevantam os espiritos pera fazerem experiencia de cousa tão importante, e de que tanta utilidade se seguirá a todos. Mas que me dizeis da cevada, centeio e milho?

Bran.—Do centeio e cevada não tenho ainda feito experiencia, mas do milho sim, o qual se dá melhor e em mais cantidade do que se dá em Portugal; mas não se usa delle, porque a gente desta terra se contenta somente com aquillo que os passados deixaram em uso, sem quererem anadir outras novidades de novo, ainda que entendam claramente que se lhes ha de conseguir do uso dellas muita utilidade, de maneira que se vem a mostrar nisto serem todos padrastos do Brazil, com lhes ser elle madre assaz benigna.

Alv.—Não sei que diga a tanto descuido e negligencia, senão que são todos ingratos a Deus, em não se saberem aproveitar dos beneficios que lhe faz e promette neste Estado; posto que tambem creio haver de vir ainda pera o futuro quem lance mão delles. Mas parece-me que haveis dito que, além dos tres mantimentos, cuja calidade e natureza tendes referido, havia ainda outros.

Bran.—Sim, ha, os quaes aproveitam pera o tempo da esterilidade, posto que raramente succede

havel-a nesta terra; os quaes são estes: o primeiro a raiz do *caravatá*, que se dá pelos campos sem nenhum beneficio, da qual se faz farinha de boa sustentação; o segundo é as folhas da mandioca cosidas, a que chamam *manissoba*, as quaes são tambem excellentes pera tempo de fome, e ainda sem ella a usam muitas pessoas por mantimento; o terceiro é o fructo de uma arvore grande, a que chamam *comary* (?), o qual serve tambem de mantimento; o quarto uns coquinhos que pelo nome da terra se chamam *aquês*. Estes taes se colhem dos pequenos coqueiros, em que se dão em cachos despeis de maduros, e se espreme delles uma substancia doce e gostosa, que se lhe tira d'entre a casca, espremidos com as mãos dentro na agua e de tudo junto, sendo cosido ao fogo, se formam umas papas que comem, e com ellas juntamente os coquinhos, que estão dentro no caroço, despois de esbrugado e partido; e deste mantimento se sustenta grande parte do gentio da terra e dos negros de Guiné. O quinto é a raiz de um sipó, a que chamam *macuna*, a qual desfazem em farinha, que comem despois de cosida.

Alv.—Dizeis que esses mantimentos, que tendes referido, servem pera tempo de necessidade, de fome, e eu não sei como isso possa ser, porque, quando a esterilidade é geral, abrange a todas as sementeiras, fructos e plantas.

Bran.—Verdade é que em Hespanha succede isso dessa maneira, mais aqui no Brazil não; porque todas estas cousas nascem pelos campos sem beneficio nenhum, com serem agrestes e sempre, de qualquer maneira que o tempo curse, se acham por elles em abundancia.

Alv.—Por essa maneira não se deve de arreceiar a fome neste Estado.

Bran.—Quando a haja, nunca perece por causa d'ella gente, porque usam de semelhantes remedios, e com isto passemos avante, ainda que vos confesso que se me representam ante os olhos tantas

cousas sobre que haver de tratar, que receio de me metter em tão grande labyrintho, mas já que tenho tomado a minha conta o haver de dizer das grandezas do Brazil, irei mostrando primeiramente a grande fertilidade de seus campos, e despois formarei uma fresca horta abundante de diversidades de cousas, e logo irei ordenando um pomar bastecido de diversas arvores e com excellentes pomos, e da mesma maneira um jardim povoado de flores e boninas sem conto. E então julgareis si se pode dar ao Brazil nome de ruim terra, como de principio lhe quizestes chamar.

Alv. —Já vejo que me enganava, e pera que de todo me acabe de desenganar, vos peço que leveis essa ordem, porque me parece maravilhosa.

Bran.—Quero dar o primeiro lugar dos legumes desta terra ás favas, porque são per extremo boas, e na grandeza e gosto muito melhores que as de Portugal; mas a planta é differente, assim na folha, como no modo della, porque a de cá trepa como hera, colhem-se verdes e seccas, e de ambas as maneiras são excellentes.

Alv.—Não se devem de dar na terra de Portugal, pois se não usa dellas.

Bran.—Sim, dão; mas os moradores deste Brazil querem se aproveitar antes de est'outras, por serem naturaes d'elle e se grangearem com menos trabalho, com darem mais rendimento no fructo. O outro legume tambem muito bom são feijões, como os nossos de Portugal, que se dão em grande cantidade, dos quaes tambem usam em verde e despois de seccos. Tambem se colhem na terra muitas ervilhas, das quaes se aproveitam do modo que o fazem em Portugal; e da mesma maneira ha outros feijões de differente feição, que se chamam *gandus*, os quaes vieram aqui de Angola, e se dão em arvores, não muito grandes, com serem de excellente gosto e reputados por maravilhoso legume.

Alv.—Nunca ouvi que se dessem feijões em arvores.

Bran.—Pois estes são de differente casta, e por isso produzem nellas. E da mesma maneira se acham outros feijões, que nascem em bainhas, chamados *sapotaja*. Tambem ha um modo de milho, semelhante ao que chamam *nachenim* na India, antes entendo que é o proprio; o qual se trouxe de Angola, que os escravos chamam *massa-gergelim*, se produz de tão boamente que de pequena sementeira delle se apanha grande colheita. Outra sorte de legume ha a que chamam *amendoim*, que são de feição de bolotas, e dentro de cada coculo tem dous pinhões maravilhosos na substancia e gosto, comem-se assados e cosidos e tambem crús, sem nenhum beneficio. E outro chamado *passendo*, a modo de canna, que se tem por legume. E da mesma maneira ha uma raiz que se colhe debaixo da terra, chamada *tamotarana*, assaz gostosa. E pelo conseguinte outra a que dão nome *tajoba*; e outra chamada *tauá*, que todas são raizes de muita sustancia.

Alv.—Ides formando tantos legumes, que já cuido que lhe ficam os que se acham em Hespanha inferiores.

Bran.—Pois tenho muito que dizer delles, porque ha uns como aboboras, a que no Reino chamam de *Guiné*, e antes cuido serem as proprias, de duas sortes, das quaes a uma se chama *geremú*, e a outra *geremú-pacova*, que servem de mantimento, do qual se sustenta muita gente, por ser de grande sustancia, e se come assado e cosido, e quando se lhe ajunta azeite e vinagre, póde fazer postoleta (1) na mesa dos grandes, pera os quaes se compõem tambem em assucar, com serem muito estimados, e conservam-se muitos dias sem apodrecerem.

Alv.—Tambem em Portugal se guarda essa

---

(1) Pode figurar, apparecer.

N. do R.

abobora, a que daes o nome de *geremú*, muito tempo sem corrupção.

Bran.—Pois aqui no Brazil se dão muito melhores. Tambem ha muitas aboboras, a que chamam de *cabaço*, de summa grandeza, e outras mais pequenas, que se comem. E das grandes vi algumas que levavam dentro em si dous alqueires e meio de farinha, que são cinco de Portugal.

Alv.—Onde ha semelhantes cabaças, podem-se escusar sacos, porque alojam pouco mais dentro em si.

Bran.—Pois assim passa ; e si quizerdes vel-os vol-os amostrarei, porque vos não fique escrupulo. Tambem se produzem na terra muitas e excellentes batatas, muito melhores das que se levam a Portugal, de que se fazem bocados, doces maravilhosos e batatadas em panellas, como marmelada, e tambem se comem assadas e cosidas. Da mesma maneira se produzem muitos e bons inhames e outra casta d'elles chamados *carás*, que são da mesma especie, mas muito maiores ; e todos estes legumes, que o são na realidade da verdade, se guardam em casa, aonde duram muitos dias livres de podridão, e sobretudo o mais excellente legume de todos são umas castanhas que chamam de *cajú*, muito gostosas no comer e de muito nutrimento, que se conservam longo tempo, e se comem assadas, e da mesma maneira se servem dellas pera tudo em lugar de amendoas.

Alv.—Tendes nomeado tantos e tão diversos modos de legumes, que é necessario uma cartilha pera se poder estudar o nome delles ; mas folgára de saber porque se não aproveitam tambem de grãos, chicharos, lentilhas, tremosos de nosso Portugal, de que cuido deve de ser a causa não os produzir a terra.

Bran.—Sim, produz, porque eu semeei semelhantes legumes, posto que em pequena cantidade e deram fructo. E de se não usar delles, não sei

dar outra causa senão a geral enfermidade do Brazil, que já tenho apontado.

Alv.—Quanto mais me dizeis disso, tanto vou concebendo da terra melhor opinião, e de seus moradores muito má.

Bran.—Dizei quanto quizerdes sobre essa materia, porque tenho a culpa geral por tão grande, que commetteria erro quem os quizesse defender; mas já que imos tratando dos fructos, que os campos produzem, quero vos mostrar que são taes estes brazilienses, que lhe ficam muito atraz os Eliseos tão celebrados dos poetas em seus fingimentos, e da mesma maneira o fabuloso paraiso do torpe Mafamede, do qual põem a felicidade em que corriam por elles rios de mel e de manteiga; porque estes nossos campos, com serem naturaes e não sonhados pera se fabricarem na idéa, correspondem gozando d'aquellas cousas que, com tanto estudo de fingimentos, se representaram; porque nestes nossos campos achareis rios de mel excellentissimo, e de manteiga maravilhosa, de que se aproveitam seus moradores com pouco trabalho.

Alv.—Não sei como isso possa ser.

Bran —Pois crede-me que assim passa; porque pelas muitas arvores, de que abundam os campos, nas tocas dellas criam o seu favo de mel innumeraveis abelhas, e tambem na terra por buracos della em tanta cantidade, que pera se haver de colher não é necessario mais que um machado, com o qual a poucos golpes se fura a arvore, e um vaso pera recolher o mel, que de si lança, que é em tanta cantidade que somente delle, sem mais outro mantimento, se sustentam muitas gentes, como adiante, quando tratar dos costumes do gentio, direi. E além do mel que se colhe por esta via, se acha um fructo agreste chamado *piqueá* a modo de uma laranja, dentro do qual se tira mel maravilhoso, como clarificado, que se come com colher. E estes se podem chamar verdadeiros rios de mel

e não os fabulosos e os mahometanos ; pois si os quereis buscar de manteiga, dar-vos-hei pelos campos cantidade grande della no muito leite, que por elle se colhe, de vaccas, cabras e ovelhas, do qual se compõe maravilhosa manteiga, e da mesma maneira outra muita que se faz dos porcos, dos quaes ha cantidade grande neste Estado, assim domesticos, comos agrestes.

Alv.—Não ha quem possa ir contra isso ; porque claramente vejo que assim passa, e que temos entre as mãos os verdadeiros campos Eliseos fingidos dos poetas.

Bran.—Não para aqui, porque outras muitas cousas tenho ainda que vos mostrar nelles, das quaes a primeira quero que seja cantidade grande de vinhos, que se acham pelos seus matos, posto-que não do nosso de Portugal, que se faz das uvas, e não porque a terra o não daria muito bom, mas por descuido dos que a habitam, como adiante direi ; mas de outros que se acham em grande cantidade, como é o vinho que se faz do sumo das cannas de assucar, que pera o gentio da terra e escravos de Guiné é maravilhoso ; e outro que se faz do mesmo assucar com especiaria, a modo de aloxa, que para os brancos é cousa mui regalada. Tambem se faz vinho de mel de abelhas, misturado com agua, de muito gosto e assaz proveitoso pera a saúde de quem o costuma beber. Outro vinho, de uma fructa chamada *cajú*, de que abundam os campos, do qual se aproveita muita gente branca ; vinho de palma, da sorte que se usa na Cafraria, de que se póde fazer muita cantidade, por abundar a terra de semelhantes plantas ; tambem o vinho que se faz dos coqueiros, da seiva que se tira delles, tão usado na India, do qual os moradores desta terra ainda se não aproveitam pelo costume geral que tenho apontado.

Alv.—Com tantas sortes de vinhos bem se poderão escusar os que trazem das Canarias e Ilha da Madeira, principalmente com esse que di-

zeis que semelha á aloxa, a que sou muito affeiçoado.

BRAN.—Pois os que apontei se acham em muita abundancia. E já que temos tratado delles, vos quero agora mostrar a muita cantidade de azeites, que se dão pelos campos sem cultura nenhuma: primeiramente se colhe muito bom azeite de comer, e não pouco, do fructo de uma arvore chamada *Abatiputá*, que nasce agreste por esses campos, e de outra fructa, chamada *inhanduroba*, do tamanho de um pecego, que dá dentro umas favas, se faz grande copia de azeite maravilhoso pera se allumiar com elle, com ter outra excellencia (que não é ?) pouco de estimar, a qual é que os bichos, nem aves por nenhum caso comem delle. Tambem de uns pinhões, que se chamam de *purga*, se colhe muito com a mesma propriedade. De muitas figueiras de inferno, de que a terra abunda, se faz tambem muito azeite, principalmente de uma sorte dellas de differente casta, que dá umas bolotas do tamanho de avelães, das quaes, tirado o miolo de dentro, se desfaz todo em azeite, sem lhe ficar nenhum bagaço; em tanto que, despois de ser pisada, sem mais beneficio, póde servir em lugar de sevo (1) pera todas as unturas, que delle se quizerem fazer, e pera unguentos e cura de chagas se tem por muito bom; e tanta copia de azeite encerra dentro em si esta fructinha, que enfiada em um páo allumia, como candeia, emquanto lhe dura o nutrimento que é por grande espaço. Tambem se póde fazer azeite de coco, como se usa na India, porque se dão aqui grandemente os coqueiros; mas a manqueira tantas vezes apontada dos brazilienses lhes impede usarem deste beneficio.

ALV.—Não póde padecer falta de azeite terra que tanta calidade tem delle.

BRAN.—Mui bem podera escusar o que vem do

---

(1) Sebo.

N. do R.

Reino, e da mesma maneira outras muitas cousas, como no decurso de nossa pratica ireis vendo, das quaes a principal fôra o panno de linho e mais sorte de lençaria; porque na propria terra se podera fazer muito.

Alv.—E de que modo?

Bran.—Já vos tenho dito do muito algodão que aqui se colhe, pois na India se faz delle tanta sorte de lençaria, porque se não fará tambem nestas partes, quando seus habitadores se quizerem dispor a isso? Demais do algodão, se acha pelos campos umas folhas de uma arvore, a que se dá o nome de *tucum*, da qual se tira o fiado assaz fino e rijo, e por extremo bom; e deste é que se faz a pita, tão estimada em Hespanha, que vem das Indias, e com se dar nesta terra melhor e em mais cantidade, não se aproveitam della. Tambem se acha uma planta agreste, chamada *caraoatá*, que dá grande copia de linho fino e assaz proveitoso; e assim de todas estas cousas, que se acham pelo campo, se podéra lavrar toda sorte de lençaria.

Alv.—Posto que tudo isso seja muito bom, o nosso linho é cousa excellente e estimado do mundo por tal.

Bran.—Ninguem poderá encontrar essa verdade, o qual tambem se produziria nesta provincia em grande cantidade, de modo que se pudesse levar delle por mercancia pera Hespanha, principalmente do que chamam canhamo, mas não usam delle.

Alv.—Pois não devêra ser assim, porque o linho, como é cousa de tanta importancia, em toda parte se devêra estimar.

Bran.—Isso é cousa que não leva remedio, como já disse, e pera que vejaes mais claramente a riqueza da terra, vos quero amostrar, pelos campos, finissima lã, da qual se poderão aproveitar pera pannos, dos que se fazem della, e em forros de vestidos, enchimento de colchões, travesseiros e almofadas.

Alv.—Pois, si pelos campos pastam as ovelhas e carneiros, quem duvida que delles se possa tirar essa lã ?

Bran.—Verdade é que esses carneiros e ovelhas a poderão dar em abundancia; mas não é essa a sorte de lã de que eu trato, senão de outra differente especie, que produz uma arvore, chamada *monguba*, a qual é a lanujem sobre que havemos começado esta pratica, que sem duvida fará muito bons pannos e chapeos. Tambem ha outra arvore, a que não sei o nome, que produz um fructo do tamanho de uma pinha, quadrangular, dentro no qual se acha um modo de lã, que tenho pera mim ser a mesma que na India chamam *panha*, maravilhosa pera enchimento de tudo o que é necessario ser cheio pera o serviço da cama, e vestidos, e outras cousas. E ainda, além desta *panha* de que abundam os campos, se fazem arrezoados colchões, dos quaes se serve muita gente branca, de um junco chamado *tabúa*, que se cria por terras alagadas, o qual, por ter corpo e bastante grossura, dá bom jazigo com ser muito quente, pois pera esteiras ha diversidade de castas de juncos, de que se podem fazer muito finas.

Alv.—Já me tendes mostrado por estes campos americanos mantimentos e legumes bastantes pera sustentação de muita gente, e da mesma maneira mel, manteiga, vinhos, azeite, pannos de lençaria e outros de lã, camas brandas pera se repouzar nellas, não espero agora senão que me deis casas pera morar.

Bran.—E que será quando vol-as der ?

Alv.—Isso é cousa impossivel, si não buscardes Urganda pera que vol-as fabrique por encantamento.

Bran.—Pois não o tenhaes por tal ; porque, sem industria de pedreiros, nem compassos de carpinteiros, nem maço de ferreiros, nem adjuctorio de oleiros, se alevantam neste Estado muito boas casas, de cousas que se colhem pelo campo.

Alv.—Pois dizei-me o modo, e não me tenhaes mais suspenso.

Bran.—Já vos tenho dito das muitas madeiras que ha nesta terra. Estas se mandam cortar por escravos, com as quaes se alevantam casas de duas aguas; e em lugar de pregos se servem de dous modos de cordas, com que se amarram e seguram as taes madeiras; a uma dellas chamada *sipó*, e a outra *timbó*, que são tão boas e tão fortes pera o effeito, que se traz por commum adagio que, si não houvera sipó, não se podéra povoar o Brazil, pelas diversas cousas de que se aproveitam delle. Esta casa armada por este modo fica tambem facil a cobertura della; porque dos mesmos campos colhem uma herva a que chamam *sapê*, que serve em lugar de telha, e tem de bondade ser mais quente que ella; e tambem de uma arvore, como palma, a que chamam *pindova*, se faz mui boa cobertura; e nestas casas alevantadas por este modo vivem nos campos muitos moradores deste Estado, posto que tambem as ha de pedra e cal bem lavradas.

Alv.—Com saber claramente que o que me contaes são verdades puras, todavia me parecem cousas phantasticas pela grandeza dellas; mas dissestes que desse sipó e timbó se faziam cordas, folgarei de saber si são boas pera fabrica de náos?

Bran.—Por nenhum caso servem pera isso, senão pera o que tenho dito e outras cousas semelhantes; mas, pera cordoalha de navios, se aproveitam da casca de uma arvore chamada *Enuira*, da qual se fazem excellentes cordas, rijas e de muita dura. Tambem se poderão fazer das de cairo, como as que se fazem na India, por haver nesta terra grande cantidade de coqueiros (e haveria muito maior, si a plantassem), dos quaes se poderia tirar muito cairo pera o effeito, e é tanto isto assim que na Parahyba ha um coqueiro que os cocos que dá, em vez do amago que se come delles, o não tem, antes occupa todo o concavo do

tal côco com cairo, cousa que nunca vi em outra parte; mas não se aproveitam disso. Tambem da casca de outra arvore chamada *zabucai* se faz maravilhosa estopa pera calafetar navios melhor e de mais dura que a de que se usa. Nasce tambem pelos campos um modo de rotas, como as da India, a que chamam *tixarimbó*, maravilhosas pera se lavrarem dellas cestas e açafates. E da mesma maneira cannas, a que chamam de *Bengala*, tão boas como as da India. E porque me não esqueça, direi que de duas cousas de que os campos abundam, ha uma muito boa, e outra assaz pessima, posto que digna de consideração.

ALV.—E quaes são essas?

BRAN.—A boa uns palmitos, que se tiram de certas palmeiras grandes e formosas, e de excellente comer, muito melhores que os de Portugal; e ha mais uma herva ou planta que chamam *viva*, a qual, em lhe tocando uma pessoa com a mão, se marchita e torna secca, e assim persevera por um espaço, até que, pouco a pouco, torna a reverdecer, tanto aborrece ser tocada. E posto que se ha trabalhado por se saber a teorica da causa disso, não se ha podido até agora alcançar. E a raiz da tal herva é peçonha finissima, que mata ao que come sem remedio.

ALV.—Cousa maravilhosa e de consideração é essa, com o qual me parece que deveis ter dado fim ás muitas quase milagrosas cousas de que haveis affirmado abundarem todos estes campos, pelo que será bom começarmos a tratar d'outras.

BRAN.—Não dei que ainda agora começo; porque tambem se acham por elles maravilhosas drogas, como são pimentas de muitas sortes e castas, grandes e pequenas, e ainda de outras que são doces no sabor; *gengibre*, o qual produz a terra em abundancia, quando é semeado, melhor na grandura e tudo o mais daquelle que se traz de India; outro fruto que se apanha de uma arvore chamada *invira*, de que usam muitas pessoas, e por

rezão deverão de usar todas, por ser excellente droga, a qual usurpa pera si o effeito que faz a pimenta, cravo e canella, com tingir como açafrão, cousa que não crerá senão quem o experimentar, e tem muito bom cheiro. Tambem se acha grande somma de malagueta, que agrestemente se produz pelos matos e campos, com haver pouco tempo que se descubrio, e póde ser que fosse eu o primeiro descubridor della, tão pouca curiosidade mora por estas partes; das quaes não se póde desinçar a herva de que se faz o anil, a qual na India se planta e grangea com muito cuidado e diligencia, e aqui nasce sem nenhuma industria, e a pouco trabalho se poderá della fazer cópia grande de anil, e eu o experimentei já, e fiz um pouco tal e tão bom que não podia ter inveja ao que se lavra nas Indias.

Alv.—Drogas são todas essas que dariam grande proveito, quando se puzessem em uso, e se navegassem pera as partes extrangeiras, principalmente essa da invira, que tanto gabaes.

Bran.—A nada se dispõe a gente desta terra; porque, além das drogas, têm muitas tintas de que se poderão aproveitar. E sem tratar do páo chamado do Brazil, por ser bem conhecido, ha outra tinta tão boa como a que elle dá, quando não seja de vantagem, a qual é a que chamam *urucú*, que dá uma tinta vermelha maravilhosa; e assim uns cachos, que tem uma fruta semelhente a ameixas, que se produzem de umas pacoveiras pequenas, a qual faz uma excellente tinta, de mais transformações que um cameleão, porque se applica pera differentes cores, e despois de secca dura muito tempo, com conservar a sua tinta perfeita. Outro páo pardo, a que não sei o nome, que em tudo faz o effeito da gualha, porque, lançado dentro na agua em rachas, si se lhe ajunta uma pequena de caparosa, incontinente se tornam o páo e a agua tão negros como a tinta. Este páo fiz exprimentar no Reino, e acharam os tintureiros ser bom pera com

elle se dar a primeira tinta, sobre que se assentam as outras. Tambem se faz tinta amarella muito boa de um páo chamado *tatajuba*. E da fruta de uma arvore por nome *genipapo* se forma tinta preta, o qual fructo, com dar o sumo branco, se qualquer pessoa se untasse com elle, ficaria a parte untada negra, e não se lhe tirará a negridão por espaço de alguns dias, ainda que se lave muitas vezes.

ALV.—Zombaria pesada ouvi contar haver-se feito em Hespanha com essa agua lançada na pia d'agua benta em uma igreja, em um dia de festa solemne, donde todos que a tomavam ficavam manchados de preto, com grande confusão principalmente das mulheres, que perseveraram nella até passarem os dias em que se gasta semelhante côr.

BRAN.—Tambem ha outro páo de uma arvore pequena, que se chama *araribá*, que dá outra tinta excellente em ser vermelha, muito mais fina e subida na côr que a do páo do Brazil, e della se aproveitam as mulheres pera o rosto. Acham-se tambem mineiras de almagra muito fina, e outro modo della branca, a que chamam *tabatinga*, com o que se caiam as casas, supprindo com ella em falta de cal, com ficarem as casas alvissimas e limpas.

ALV.—E porque se não servem antes da cal ?

BRAN.—Muita se faz della na terra, mas desta tabatinga usam em muitas partes pela terem mais á mão. Da mesma maneira abundam os campos de grande cantidade de gommas de arvores maravilhosas, como é finissima almecega, e outra do cajueiro, excellente pera grudar papeis, e a de outra arvore, da qual se faz tinta amarella, e se servem della de lacre pera cerrar cartas. Por fim são tantas as sortes de gommas que me não atrevo a referil-as ; somente direi que se colhe muita cera das arvores, onde as abelhas criam o mel, e cantidade grande de anime por maneiras.

ALV.—Desse anime vi já aproveitarem-se muitas pessoas pera dôr de cabeça com feliz successo.

BRAN. —Pois aqui nem pera isso se aproveitam delle, e menos da virtude de muitas raizes e hervas medicinaes e proveitosas, assim pera purgas, como cura de chagas, havendo por melhores as que vêm de Portugal já corruptas, porque custam dinheiro. Não sei que diga mais senão duas cousas, com as quaes quero concluir de andar tanto vagueando pelos campos e matos : que até o sabão pera lavagem da roupa se acha nella ; e si quizerdes armar aos passaros, vos darei pera isso excellente visco, que produz uma arvore chamada *visgueiro*. E com isto nos passaremos a formar a horta que temos promettida.

ALV.—Tendes dito tanto dos campos e matos agrestes, que não sei que mais possa esperar dessa horta, a qual, posto que por ser cousa cultivada lhe deve de sobrepujar em muita cantidade, não lhe vejo lugar onde a possais metter.

BRAN.—Não faltará algum em que a encaixemos, com não perder do seu preço a respeito da comparação alheia.

ALV. —Pois alembre-vos que a horta, pera ser perfeita, ha de ter noras, poços d'agua e tanques, com que se regue, e eu sei que no Brazil não os ha.

BRAN.—Não se póde dizer que não ha a cousa, quando se póde haver com facilidade ; porque tambem Portugal não foi antes de ser, quero dizer que antes de se fazerem os jardins, tanques d'agua, fontes, esguichos, que hoje vemos, em tanta cantidade, careceu delles, porque nada se faz de per si ; pelo que, si a esta terra lhe faltam de presente todas essas cousas, não é a culpa sua, senão dos que lh'as não fazem ; porque nella ha as melhores aguas, que tem o mundo, assim de rios caudalosissimos, como de outros mais pequenos, regatos e fontes sem conto, dos quaes se podem fazer todos esses brincos de fontes, tanques, esguichos a muito pouco custo ; e assim não se póde dizer que falta o que ha.

Alv.—Tenho ouvido que na capitania da Parahyba, além de as aguas serem excellentes, se acham algumas de tanta virtude, que os que têm costume de bebel as, não padecem o mal da dôr de pedra, nem de colica.

Barn.—Assim passa por muitas experiencias, que hão feito e por esse respeito mandam os governadores, bispos e pessoas poderosas levar de semelhante agua a Pernambuco pera beberem. E porque temos muito que dizer e se vai fazendo tarde, com sabermos que não faltam as aguas, comecemos a dar principio a nossa horta, a qual poderá ter muitas e boas alfaces, grande cantidade de rabãos, infinidades de couves, que se plantam e se colhem a pouco trabalho.

Alv.—Pois, e porque? Ha por ventura outro modo de planta e de colheita differente da que se usa em Portugal?

Bran.—Sim, tem, principalmente as couves, das quaes deixam crescer algumas até espigarem e dellas vão colhendo dos grelos que lançam em raminhos, os quaes mettem na terra, e logo prendem e em breve tempo se fazem grandes e formosas couves.

Alv.—Isso deve de ser por não dar nesta terra semente a hortalica, como já ouvi dizer.

Bran.—Sim, dá, que é vicio mandal-a vir de Portugal, principalmente as alfaces, que dão infinidades de sementes. Tambem ha de ter a nossa horta chicoreas muito formosas, acelgas, borragens, coentro, hortelã, cheiro, funcho, cominhos, bredos de differentes castas e côres; porque todas estas cousas se acham em abundancia na terra.

Alv.—Não produzem mais sortes de hortaliça as hortas de Hespanha!

Bran.—Tambem poderá ter rabaças, agriões, beldroegas e uma excellente casta de mostarda, cujas folhas se comem cruas e cosidas, e assim umas folhas largas, a que chamam *inhambús*, mui boas pera comer; porque, despois de cosidas, tem

um requeimo saboroso; e, da mesma maneira, outra sorte de folha a que chamam *tajoba*, a modo de couves, (?) grandemente estimadas.

ALV.—Não padecerá fome quem essas cousas tiver.

BRAN.—Assim se dão cenouras, cardos, beringelas, pepinos, balancias, aboboras das ordinarias, tenras e gostosas, e outras mais pequenas, a que chamam *tanquira*; tabaco, a que dão o nome de *herva santa* em Portugal, e sobre tudo melões sem conto, todos extremadissimos em bondade; em tanto que de maravilha se póde achar entre elles um que seja ruim, e com todas estas cousas em abundancia julgai si poderei formar uma boa horta.

ALV.—Antes me maravilho do descuido geral por não se haverem... (formado ?) muitas.

BRAN.—Pois não ha pessoa que a tenha perfeita, nem que se queira occupar nellas, que não póde ser mais desgraça; pois si por esta maneira se póde fazer a horta boa, não seria peior o jardim pelas muitas diversidades de flôres, das quaes se podia povoar e paramentar, que, por serem muitas e varias e na calidade estranhas, não é possivel haver quem possa atinar com ellas, nem saber-lhe os nomes; pelo que direi somente de algumas, que andam mais em uso, como é a *flôr da larangeira*, que se dá em grande abundancia; *goivos* de muitas castas e côres differentes, *cravos* amarellos, roxos e brancos, *jasmins*, *madresilvas, balsaminho*, a *arvore triste*, *alfavaca*, e *mangericão*, de que os campos estão cheios; outro modo de flôr que chamam de *camará-assú*, e a, digna de estima e consideração, flôr de *maracujá*, pela formosura della, varías cores de que é composta, raios formosos que lança, com outras particularidades dignas de notar; por fim as flôres, que produz a terra naturaes della, são tantas que me não atrevo a metter em tão grande pego, como fôra o querer tratar de todas; pois, pera se formarem

figuras enredadas e outras cousas de brinco, se acham tantos sipós pera o effeito maravilhosos, pelo muito que se extendem, que lhe ficam muito atraz as murtas de Portugal.

ALV.—Estou admirado de vos ouvir, porque não pintava eu o Brazil dessa sorte.

BRAN.—Pois, si pera ornato desta horta e jardim forem necessarias latadas, vos darei muitas, como é uma que forma boa sombra e aprazivel verdura, a qual dá um fructo, chamado *curuá*, do tamanho de uma abobora das ordinarias, que, despois de colhido e mettido alguns dias na caixa, cobra um cheiro tão suave, que basta pera espalhar grande fragrancia delle por toda a casa, e assim se conserva muitos dias sem corrupção. Outras latadas se fazem de maracujá, de cuja flôr já tratei acima, que dá um fructo do tamanho de uma pinha, mui regalado, cujo miolo, que é como o da abobora se sorve ou come ás colheradas, com dar muito e maravilhoso cheiro, e destes taes ha quatro castas: uma chamada *maracujá-assú*, por grande, e o segundo *maracujá peroba*, excellente pera conserva, a terceira *maracujá mexiras*, a quarta *maracujá mirim*, por pequena, que todas fazem mui boas latadas e dão igual sombra.

ALV.—Parece-me que vos não alembrais das latadas das nossas parreiras, porque nesta terra as tenho visto.

BRAN.—Sim, alembrava; mas de industria fugia de tratar dellas, por não envergonhar tantas vezes aos moradores deste Estado, porque deveis de saber que toda a sorte de vindonho se dá nella em grandes maneiras, e somente se servem do de parreiras, as quaes dão muitas uvas ferraes, e outras brancas maravilhosas, com levarem duas e ainda tres vezes fructo no anno.

ALV.—Isso é cousa impossivel.

BRAN.—Posto que assim pareça, não o é; porque eu o experimentei muitas vezes, quero dizer o

haverem de dar tres vezes fructo no anno, que, de darem duas, não dá que tratar, por ser isso cousa assaz sabida.

Alv.—Pois dizei-me como succede isso.

Bran.—Com nenhuma outra cousa mais que podarem as parreiras, tanto que lhe acabam de colher o fructo; porque com isso tornam a metter de novo, e em quatro mezes o levam perfeito outra vez; emtanto que eu vi alguns homens, que, pera haverem de ter uvas nas conjunções de algumas festas que deteminavam fazer, poderam as parreiras quatro mezes antes, e vieram dar fructo, sem discrepancia, pera o tempo que pretendiam.

Alv.—Pois, si as uvas se dão com tanta facilidade, e em tão breve tempo, como se não usa d'ellas pera vinho?

Bran.—Por não tratar da causa disso, como tenho dito, fugia de me embaraçar nesta materia; porque de muitas partes deste Brazil se poderia colher mais vinho que em Portugal, por estarem livres da formiga, que é o que faz damno ao vidonho, principalmente sei eu uma, que ha na serra chamada de Copaova, distante das capitanias de Pernambuco e da Parahyba cousa de quinze até dezoito leguas, que o daria sem conto, por ser terra fresca, fria e sem nenhuma formiga.

Alv.—Tenho lastima de vos ouvir dizer essas cousas, e folgára estar em minha mão o remedio dellas.

Bran.—O tempo deve de curar semelhante enfermidade, como costuma. E pois vos tenho já formado as hortas, jardins, latadas com suas fontes, tanques e esguichos, que vos prometti, quero arrumar o pomar, que falta, e com isso daremos fim á pratica deste dia; o qual dividirei em dous modos, não porque assim os haja, senão porque se poderão fazer, quando a curiosidade excitar aos que cá vivemos, os quaes nos não sabemos aproveitar do que temos entre as mãos. E assim formarei primeiramente um jardim de arvores de espi-

nho, e despois me passarei ao pomar, com dividir nelle os fructos que já estão em uso de se cultivar d'aquelles que a negligencia tem deixado até agora ser agrestes. Este jardim se poderá fazer povoado de formosas, verdes e copadas laranjeiras, bastecidas de branquissimas flores, cuja fragancia de suave cheiro alevantassem os espiritos dos que as gozassem, colmadas todas de louras e apraziveis laranjas em tanta cantidade que muitas vezes são mais que as folhas, umas tão doces que a par dellas perde do seu preço o assucar e o mel, outras bicaes de tão gostoso comer, que não ha quem se acabe de fartar dellas; tambem das azedas, que pera o que aproveitam são maravilhosas, por levarem muito sumo. Acompanharão este laranjal crescidos e formosos limoeiros com tanta cantidade de fructo, que causa maravilha poderem-no sustentar; porque com elle perseveram todo o anno, em tanto que, quando um está em flôr, o outro vem crescendo, e os demais estão de vez. A estes limoeiros se ajuntarão grande cantidade de limas doces com suas bem compostas plantas, excellentes no gosto e bom sabor, as quaes se produzem na terra muito maiores em cantidade, que as que se dão em Portugal; e da mesma maneira outra casta dellas, a que chamam *zamboa*, assaz presadas por boas. Logo irão avante formosentando este jardim grandes limões francezes com seu amarello alegrissimo pera a vista. Tambem não carecerá das modernas laranjas, porque se produzem em grande cópia. Rodeará pelos extremos, quase servindo de muro, a espinhosa cidreira, colmada dos bellissimos pomos, maiores que uma botija, tão presados pera conservas, as quaes por todo o descurso do anno se acham sempre assazoadas.

Alv.—Si isso è assim, e se pode fazer desse modo, confessarei que lhe ficam inferiores os jardins lavrados e cultivados a tanto custo no nosso Portugal; pois não vejo que lá haja mais castas de fructo d'espinho dos que tendes apontados.

BRAN.—Pois ainda est'outros têm um não sei que de verdes e frescos, com que fazem grandes paisagens. E porque o sol se vae já traspondo, me quero passar a tratar do pomar promettido, do qual o primeiro fructo quero que sejam os figos, porque sempre fui mui affeiçoado a elles; os quaes se dão em tanta cantidade, assim dos brasajotes, como dos brancos e negros, e de outras castas, que os monturos estão bastecidos de semelhantes figueiras, que levam duas vezes fructo no anno, e carregam em tanta cantidade, que causa espanto. Façamos logo uma rua de romeiras com seu coroado fructo, que encerra dentro em si finissimos rubis, as quaes se produzem grandemente nesta terra. Far-lhe-hão companhia retorcidos marmeleiros com seus cheirosos e dourados pomos, que se dão em abundancia por algumas das capitanias deste Estado. Formarão deleitosa sombra grandes pacovaes, cujo fructo se chama do mesmo nome, posto que na India, pelo contrario, são conhecidos por figos, uns grandes e outros mais pequenos, de differentes castas e feições, gostosos no comer e de bom cheiro, dos quaes ha numero infinito. Far-lhe-ha companhia um fructo, natural da terra, chamado *goiaba*, do tamanho de um marcotão, que se dá em arvores medianamente grandes, pegadas pelo tronco; logo se irá erguendo, com suas miudas folhas, accommodadas pera fazer apetitosa salsa, o *tamarinho* tão medicinal e por tal presado em todo o mundo; pelas partes sombrias, em baixas prantas, á feição de cardos, se mostrarão os gavados e fermosos ananazes semelhantes a pinhas, lançando de si suave cheiro, com se lhe communicar os sabores de todas as cousas que melhor o tem. E por aqui tenho concluido com as plantas e arvores que até agora estão em uso de serem cultivadas neste Brazil.

ALV. — Quando não houvera outras, essas eram bastantes pera lhe dar nome de abundante em fructos.

BRAN.--Pois as que estão até o dia de hoje agrestes por falta de cultivadores são infinitas; e posto que não é possivel podel-as trazer todas á memoria, irei tratando somente das que me occorrerem. E assim demos o primeiro lugar, pela formosura da planta, ao *cajá*, que na India se chama *ambare*, do qual pera tantas cousas lá se servem, e aqui pera nenhuma senão pera se comer despois de madura, com deixar um azedo gostoso e muito cheiro nas mãos: outra fructa chamada *uticroy* do tamanho de uma grande pinha, de tanto gosto que tenho por sem duvida ser melhor que a perada e marmelada tão estimada do mundo, o qual se dá em uma arvore muito grande; *aratecú*, da feição das jacas da India, não má fructa; outra sorte do mesmo *aratecû*, chamado *apê*, mais pequeno, e grande no gosto, de modo que não ha quem se acabe de fartar dellas (e um amigo meu fazia delles filhós com ficarem maravilhosos; *mangava*, fructa que pode ser estimada entre as boas que ha no mundo, a qual semelha ás sorvas de Portugal; o abundante *cajueiro*, o qual demostra que, de soberbo por se desviar das demais arvores, leva o fructo ao revéz de todas, porque as castanhas, que nas demais se escondem no amago dellas, neste cajús campeam por fóra. em fórma que na cabeça do fructo se arrematam de feição que mostra a quem o não conhece que por alli teve principio; é formoso e gostoso pomo, do qual se sustenta muita gente em todo o tempo que duram. A bondade de suas castanhas passo aqui em silencio, porque já tenho tratado dellas. *Janamacaras* (1), cuja planta é a feição de cardos, e dão uma fruta vermelha, gostosissima no comer; *pitombas*, que são semelhantes a ameixas; *massarandubas*, que se parecem com as cerejas; *ga-*

---

(1) Por cima se lê, escripto por lettra differente: "jamandacaras nasce na praia".

(*N. do Ed.*)

biraba, do modo de azeitonas, e são doces; *gotis,* que são do tamanho de ovos; *garuatás,* fruta branca e comprida, que se come chupada, com deixar muito gosto; *zabucai* é uma arvore grande, que dá umas pinhas, dentro nas quaes se acham castanhas gostosas pera comer; *abaiba,* semelhante aos dedos da mão, tem o sabor de figos; *enguas,* que são semelhantes a alfarrobas, e doces no gosto; *maqujé,* fructa excellentissima, da feição de peras; *joambus,* como ameixas brancas; *peiti,* que semelham a datiles mui gostosos; *canafistula,* que se cria nos matos em grandes canudos bastecidos de sua medula.

ALV.—Pois valha-me Deus, como se não leva pera Portugal, pera se usar lá della?!

BRAN.—Nem na mesma terra se aproveitam de semelhante fructo. Verdade seja que, por ser a planta agreste, parece elle tambem um pouco agreste; mas, si fôr cultivado, não tenho duvida que seja tão bom como o que se usa em Portugal. E, deixando de parte esta canafistula, vamos continuando com o nosso pomar; porque ainda tenho muitas plantas que traspor nelle. das quaes a primeira seja um fruto a que chamam *piquea,* de que já tratei, que dá no seu miolo quasi um como clarificado de assucar mui gostoso; *quamocá,* outra fructa vermelha, semelhante a jinjas; *iba-mirim,* como limões; *uti,* fruta comprida, gostosa no comer; *ubacropari,* como pecegos; *comixá,* fruta miuda á feição de mortinhos; *grexiuruba,* outra a modo de zamboa, *eycajerús,* do modo de ameixas. mousinhas; *não taia ambus* são semelhantes a ameixas brancas; *ubaperunga,* como uvas bastardas pequenas, que dão mostra de nesparas; *ubapitanga,* da feição de gingas; *tatajuba,* semelhante a pecego, de cuja planta comida a raiz mata a sede, por grande que seja; *morosis,* que são apropriados a mortinhos; *quiabo,* fructa de massaroca, como beringelas; *mamão,* pomo do tamanho do marmelo, muito adocicado; *araçá,*

do tamanho de fructa nova, de muito gosto, do qual se faz boa marmelada; ha outro modo de araçá, por sobrenom e *assú*, por ser maior e mais estimado pera se comer. Estas são as fructas que de presente me occorreram, com me ficarem outras infinitas por dizer, de que não sou alembrado, que os moradores do Brazil por negligencia deixam estar até agora agrestes, espalhadas pelos matos, as quaes, si foram cultivadas, se avantajariam em bondade e gosto.

ALV.—Certamente que me tendes suspenso com tanta diversidade de fructos, quantos tendes nomeado, dos quaes não tão somente podereis formar um pomar, senão cem mil; e assim estou já de todo arrependido de haver tido o Brazil em differente reputação do que elle merece.

BRAN.—Folgo de vos retratardes, e porque não succeda invejardes os alamos e choupos do nosso Portugal, com que se ornam grandemente semelhantes pomares e jardins, vos quero dar em seu lugar crescidos e alevantados coqueiros, que não menos zunido fazem com suas folhas açoutadas do vento. E com elles demos por hoje fim a nossa pratica, porque se vão fazendo horas de nos recolhermos.

ALV.—Assim seja á condição que amenhã venhaes ás horas costumadas a este mesmo posto.

(CONTINUA)

PAPEIS CONCERNENTES

A

GASPAR DIAS FERREIRA

(*Continuação*) (1)

Acto de naturalisação (2)

Os Estados Geraes das Provincias Unidas Neerlandezas saudam e fazem saber a todos os que o presente lerem ou ouvirem ler.

Tendo-nos sido apresentada uma humilde petição em nome e por parte de Gaspar Dias Ferreira, antigo escabino da cidade Mauricia, e senhor dos engenhos *Novo* e *Santo André*, na qual diz que no anno de 1618 partira de Lisboa, onde nascêra, para o Brazil, e que alli fixára o seu domicilio, fazia o seu negocio e possuia todos os seus bens —casas, engenhos, e terras ; e, porque tinha resolvido passar os seus dias no Brazil, portando-se como bom e fiel subdito, o que já tem mostrado por diversos actos e serviços prestados a este Estado, como prova com os certificados ou attestados que nos foram apresentados, e era o seu desejo poder continuar d'ora em vante sem embaraço algum, fazendo livremente o seu commercio, possuindo tranquillamente os seus bens, e sendo tido e havido em todos os tempos, seja na paz ou na guerra, como natural deste Estado, nos dirigia a sua humilde supplica para ser declarado natural do dito Estado em attenção a muita affeição que lhe tem, obtendo, por nossa autoridade e particular mercê, cartas *optima forma* para esse effeito, pois promettia haver se como fiel subdito e sujeitar-se submissamente á obediencia deste Estado.

---

(1) Vid. a *Revista* de Outubro de 1886.
(2) Copiado do *Acte-Boeck*, 1643-1645, p. 111.—Arch. de Haya.

O que tudo por nós considerado, e sendo a nossa vontade deferir a petição do supplicante pelas razões allegadas, temos resolvido habilital-o, e pelo presente acto o qualificamos e habilitamos como natural das terras immediatamente sujeitas á *Generalidade* (1), bem como e especialmente das regiões e logares que se acham ou para o futuro se acharem sob a jurisdicção das duas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes. Assim que declaramos o supplicante habil e qualificado para poder servir qualquer cargo, officio e dignidade dentro dos alludidos territorios, districtos e logares da *Generalidade*, e particularmente das mencionadas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes, e portanto ordenamos a todos os governadores, *commandeurs* e officiaes, ás justiças e a todos aquelles que estiverem ao nosso serviço ou sob a nossa obediencia, a quem isto possa pertencer, que reconheçam na pessoa de Gaspar Dias Ferreira, antigo escabino da cidade Mauricia e senhor dos engenhos Novo e Santo-André, a qualidade de subdito deste Estado, sem que por tal causa lhe façam algum empecilho ou obstaculo, sob pena de incorrerem em nossa indignação, pois temos resolvido que assim cumpre.

Dado com o nosso sello, signal e assignatura do nosso escrivão, em Haya aos quatro de Fevereiro de 1645.

---

(1) *Generaliteits-landen*, assim se denominavam as regiões que, no tempo da Republica Neerlandeza, pertenciam ás provincias unidas e reconheciam somente a autoridade dos Estados Geraes.

Carta ao Rei de Portugal (1)

Senhor

Entre as excellencias e as virtudes heroicas de um bom rei brilham em V. M. as de um pae para com os seus subditos com vantagem tal que ainda o mais humilde delles, como eu sou, se esforça por servir-vos, mostrando assim o seu amor filial; e porque sei por experiencia que V. M., seguindo o exemplo dos vossos antepassados, os antigos reis de Portugal, conhece os nomes dos vossos subditos, sendo esse conhecimento, que V. M. delles tem, a melhor e a mais segura prova de lembrança que os subditos podem desejar, ouso tomar a liberdade de apresentar-vos este papel acerca das conquistas do Reino, do seu estado passado e presente, e do remedio que no futuro se poderá applicar onde fôr necessario, esperando da real benignidade de V. M. que aceitará nelle a boa vontade e solicitude de um subdito que está mui inclinado a servir-vos, posto que se ache apartado da vossa real presença nas longiquas partes da America.

E' certo, Senhor, que desde tempos antigos o Reino de Portugal tem florescido entre todas as nações da Europa em razão da prosperidade e riqueza de suas conquistas, sendo aliás a terra do Reino em si mesma menos fructuosa respectivamente que os demais reinos deste continente. Parece-me que essa fortuna attingio o seu apogeu e mais subido gráo no reinado d'el-rei D. Manoel, que, si bem me lembro de sua chronica, era tido então pelo rei mais feliz e glorioso de sua epocha, por causa das riquezas que o Reino tirava das conquistas.

Em tanto quanto se podia esperar de Portugal

---

(1) *W. I. Compagnie, band met stukken meerendeels betreffende Brazilie, 17 eeuw.* Arch. de Haya

propriamente dito, observamos que V. M., com magnificencia não menor, foi collocado no mesmo throno real, e achamos que a felicidade de vosso Reino, em relação á epocha, é maior do que a de qualquer dos reinados passados, por ter V. M. exaltado o Reino de Portugal da escravidão tyrannica á liberdade gloriosa, de uma penosa oppressão á tranquillidade e á prosperidade, da pobreza e da miseria á abundancia de tudo, do desprezo de todos os povos á estima e honra delles; felicidade esta que, vindo das mãos do Omnipotente, como cremos, não logrou em tão curto tempo nenhum dos reis, antepassados de V. M., si bem considerarmos a historia, que o não refere, pelo que podemos esperar da clemencia divina, já que prodigalisou a V. M. tamanha honra e fortuna, que a completará com a restituição das conquistas do vosso Reino e a libertação dos subditos catholicos, a quem até o presente não coube o goso dessa felicidade, e pelo contrario vivem debaixo de grande oppressão, pois, alem da rigorosa escravidão dos seus corpos, estão correndo o manifesto perigo de suas almas sob a soberania dos hereges que os têm sujeitos.

O Reino de Portugal possuia n'Africa as conquistas de Angola e Guiné, n'Asia as das Indias em grandes e dilatados reinos, n'America as das costas do Brazil, e assim o reino de V. M. chegou a extender-se por todas as quatro partes do mundo, tendo a sua séde primitiva e throno real na Europa, o que é uma particular grandeza e de muita consideração, que eu não sei tenha Deus Nosso Senhor concedido a algum rei ou reino até o presente.

Confiamos, pois, da Divina Clemencia que, depois de haver restituido o Reino á V. M., vos restitua tambem as demais partes de que elle se compõe. Outros e mais experimentados pensadores, apontando as razões que devem persuadir a trabalhar-se para esse fim, mostrarão de que im-

portancia as ditas conquistas foram sempre para o Reino ; eu indicarei, como remedio, o que a experiencia quotidiana me tem mostrado evidentemente, e tratarei em primeiro lugar, mas somente de passagem, do valor de cada uma dellas, como fundamento de meu discurso.

As conquistas da costa d'Africa davam ao Reino de Portugal muito ouro da Mina e muitos escravos negros de Angola e Guiné, sendo esses escravos mercadoria de maior interesse que o mesmo ouro, porquanto delles se proveu o Brazil para a lavoura da canna e fabrico do assucar, de que produzia tão grande quantidade, que não se via nas alfandegas de Portugal outra mercadoria de maior proveito para a fazenda d'el-rei, nem de maior utilidade para os subditos do Brazil.

A navegação de Portugal para a costa de Angola era o amparo dos pobres do Reino os lucros que d'ahi provinham ao commercio não ignora ninguem, e antes sentem todos a sua perda, a prata que se tirou das Indias de Castella com o trafico dos escravos dá testemunho das riquezas que muitos subditos houveram por esse meio ; em summa o trato de Guiné e de Angola era por si só bastante para enricar um reino.

A conquista das Indias sempre foi de tal importancia e tão cubiçada de todos os povos que os Estados da Hollanda, depois de haverem chegado lá os flamengos e com a pequena parte que ahi usufruem por causa do máo e tyrannico governo de Castella, augmentaram de tal modo que se tornaram poderosos e orgulhosos (é esta a verdade), e basta dizer-se isto para prova do que são as conquistas das Indias, sem accrescentar que os demais reinos do norte, que podem enviar náos para lá, o fazem, como a Inglaterra e a Dinamarca, cujos navios, vindo eu do Brazil, encontrei no mar. Tal é pois o commercio das Indias.

Com relação ao Brazil, do qual parece que pouco resta a dizer, ainda mais se póde dizer e

mostrar sob o ponto de vista de Portugal. Eu o chamo o jardim do Reino e a albergaria dos seus subditos. Outr'ora deliberou-se em Portugal, como consta de sua historia, elevar o Brazil a reino, indo para lá o rei, tão grande é a capacidade daquelle paiz. Portugal não tem outra região mais fertil, mais proxima nem mais frequentada, nem tambem os seus vassallos melhor e mais seguro refugio do que o Brazil ; o portuguez, a quem acontece decahir de fortuna, é para lá que se dirige.

Isto mesmo e com maiores particularidades a respeito do Brazil e Angola representei por escripto aqui na Hollanda ao embaixador Francisco de Souza Coutinho, mostrando-lhe por onde se deve começar para obter o remedio. Como porém grandes são os peccados desse reino, póde bem ser que a Divina Justiça não tenha ainda dado por findo o seu castigo, e que tal seja a razão porque não sou attendido, nem as minhas advertencias têm sido levadas á real presença de V. M., si é que ha ahi alguma cousa em que eu possa ser util á V. M.

O que acima fica dito em tão breves termos se entende do antigo estado e prosperidade a que attingiram as conquistas do reino de Portugal e os lucros que dellas se tiraram. Do estado em que ellas se acham, somente uma cousa tenho a dizer a V. M., suppondo que todas as demais vos são conhecidas, pois não posso persuadir-me de que um tal rei em tal materia (de que com verdade se póde dizer que depende toda a prosperidade do reino) não cuide nem se represente diariamente tamanho damno e a mui conhecida falta de remedio, bem como o grande mal que seus vassallos soffrem nas terras do Brazil e de Angola ; sobre o que torno a dizer que somente representarei uma cousa, atrevendo-me a manifestal-a bem alto aos reaes ouvidos de V. M. com todo o respeito que devo a vossa real presença, porque a materia me dá animo para fazel-o, por ser concernente á fé catholica,

o que anima ainda o mais humilde, como eu sou. a fallar deante dos reis e monarchas.

Senhor, não é a perda dos bens temporaes o que mais deve mover a V. M. para prover esse mal de remedio, não são considerações de proveito ou alguma maxima ou razão de Estado deste seculo, mas sim a perda das almas, o perigo que ellas correm, a conservação da fé e a obrigação que todo o rei catholico tem de combater e extirpar d'entre os seus subditos todas as heresias, principalmente V. M., a quem o céo fez principe piedosissimo, como é sabido do mundo. Esse mal ameaça não somente os subditos portuguezes, como tambem outros mais dignos de ser lamentados, que já o soffrem, perdendo-se as almas dos gentios de uma e outra região, as quaes, por meio dos ministros do baptismo e da doutrina catholica, eram ganhas quotidianamente para Deus, e presentemente se perdem por causa da predica e diligencia que põem os ministros hereges no empenho de condemnal-as. E' esta a razão que mais deve obrar no animo de V. M. para que, pospostas todas as outras de Estado, se appliquem os meios que aponto neste papel afim de serem restituidas á vossa coroa as conquistas de Portugal e restabelecidas no seu primitivo estado.

Os Estados da Hollanda entraram nas tres conquistas de Portugal por meio de duas Companhias de mercadores, e não por autoridade (intervenção) da Republica, e comquanto não seja isto desconhecido a V. M. e ao vosso Concelho, por ser cousa muito publica, é todavia possivel que eu adiante mais algumas informações neste papel sobre o particular do modo de proceder e a situação dessas Companhias, como até o presente se tem observado, e pouco importa que, assim advertindo, eu me engane, pois não posso crer que V. M., ainda quando ignorasse essas particularidades, não tenha applicado os meios que aqui indico para enfraquecer a essas Companhias e a esses mercadores, os

quaes, em cessando de obter annualmente lucros dos capitaes que têm empregado, ficarão logo cançados, e abandonarão o negocio que fazem; visto como não é o bem publico que elles têm em attenção, como fazem os reis e as republicas, mas somente o seu proveito proprio e particular. Nestes paizes é isto uma verdade certa e sabida de todos, e os remedios, que forem applicados para detrimento dessas Companhias, não devem ir de encontro a esta observação, sendo que eu tenho ouvido dizer em praticas particulares com alguns dos membros dos Estados Geraes que as ditas Companhias são os dous braços, com que elles lutavam contra o rei de Castella, seu inimigo, e por este respeito lhes dispensavam e eram obrigados a dispensar todo o favor.

A Companhia do Brazil — da qual, por ser eu morador desse Estado, tratarei em primeiro logar-- possue ahi quatro capitanias, a saber, Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande; n'Angola todos os portos maritimos, e em Loanda até quinze ou vinte leguas para o interior, bem como frequenta o Congo, em razão da muita amizade que tem com o seu rei. Nada obstante, o principal trato e commercio de escravos esteve sempre e está ainda entregue aos Portuguezes, a quem os flamengos os compram para os enviar para as Capitanias do Brazil, que occupam presentemente, como nós faziamos outr'ora; e os Portuguezes levam esses escravos á venda por pobreza e falta extrema d'aquillo que é necessario á vida humana, que recebem em troca dos Hollandezes. Nas capitanias do Brazil occupadas pelos Hollandezes são tambem os Portuguezes que fabricam o assucar (pois poucos são os flamengos que lá se dedicam a essa industria ou serviço dos engenhos, e raras vezes têm a propriedade delles), e assim tanto os negros como os assucares têm de passar das mãos dos Portuguezes para os Hollandezes, e tal é o modo por que estes chamam a si os fructos nessas duas

conquistas. Do que elles tiram tambem da costa da Mina, Rio de Guiné e ilha de S Thomé, farei discurso á parte.

O capital da Companhia é actualmente de 5 1/2 milhões de cruzados, pois em tanto ou pouco mais importam os 170 tonneis de ouro que se acham nella empregados; além disso tem, a titulo de deposito, um milhão, e estão mais obrigados por algumas dividas de mercadorias e bens que compraram e não podem pagar. O juro desse dinheiro a 5 % (o que é um juro alto, com que são contentes os negociantes d'aqui) importa em 325.000 cruzados.

As rendas do Brazil, havidas por elles de todos os impostos e direitos que lá percebem—e não são poucos—, bem como provenientes dos fretes e recognições das mercadorias que são exportadas da Hollanda para o Brazil, do dizimo e imposições do assucar, e de todos os mais direitos e tributos, actualmente não montam, nem podem montar no futuro, a 500,000 cruzados, emquanto não succeder mudar-se a situação da Europa, como abaixo explico. Esses lucros não são bastantes para cobrir as despezas que elles são obrigados a fazer com a milicia, os ministros do governo politico e os bens que possuem tanto no Brazil como aqui, além dos navios e gente de mar que se empregam no serviço da Companhia.

Da renda da Companhia ouso eu dar informações pela conta que fiz ao redigir este papel; mas, quanto ás despezas, como é cousa que somente póde constar dos livros da Companhia, não é possivel apresentar outra prova mais certa do que o facto de não haver a mesma Companhia distribuido, ha dous annos, lucro algum entre os seus accionistas, nem pago os juros do milhão que tem a titulo de deposito, o que é signal certo de que as rendas não dão para as despezas. E isto ainda mais evidente se torna, si considerarmos que, além dos productos que annualmente tiram do Brazil, recebem tambem cada anno grande quanti-

dade de assucar dos seus devedores, a quem venderam negros, e bem assim ouro que alguns navios trazem da Mina, do qual receberam agora 17,002 marcos, e tudo isto ainda não é bastante para, deduzidas as despezas, haverem sobras, com que paguem os juros do dinheiro que tem a titulo de deposito, e menos para dar algum dividendo aos accionistas, como todos os annos faz a Companhia das Indias Orientaes.

E' tão pouca a opinião em que os mercadores têm o capital empregado na Companhia do Brazil que actualmente as respectivas acções se vendem a 46 %, o que quer dizer vender 100$ por 46$. Dessas acções se faz um negocio de compra e venda, apreciando cada qual o valor dellas, conforme a opinião que forma da Companhia, e dest'arte os que collocaram nella 100$, quando foi estabelecida, si quizerem hoje fazel-os valer, não achará quem dê mais de que os ditos 46$, o que é uma prova cabal da decadencia da Companhia.

Tal é a situação, a que os nossos peccados reduziram o Estado do Brazil e o reino d'Angola, e tal é a decadencia dos Hollandezes com relação aos capitaes e mercadorias da Companhia, por meio da qual elles possuem essas colonias. Sendo isto assim, e bem vendo os flamengos que as ditas conquistas não lhes dão nem podem dar proveito algum pelos meios ordinarios, não podia haver occasião tão azada para se pedir e intentar a restituição dellas á coroa de V. M., como a presente conjunctura, si desde dous annos atraz se tivesse trabalhado para isso, com os lucros dos nossos navios de Angola e o total prejuizo dos fructos e vantagens que soffreria desse modo a Companhia.

Ainda é tempo porém de se applicarem os meios tendentes a enfraquecer a Companhia, e assim constranger os accionistas a consentir na restituição, antes que mude a situação da Europa; porquanto, verificada esta hypothese, é possivel que a esperança alimentada pelos Hollandezes até o

presente sobre o negocio do Brazil venha a melhorar, não do modo que elles suppõem, isto é, por via do governo (do qual elles sem razão acreditam que vem o mal), mas por causa do estylo que os directores da Companhia observam afim de haverem a maior quantidade do assucar das capitanias que elles possuem.

Com effeito, esta gente tira do Brazil, além dos direitos e impostos que percebem, o páo-brazil, que é cousa de importancia, e mais os escravos de Angola que são levados para o Brazil e vendidos aos senhores de engenho e lavradores ahi existentes, com o que esses agricultores têm já contrahido grandes dividas, ficando assim obrigados os pobres moradores que se dedicam á cultura do assucar para com os Hollandezes de tal modo que não são senhores do seu proprio suor.

Lamento e deploro a sorte do Brazil, pois, podendo o damno ser remediado, logo que (os Hollandezes) tomaram Angola (como pretendia Antonio Telles da Silva, governador do Brazil), não se têm querido até o presente entender o grande mal que causa obterem os Hollandezes os negros que os Portuguezes, obrigados da necessidade, lhes vendem em Angola com prejuizo nosso ; e, como não mandam para o Brazil senão negros, somente elles se empregam neste negocio, sendo prohibido que outros façam esse trafico a não ser a Companhia, e vae assim passando para as suas mãos o capital dos moradores do Brazil, de modo que em poucos annos, por causa do estylo que presentemente observam, se farão senhores da maior parte do assucar, que aquellas capitanias produzem, visto como já começam a pagar alli com negros as dividas dos senhores de engenho, para ficarem donos de todo o assucar produzido. Como vendem os negros por preços excessivos, podem continuar nesse trafico com grande proveito, pois compram os escravos em Angola por generos de pouco valor, e no Brazil esses escravos são a me-

lhor das mercadorias. Emquanto não houver pressa em se interromper o curso desse negocio, como até o presente tem succedido, as cousas dentro em poucos annos chegarão a tal ponto que a Companhia logrará a maxima parte dos fructos daquellas capitanias, e dest'arte V. M. perderá inteiramente a esperança de rehavel-as para a vossa corôa a não ser por guerra, podendo succeder o que se segue.

Ha 24 annos que a Allemanha soffre guerra, tendo-se mettido a Hespanha dentro dos seus limites, com o que aquelle paiz se acha de todo abrazado; e eu não sei que haja republica ou reino da Europa isento de guerra. Para remediar essa geral calamidade, querem reunir uma assembléa de todos os principes e potencias, por meio da qual se obtenha a libertação de todos, compondo-se e resolvendo-se todas as questões e discordias, e V. M. tem tambem nesse congresso os seus embaixadores plenipotenciarios para o mesmo fim. E tanto quanto se pode julgar á vista do estado em que se acham os povos empobrecidos, as terras e as cidades devastadas, e do longo tempo que nisso se tem gasto, é de esperar que d'ahi se siga o effeito de uma paz geral; pois sabemos que a Allemanha está assolada, a França exhausta, Castella e os mais reinos do rei afflictos e postos em grande perigo, a Dinamarca oppressa e em parte conquistada, a Suecia, posto que victoriosa, em grande decadencia, e estes mesmos Estados da Hollanda, que estiveram sempre em melhor situação, de presente se acham oberados de dividas. Portanto não é fóra de razão esperar que no dito congresso se assente em algum meio de paz e tranquillidade, e, succedendo assim, a nova situação concorrerá para a prosperidade do Brazil, porquanto o mal do Brazil provem do pouco valor dos seus fructos, e é certo que, em se achando a Allemanha em paz, o assucar alcançará immediatamente preços excessivos, e por consequencia o páo-brazil, e essa alta persistirá por alguns annos. Com effeito, todo o

littoral do Brazil não produz presentemente mais assucar do que produzia ha quinze, deseseis ou mais alguns poucos annos passados (fazendo-se conta de uma capitania por outra), e de uma grande parte disso tenho eu experiencia pessoal. Ora, sendo dobrado o preço do assucar em razão da paz (e não será menos, segundo o juizo daquelles que têm mais competencia para julgar), tambem serão dobrados os direitos da Companhia, e, em vez de 500 mil cruzados que esses direitos actualmente produzem, virão a produzir um milhão. A isto accresce a quantidade de assucar que a Companhia recebe em pagamento das dividas dos negros vendidos aos moradores do Brazil, do qual em breve haverá cada anno (por causa do estylo que de presente observam) 4,000 caixas, que poderão valer 600,000 cruzados, conforme a esperança que se tem do preço, do que não se deve duvidar, si a paz fôr concluida. E vindo a Companhia a tirar do Brazil um milhão e meio por espaço de alguns annos, ficará tão prospera que tenho por impossivel queira attender alguma proposta de restituição, mediante uma indemnisação razoavel, e que as capitanias possam ser annexadas ao reino de V. M. a não ser por guerra, a qual ha de ser tambem mais trabalhosa, porque, com o augmento dos lucros, augmentará o poder da Companhia.

Tudo isso porém será presentemente pelo contrario, si se tratar de effectuar o negocio da restituição, uma vez que precedam os meios que eu abaixo indico para o fim de se tirar á Companhia a esperança de melhorar; e se faz mister que nisso se ponha a mão desde já, pois, por não se o haver feito, já houve um começo (de melhoramento) para a Companhia, ficando muito compromettida a acquiescencia á restituição por parte della.

Em relação aos meios que devem preceder, digo principalmente que todos se hão de applicar para o fim de minguar os lucros da Companhia, e compellil-a a fazer despezas no Brazil ; e os meios

que para esse fim podem ser cogitados se acham apontados em um papel de advertencia, que será apresentado a V. M. junto a este, concernente ás condições, com que se deve promover o accordo de paz perpetua entre o Reino e os Estados.

Os lucros, que devem ser de todo cerceados, são os dos escravos de Angola, que de presente constituem a mina da Companhia, como mostrei mui particularmente em duas proposições por escripto apresentadas ao embaixador Francisco de Souza Coutinho (mas sem nenhum effeito), proposições de que enviei copia para esse Reino dirigida ao Marquez de Montalvão, o que fiz levado da minha solicitude para com o serviço de V. M. e o bem-estar da patria.

Deve-se impedir que a Companhia tire escravos de Angola, fazendo-se com que estes Estados concedam sem demora passaportes para poderem os navios de Portugal navegar para todos os portos daquella costa, de conformidade com o artigo vinte do tratado das treguas, que os fez communs ás duas nações. Conseguintemente se deve incontinente pôr toda a diligencia em que nesse Reino muitos navios, generos e negociantes se destinem para Angola, afim de que os subditos portuguezes não vendam aos flamengos os escravos que tiram dessa conquista, e se renove o trafico e commercio das nossas mercadorias naquella região, o que mais ou menos depende da corôa de V. M. Com esta providencia mui poucos escravos passarão ao póder dos Hollandezes, tendo-se muito em attenção que disso não somente dependem a prosperidade do Reino e o detrimento da Companhia, senão tambem a conservação do reino de Angola, onde o dominio de V. M. corre grande perigo de ficar completamente extincto; porquanto os moradores morrem diariamente e vão diminuindo por causa da insalubridade da terra e por falta do que é necessario para a vida humana. O que tenho dito e mais outras circumstancias declarei muito parti-

cularmente nos papeis a que já me referi, mostrando que esse proceder não repugna á autoridade real, e antes concorre para o augmento da reputação de vossa corôa, e se conforma com razões de Estado, e que contra tudo isso é o não fazer assim. Resta somente que V. M. mande tomar informações daquelles que têm conhecimento da materia, sobre o que representei nos referidos papeis, porquanto só porque o digo não se ha de tomar deliberação em um negocio de tamanha importancia, com quanto tudo o que tenho exposto sejam verdades que aprendi por experiencia, e pelo conhecimento que tenho obtido no trato quotidiano com esta gente.

Assim penso eu que se deve começar a tratar do negocio da restituição neste paiz, não com os membros dos Estados-Geraes (com os quaes os embaixadores de V. M. tratam de ordinario os negocios do vosso real serviço), mas com as Camaras da Companhia (que são em numero de cinco) e com os seus accicnistas em todas as cidades onde os houver, attendendo-se que a 1ª e principal Camara é a da cidade de Amsterdam, a 2ª a da Zelandia, á qual pertencem as tres cidades de Middelburgo, Flessinga e Ter Veer, a 3ª a do Mosa, comprehendendo as cidades de Delft, Rotterdam e Dorth, a 4ª das cidades de Enchuysen e Hoorn e a 5.ª a da cidade de Groninga. Em cada uma dessas cidades se deve obter que alguns dos mais interessados na Companhia ponham o negocio por obra e movam os outros accionistas a consentir na restituição, expondo-lhes as razões que a isso persuadem e o proveito qus se póde esperar; tambem se prometterá a cada um delles certa quantia, como recompensa, tomando-se o compromisso de não o revelar, o que é mui necessario se faça. E depois de haverem elles movido as camaras a dar o seu consentimento (sem o que nada se deve fazer ulteriormente acerca desse negocio), e de se ter certeza disso pelo que referirem sobre o seu modo de ver,

proponha-se então o negocio aos Estados-Geraes, e predisponham-se tambem alguns dos membros dessa assembléa com a dupla promessa de dinheiro e segredo, empregando-se para esse fim pessoas da mesma nação (uma vez que por indole e costume não o communiquem a ninguem senão a esses taes). Não se faça questão de dar maior ou menor quantia, pois que a contribuição do Brazil será bastante para o effeito. Na proposta de restituição se deve pedir aos Estados que levem-na ao conhecimento da assembléa da Companhia, e a cada camara em particular, sob o pretexto de que a restituição é mui proveitosa á Companhia e á republica, á boa paz e amizade do reino de Portugal e os Estados da Hollanda, não se devendo por isso duvidar da adhesão da Companhia á proposta. Os motivos que V. M. deve allegar para servirem de capa á mesma proposta, puz por escripto ha alguns dias, logo que fui ter com o embaixador, e enviei tambem copia ao Marquez de Montalvão, que me respondeu que a levára ao conhecimento de V. M.

Com este presupposto de (angariar) a vontade da Companhia, deve-se tentar opportunamente a restituição, depois que forem applicados os meios tendentes ao detrimento da mesma Companhia.

Cumpre-me ainda mostrar a V. M. donde e como se ha de haver o dinheiro necessario para a restauração do Brazil, Angola e S. Thomé, sem extorção para com o povo e sem prejuizo dos impostos que o Reino applica ás suas despezas, nem daquelles que usufrue actualmente a coroa de V. M. Operar este milagre é obra de Deus, pois é Elle que move os corações dos homens, e com o seu auxilio me parece que dessas mesmas conquistas e daquelles que nellas quizerem traficar se póde tirar suavemente o dinheiro necessario para a restauração. Entretanto reconheço que este negocio é tal que V. M., antes de effectual-o, o deve mandar

examinar por letrados em religião e direito, e depois em seu concelho, uma vez que diz respeito ao bem publico do Reino, e tambem á conservação da fé catholica nessas conquistas.

Antes de declarar como e donde se poderá haver o dinheiro para o pagamento da restituição, mostrarei qual o preço que os mercaderes da Companhia (segundo me parece) esperam haver por essas conqnistas, e assim pondero que V. M., quando se dispuzer a (obter) o consentimento (da Companhia), deve fazer sentir que o vosso intento não é alcançar dos Estados-Geraes a revogação da outorga da Companhia das Indias Occidentaes, mas somente pedir a restituição das ditas conquistas; porquanto nessa outorga ou privilegio se acha comprehendido todo o trato das costas d'Africa e d'America, bem como o que a Companhia occupou ou ainda ha de occupar nas Indias de Castella, ficando-lhe dest'arte livre, além do que já conquistou, o trato do ouro que actualmente tem em Guiné e na Mina. Feita esta limitação, me parece que não se pode prometter mais a essa gente pela restituição das ditas tres conquistas do que tres milhões (de cruzados), uma vez que fique salvo á Companhía o direito ás dividas dos moradores, cujo pagamento ella póde exigir delles, o que monta a uma somma consideravel, bem como que a Companhia levará a artilharia e munições que lá tenha, sendo que uma e outra cousa poderão produzir outro tanto, e que emfim, além de tudo isso, lhe fica livre o uso da sua outorga para o commercio do ouro da Mina e do rio de Guiné, e para as presas das Indias de Castella, o que tudo é considerado por elles cousa de proveito certo, e assim é effectivamente. As demais clausulas desse contracto não me tocam, e sim aos ministros de V. M.

Para servir de exemplo aos outros, a primeira contribuição destinada a esse pagamento deve sahir da fazenda de V. M., isto é, da renda que V. M. de presente não usufrue, por estar alienada da vos-

sa real coroa, contribuindo V. M. com o que fôr possivel.

Assim a fazenda de V. M. poderá contribuir com a metade da recognição que pagam os negros de Angola por sahida, ficando reservada a outra metade para ser applicada ás despezas do Reino. Egualmente devem ser reduzidos á metade os ordenados que se pagam aos officiaes e ministros, e o dizimo das quatro capitanias que forem restituidas, ficando a outra metade para se fazer face ás despezas no ecclesiastico e secular. Tambem serão reduzidos á metade os salarios e pensões que qualquer pessoa perceba, visto como, estando aquellas terras sob o dominio dos hereges, os vigarios servem sem pensões, e os officiaes e ministros da republica nada percebem. V. M. destinará ainda para as despezas da restauração todo o páo brazil que sae de Pernambuco, e, assim fazendo, V. M. não dá cousa alguma pela razão que já foi exposta, mas somente deixa de usufruir por mais alguns annos aquillo de que até o presente se acha privado. Tal é a contribuição da fazenda de V. M., a qual se effectuará sem prejuizo da mesma fazenda, e do progresso e despeza do Reino. Passo agora a explicar d'onde sahirão annualmente as demais contribuições.

O reino de Angola contribuirá com o seguinte, a saber, por cada escravo adulto ou pequeno que sahir (exceptuadas somente as crianças de peito) cobrar-se-ha a quantia de 4.000 rs., que será paga ou por quem os levar, ou por aquelles a cujas mãos passarem. Alem disso, os compradores ou mercadores que os transportarem deverão pagar mais por cada escravo 4.000 rs. no Brazil ou onde os introduzirem para serem vendidos. Estes dous impostos serão cobrados sem prejuizo da antiga recognição de 4.000 rs. que se paga pela exportação de cada escravo de Angola em proveito do rei, e dest'arte fica sendo pequena e facillima a contribuição de Angola, porquanto não se lança imposto

algum sobre as mercadorias que forem levadas para lá, e que são de grande proveito, nem sobre os fretes, ou os negros que forem exportados, sobre os quaes tambem poderão recahir alguns impostos, si o preço da restituição exigir maior contribuição Admittidos os ditos impostos, é facil de ver a differença entre 48 contos de réis, que em tanto estimo a contribuição de Angola, e 520 contos, em que calculo a do Brazil, como se evidencia da conta que abaixo vae.

A contribuição do Brazil deve pesar sobre todo aquelle Estado, si bem que as outras capitanias não se achem sujeitas ao dominio dos hereges. Si se considerar a má visinhança que resulta da occupação hollandeza para essas capitanias, e os futuros incommodos que podem d'ahi provir, o que a experiencia dos annos passados faz patente, parece razoavel que todo o Brazil contribua para livrar-se de hospedes tão nocivos. E para que essa contribuição seja mais suave, não deve recahir sobre as pessoas ou os haveres de cada um, conforme a quantidade delles, mas somente sobre os fructos que são produzidos por muitos, de modo que a contribuição possa ser facilmente paga sem extorção ou insupportavel onus daquelles que a devem pagar, comquanto não se possa prevenir que essa contribuição de algum modo seja sentida, pois de alguma parte ha de vir (o proprio Deus não quiz fazer pão das pedras, e não é de esperar que o faça, visto como proporcionou meios aos homens para ganhal-o), e, sendo a cousa tão justa, commum e desejada de todos, tudo o que se effectuar por todos os meios razoaveis para esse fim, não deixará de ser agradavel aos subditos de V. M.

Em primeiro lugar e afim de que as contribuições do Brazil sejam pagas em geral por todos, exceptuados somente os pobres, isto é, os que não possuem bens, posto que se sustentem com o seu trabalho sem mendigar, V. M. deve mandar que

os donos e possuidores de escravos paguem por cada um 4.000 rs., e dest'arte essa contribuição comprehenderá todos os moradores do Brazil, porquanto é regra sem excepção que quem tem alli bens, entre os da 1ª classe figuram os escravos negros. Digo escravos negros, porque os escravos da gente da costa (indios) devem ser isentos por muitas razões, das quaes não é a menor que, na capitania de S. Vicente, varias pessoas possuem mais de 1.000 delles, e a esses seria impossivel satisfazer a dita contribuição. Tambem devem ser isentos os escravos que forem menores de 10 annos, porque esses não dão proveito ou não prestam serviço aos seus senhores, e a verdade disto se deve apurar por juramento dos mesmos senhores. Ainda devem gozar de isenção aquelles que não tiverem mais de um escravo, salvo si exercerem algum officio, porque esses taes no Brazil são reputados por pobres, mas não assim os que têm dous escravos.

Sobre cada caixa de assucar mascavado do Brazil destinada á exportação lançar se-ha o imposto de 4.000 rs., que será pago pelo carregador, ficando isento o *panela*, não só por ser de pouco valor, como porque, si se cobrar maior recognição, não ha de ser exportado, como actualmente succede aos que se fazem em Pernambuco e outras capitanias do norte por causa dos novos impostos que os Hollandezes lançaram, e emfim para que se conceda esse allivio aos que fabricam este genero de assucar.

Alem desses 4.000 rs. se lançará mais o imposto de 2.000 rs. sobre cada caixa do referido assucar, que fôr posta nos armazens d'el-rei, e esse imposto será egualmente applicado ao pagamanto da dita contribuição.

Todas essas imposições sobre o assucar são pequenas á vista do muito valor que esse genero terá, uma vez que o exportem somente do Brazil

para Portugal, onde os outros povos de necessidade o irão buscar.

A redizima e as penções, que nas capitanias de Pernambuco e Itamaracá se pagavam aos donatarios da terra, tambem devem ser applicadas a esta contribuição, emquanto ella durar, e isto pelas mesmas razões declaradas com relação á contribuição da fazenda real, porquanto os donatarios dest'arte nada dão, e somente deixarão de perceber por mais algum tempo aquillo que actualmente não percebem.

Tambem será tributado para o mesmo fim o frete dos assucares, cobrando-se de cada navio, em que forem carregados no Brazil, 3.000 rs. por tonelada, visto como no tempo das treguas de Castella os navios pequenos, que navegavam para o Brazil, não exigiam mais do 7.000 ou 8.000 rs. por tonelada, e os que montavam artilharia 9.000 rs., e com o dito imposto os fretes subiram até 12.000 rs., o que é uma somma moderada para os carregadores, e a de 9.000 rs. vantajosa para os navios. Este imposto poderá ainda ser elevado a 4.000 ou 5.000 rs., si o preço da recuperação sair maior do que se pretende, porquanto os Hollandezes da Companhia cobram 3.333 rs., que são 100 florins por tonelada, e alem disso lançaram outra recognição sobre os assucares, o que podem fazer em razão do valor desse genero.

Os senhores de engenho e trabalhadores de assûcar devem tambem contribuir particularmente com alguma cousa, por ser a gente que possue as terras e dellas tira fructo, e que por consequencia gozará maior beneficio com a restauração. Assim que cada engenho com os seus trabalhadores deve contribuir com 80.000 rs., quantia que devidirão entre si, segundo o estylo que observam em outras occasiões com relação a negocios do seu particular interesse. Deve porém V. M. recommendar que, no tocante a esta contribuição, sejam moderadamente tratados os engenhos que se acharem

baldos de recursos, segundo o criterio da pessoa ou pessoas encarragadas desse negocio.

Estas contribuições serão continuadas por tres annos, si necessario for, até que se haja obtido o preço da restituição, excepto as dos negros e dos engenhos do Brazil, que V. M. mandará que não se cobrem por mais tempo além do necessario, visto como nem o estado daquella conquista o póde soffrer, nem o permittirá a piedade e justiça de V. M.

Tanto que forem restituidas as quatro capitanias presentemente occupadas pelos Hollandezes, V. M. deve mandar cessar immediatamente todos os direitos e impostos lançados por elles, excepto os tributos e a recognição que existiam no tempo do dominio da coroa de Portugal, afim de que o povo, gozando esse allivio, se sinta mais animado e induzido a supportar voluntariamente o pagamento da contribuição.

Quanto ao modo que se deve observar na cobrança das contribuições, bem conveniente fôra dizer alguma cousa (si me fosse permittido) com relação á lealdade e fidelidade dos recebedores, afim de que o povo não seja mais gravado do que se faz necessario, devendo antes ser tratado com verdade e egualdade; mas, como é este um assumpto da competencia dos ministros de V. M., suspendo a penna, para que não pareça que eu me quero envolver em tal. Dirigindo porém a V. M. uma supplica do intimo do meu coração, como subdito fiel, zeloso para com o vosso real serviço, amante da patria, e cujo desejo é a prosperidade do Reino (« um bom companheiro dos seus compatriotas, com assistil-os e ajudal-os nas passadas miserias »—palavras com que V. M. houve por bem honrar-me, pelo aviso que se fez a V. M. do meu proceder, em a vossa carta a mim dirigida a 13 de Janeiro de 1644) peço que, si se realisar a restituição do Brazil a bem dos vossos subditos, determine V. M. que, na cobrança das contribui-

ções, sejam rigorosamente castigados os transgressores de vossas reaes ordens; porquanto nestes ultimos tempos a natureza humana tem sido tão corrompida da cubiça, que eu receio que, por occasião do levantamento das contribuições, alguns subditos de V. M. venham a soffrer detrimento em seus haveres e muitas injustiças, si V. M. não fizer observar a egualdade e a justiça, que nesta materia se fazem mister, com aquella piedosa solicitude, de que Deus vos dotou, para com os vossos vassalos.

Tambem não me cabe discorrer sobre as clausulas do contracto com os Hollandezes, porque essas particularidades são da competencia dos ministros de V. M.; mas espero que, quando chegar a desejada occasião da restituição, se convencionará que o preço della será pago dentro em tres annos, embora elles exijam um juro razoavel (no que se despenderá mais de 400.000 cruzados), pois a contribuição servirá para tudo, dado que o Brazil e as outras conquistas sejam entregues á coroa de V. M., logo que se conclua o tratado da restituição, mediante a fiança que a Companhia exigir, e a V. M. nada faltará, attento o governo e ministros que V. M. tem em seu reino; porquanto, si a entrega das conquistas não se realisar immediatamente ao accordo sobre o preço que se ha de pagar, é certo e sabido que as ditas conquistas não fornecerão as contribuições, por carecerem de liberdade para o fazerem.

Estimativa das quotas com que o Brazil e Angola concorrerão annualmente para a sua restauração

Contribuição da fazenda real

De 6.000 escravos que actualmente saem por anno de Angola, cobrando-se pela exportação de cada um a recognição de 4.000 rs., temos....

24.000$000. A fazenda real contribuirá com a metade.............. 12.000$000

Contribuirá outrosim com a metade do dizimo do assucar das quatro capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande; e, como esse dizimo se avalia actualmente em 20 contos, a dita metade importará em............... 10.000$000

Por todos os meios se procurará elevar quanto fôr possivel o producto do páo-brazil das mesmas quatro capitanias, arrendando-se o direito de tirar cada anno 15.000 quintaes. Avaliando-se o quintal a 4.000 rs., o total importará em.. 60.000$000

82.000$000

O total da contribuição da fazenda real importará annualmente em 82.000$000, e, supposto que, mediante contracto do corte do páo-brazil, não se possa obter essa somma, mais se ha de obter, si se navegar por conta da fazenda real para a parte do norte.

Contribuição do reino de Angola

De 6.000 escravos que os moradores de Angola podem tirar annualmente da terra, a 4.000 rs. cada um, imposto destinado a essa contribuição..... .... 24.000$000

4.000 rs. por entrada dos 6.000 escravos no Brazil ou onde forem introduzidos. . . .. 24.000$000

Portanto a contribuição de Angola importará ao todo em.............. 48.000$000

Contribuição do Estado do Brazil

De 50,000 escravos que pelo menos existem actualmente no Brazil (e creio que, si se verificar o numero delles, achar-se ha que são mais numerosos ; mas como è impossivel dizel-o com certesa, calculo que existe pelo menos essa quantidade—os ditos 50,000, fazendo a conta pelo numero dos engenhos, e tendo em attenção os que se empregam em outros serviços dos moradores e não trabalham nos engenhos), pagando o dono por cada um 4$000, mas somente uma vez, ainda que a contribuição dure por mais tempo, importa esta em	200,000$000
O Estado do Brazil produz agora annualmente 40,000 caixas de assucar mascavado. Pagando o carregador no Brazil 4$000 por cada uma temos..................	160,000$000
Os que receberem nas alfandegas do Reino essas 40,000 caixas de assucar mascavado pagarão para o mesmo fim 12$000 por cada caixa, o que importa em................	80,000$000
A recognição e redizima de Pernambuco e Itamaracá, que se destinará exclusivamente para essa contribuição, de 18,000 (16,000?) toneladas, cada uma de 54 arrobas, (pois tantas produzirão as ditas 40,000 caixas de assucar masca-	

vado) e sobre os retames se pagará de imposto dos fretes para o mesmo fim a quantia de 3,000 (1).	48,000$000
Existem pelo menos 300 engenhos no Estado do Brazil. Pagando cada um dos proprietarios 80$000, temos	24,000$000
Total da contribuição do Brazil.......	720,000$000

Assim as referidas contribuições perfarão no todo seiscentos e cincoenta contos de réis, que fazem em um anno um milhão seiscentos e vinte e cinco mil cruzados, os quaes poderão ser cobrados durante tres ou mais annos, si necessario fôr, para indemnisação da restituição das conquistas, cujo preço não se deve regatear, pois, por grande que seja, V. M. fará em todo o caso favor e beneficio aos seus subditos. Cumpre, porém, que V. M. exija somente por um anno o imposto de 4$000 por cada negro dos moradores do Brazil e o de 80$000 por cada engenho, imposto que, por sua natureza e materia sobre que recahe, não soffre que se cobre mais de uma vez. Quanto aos demais, é razoavel que sejam pagos durante os annos que forem necessarios, e, sendo tres annos, se obterão trezentos e cincoenta e cinco mil cruzados, com que V. M. poderá effectuar a recuperação dessas conquistas, sem tirar cousa alguma da gente de Portugal, comquanto não pareça fóra de razão que os mercadores contribuam com alguma quota. Mas o fim desta minha proposição é somente mostrar como se póde levantar as ditas contribuições sem gravar o nosso povo, não somente nos bens que

(1) Suppomos que a traducção hollandeza não é fiel n'esta parte. Trata-se ahi de duas verbas, a da redizima e penções, e a do imposto sobre os fretes. Parece que supprimiram-se palavras com relação a 1.ª, pois não se diz em quanto importavam as penções e a redizima, e, alem disso, o imposto de 3$000 rs sobre 18000 toneladas. dá 54 contos e não 48. Talvez o numero das toneladas seja 16,000, e o rendimento das penções e redizimas 8,000$000, o que se ajusta com a somma total da contribuição do Brazil.

possuem, como ainda nas mercadorias que levarem para as conquistas do Brazil e Angola, do que tudo ficam isemptos, como acima se vê, e dispor a cousa de modo que o dinheiro destinado á restituição saia somente dos bens e fructos que vierem do Brazil e Angola, de cujo gozo o Reino presentemente está privado.

Releva advertir que não se deve mudar os logares apontados para o levantamento desses impostos ; a não ser assim, o imposto crescerá somente com relação á uma sorte de bens, si fôr pago em um logar, pelo que o pagamento de uma cousa deve ser effectuada em differentes logares e em varias mãos, pois disso depende em parte a suavidade da contribuição.

Obtida a restituição do Brazil e Angola, póde-se facilmente obter a da ilha de S. Thomé, a qual não é muito desejada dos Hollandezes, por ser mui insalubre e poucos os fructos que d'ahi tiram ; a isto accresce que elles são forçados a ter guarnição na ilha e a fazer despezas com os navios e os officiaes necessarios para a navegação e a administração dessa colonia. No que se dér para a restituição do Brazil e Angola deve ser tambem comprehendida a ilha de S. Thomé, sem se fazer preço á parte, comquanto a indemnisação por isso ha de ser augmentada de alguma forma. Mas os moradores da ilha por sua vez devem tambem contribuir, no que se procederá assim : V. M. contribuirá de sua real fazenda do mesmo modo que acima se disse, isto é, concorrerá com a metade da dizima e de outras rendas que a vossa coroa ha de gosar com a posse da ilha, ficando a outra metade para as despezas do governo, e, si isto não fôr bastante, reduzir se-hão as despezas, e se lançará o imposto de 4$000 sobre cada negro escravo e o de 80$000 sobre cada engenho dos moradores, de modo que acima se explicou com relação ás contribuições do Estado do Brazil. E si ainda não bastar, cobrar se-hão dez por cento do assucar que

dessa ilha se exportar, o que é muito menos do que se paga no Brazil pela mesma especie de assucar, por não haver alli, segundo me parece, abundancia de dinheiro, e sobre os fretes os mesmos 3$000 por tonelada, que serão pagos pelos donos dos navios, como acontece com os do Brazil.

Por mais difficil tenho eu a restituição do trato e commercio do ouro da Mina e dos rios daquella costa, visto como os Hollandezes desde alguns annos estão acostumados a isso, e actualmente quasi que tem excluido todos os Portuguezes, pelo que me parece que por modo algum quererão prestar ouvidos á restituição de S. Jorge da Mina, que ha annos tomaram. Mas por isso não se deve deixar de tentar esse negocio posteriormente, dado que a restituição do Brazil succeda como esperamos, nem desprezal-o pela razão de que seja difficultada a recuperação das outras conquistas. Em todo o caso cumpre que se obtenha incontinente a concessão de passaportes para os nossos navios poderem ir aos portos da dita costa da Mina e se empregar no commercio do ouro, como os Hollandezes fazem, de conformidade com o art. 20 do tratado das treguas e observada a ordem ahi declarada, providenciando-se a este respeito, bem como a respeito da entrada dos nossos navios em Angola, de modo que o tratado seja observado com tal segurança (pois para isso não faltarão meios, que seria interminavel especificar aqui) que os subditos de V. M. possam continuar nesse commercio, sem perigo de suas vidas e bens, o que sempre é de receiar naquellas partes por causa da sujeição e communicação com esta gente. Fallo como quem tem conhecimento delles por experiencia.

A respeito desse commercio da Mina, deve V. M. empregar todos os meios para animar os mercadores a equiparem navios e proverem-nos de gente do mar, concedendo aos que forem menos abastados para ir ao commercio da troca do ouro muitos favores e privilegios, e áquelles que man-

darem para lá um navio de certo porte (que será declarado) particulares vantagens. Não é duvidoso que os nossos se avantajarão na opinião da gente da costa, porque os nossos terão melhores mercadorias e de preços mais moderados, e porque são mais cortezes no seu modo de tratar, e os Hollandezes o fazem pelo contrario, e assim a pouco e pouco ficarão elles privados da grande quantidade de ouro que d'ahi tiram annualmente, visto como essa mercadoria soffrerá necessariamente diminuição, por se achar dividida entre differentes mãos. Com o auxilio de Deus se póde esperar que pelo decurso do tempo essa diminuição será cada vez maior, e que a vontade dos subditos de V. M., pelo gosto que nisso recebem, crescerá tanto que em poucos annos o reino de Portugal se tornará a fazer senhor desse commercio, que outr'ora foi para elle de tamanha importancia. Por consequencia V. M. deve mandar que com toda a instancia se peça essa permissão, e se empreguem todos os meios possiveis afim de que os vossos subditos se dediquem e continuem nesse commercio.

Devo ainda informar a V. M. acerca da situação da Companhia das Indias Orientaes e dos meios de que se póde lançar mão para enfraquecel-a, visto como tenho eu por impossivel obter-se presentemente a restituição das conquistas desta Companhia e excluil-a das Indias. E' verdade que, segundo o que nos mostra a actual situação, ella está exposta a maior perigo de ruina do que a Companhia do Brazil, porque a actual prosperidade da Companhia das Indias Orientaes não depende tanto doslucros que tira das Indias quanto do valor e boa opinião de quegosam as suas acções, pela esperença que os mercadores têm de futuros lucros. D'ahi procede o terem subido as ditas acções presentemente aqui em Amsterdam a 460 %, o que é tanto como si alguem, que empregára na Companhia 100.000 rs., os vendesse por 460.000 rs., e antes mais do que menos. Isto assim acontece,

apezar de serem os lucros, que o anno passado a Companhia dividio, apenas de 23 °/₀ sobre o primeiro capital, o que importa em 5 °/₀ sobre os ditos 460.000 rs., porquanto esses lucros não são repartidos, conforme o preço por que cada qual tenha comprado as acções da Companhia, mas segundo o capital com que ella foi primeiramente instituida, a saber, 2 milhões de cruzados. E com isto a Companhia tem feito a Portugal o damno que soffremos por causa do mau e tyrannico governo de Castella, e por nos faltar um rei natural.

Esse preço, que provém da boa opinião de que actualmente gozam as acções, pode descer á metade mui facilmente e dentro em pouco, si as especiarias, que a Companhia traz das Indias para a Hollanda, viessem a diminuir de valor. O meio mais facil, que se pode achar para este effeito, é mandar vir para Portugal especiarias em grande abundancia, o que os accionistas já receiam, depois que o embaixador Francisco de Souza Coutinho concordou em fazer cessar a guerra nas Indias para se observar o tratado das treguas. Portanto deve-se fazer que o trato da India continue com tal força, que as especiarias importadas em Portugal desçam a preço mui baixo, afim de que os mercadores, assim d'aqui como de toda a Europa, as mandem comprar nesse Reino, e deste modo as especiarias deste paiz descerão dos preços que até o presente têm obtido. Para se conseguir isto, cumpre abrir o commercio das Indias com limitação das nações, navios e das mesmas especiarias e generos, que aprouver ao concelho de V. M., dispondo-se as cousas de modo que cada anno venham das Indias muitos navios e mercadorias, e para lá vão muitas mercadorias e capitaes, porque disto depende a decadencia da dita Companhia, a qual, quanto mais avantajada estiver na opinião, como presentemente se observa, tanto mais facilmente poderá arruinar-se por este meio.

Nem se diga contra isto que a diminuição do valor das acções prejudicará somente aquelles que as compraram por preços altos, e não a Companhia mesma, pois se deve considerar que uma tal depreciação virá da diminuição dos lucros, no que consiste a boa ou má fortuna da Companhia, e dest'arte, como ella o anno passado não distribuio mais de 23 °/₀ (posto que vendesse por bons preços as mercadorias então importadas, sendo que nos annos anteriores dera maiores dividendos), póde acontecer que dê menos no futuro, e gradualmente os lucros irão minguando tanto que, deduzidas as despezas, nada sobrará, como actualmente succede á Companhia das Indias Occidentaes. E maior ha de ser a perda da Companhia das Indias Orientaes, porque não somente será prejudicada a Companhia, como em geral os principaes mercadores deste logar, que têm nella o melhor dos seus capitaes, attento o excessivo preço de 460, 500 e mais por cento, a que as acções subiram nos annos passados, podendo elles em pouco tempo perder a metade ou muito mais, si for continuando a diminuição dos lucros da Companhia por causa da abundancia dos generos das Indias em Portugal.

E' digno de nota que os mercadores por si tenham elevado os dous milhões, em que consistia o capital da Companhia, a 9 milhões ou mais, não em razão dos valores que nella possuem, mas pela opinião delles mesmos, do mesmo modo que se estima uma pedra preciosa, sem quererem crer quão facilmente essa preciosidade pode quebrar-se ou ficar destruida, dado que os lucros das Indias diminuam, e mude o estado actual com a vinda dos nossos navios e a abundancia das especiarias em Portugal. A gente deste paiz, e particularmente a desta cidade de Amsterdam, é a mais cubiçosa que ha no mundo. Elles o reconhecem: fizeram um ditado, com que mostram conhecer a sua propria indole. Admira vel os porfiar em todas as occasiões, sempre que suppõem haver

algum lucro a obter, e empregar-se sem descripção e como quer que seja em todo o genero de negocio de que esperam proveito, sem que nesse empenho se assustem com quaesquer maus successos que cada dia lhes sobrevem. Esta é a causa por que elles metteram tanto (dinheiro) no Brazil, e fizeram lá tão grandes despezas: obraram assim, não para debellar o rei de Castella (pois os mercadores nos seus negocios não se preoccupam com isso, como fazem as republicás), mas somente porque esperam que o Brazil lhes proporcionará grandes riquezas. Tambem é esta a causa por que compram e vendem as acções das Indias por preços tão altos, sem considerar quão facilmente o valor dellas póde depreciar-se, em mudando a vontade daquelles que lhes vendem as mercadorias (o que elles receiam muito do Japão e da China), ou sendo introduzidas em grande quantidade em Portugal; depreciação que se deu aqui anteriormente, quando, tendo-se espalhado más e falsas noticias acerca do commercio das Indias, que elles tem naquelles logares, em um só dia o preço das acções desceu á metade, e com a certesa de que taes boatos eram falsos, voltou logo ao estado anterior. Refiro isto para que se entenda quão facilmente pode mudar a prosperidade desse negocio, e afim de que os ministros de V. M. tratem de, por todos os meios e com todo o empenho, fazer vir muitas mercadorias e especiarias das Indias, bem como tentem, tanto quanto o permitte a real magestade, alienar (dos Hollandezes) os corações dos reis e das nações de quem elles as obtem, estorval-os e impedil-os de as haver (cousa licita e usual aqui entre os mercadores mesmos) para dest'arte irem minguando os lucros, e ficar a Companhia reduzida a tal estado que não possa fazer face ás despezas. Não devemos desesperar da Divina Misericordia: Ella ha de ser tão propicia que V. M. poderá recuperar inteiramente esse commercio para a sua coroa, resgatando as fortificações e praças

que lá tenham os Hollandezes, no que facilmente hão de convir e concordar, em vendo que não podem tirar proveito algum, com ter infructiferos os seus capitaes, que tal é o mal que presentemente a Companhia do Brazil está sentindo.

Trouxe até aqui este discurso, ajudando-me do meu juizo, que é pobre, com quanto o meu animo seja rico de disposições para fazer alguma cousa a bem do serviço de V. M. e tendente ao augmento de minha patria. Si nada adiantei neste papel, — o que se explica, ou porque outros já levaram este negocio ao conhecimento de V. M., ou porque nada disto é desconhecido ao concelho de V. M., ou porque o que eu disse não tenha importancia nem mereça ser admittido,—a boa disposição, com que o escrevi, certamente desculpa-me de tel-o feito, e como é justo que eu mostre isto mesmo por obras, que façam crer e testifiquem o desejo que tenho de ver restituidas aquellas quatro capitanias á corôa de V. M., de que ellas estão actualmente separadas, não achando eu como melhor o possa mostrar do que fazendo algum offerecimento dos meus haveres para a contribuição, que espero se realisará a bem da restauração das ditas conquistas, ouso offerecer a V. M. 18,000 cruzados, que prometto dar para esse fim, além do muito que terei de pagar dos impostos creados para o effeito, quasi que em todas as materias apontadas na relação delles, pelos bens que de presente possuo em Pernambuco, onde sou morador. E com quanto, em relação a real grandeza de V. M., este offerecimento seja diminuto, espero que pela magnanima aceitação do vosso real animo parecerá grande, mandando V. M. recebel-o pela boa disposição com que o faço em prol do vosso real serviço. Pagarei esses 18,000 cruzados na cidade de Lisboa dentro dos tres primeiros annos do pagamento da restituição, a saber, cada anno 3,000 cruzados.

Tendo assim deduzido e apresentado a V. M.

este discurso, parece-me que não vim debalde a este paiz, para onde me trouxe o receio que tinha de experimentar os effeitos que a desaffeição ou antes o odio dos Hollandezes, em razão de ausencia do Conde Mauricio, me podia causar em Pernambuco, deixando eu alli todos os meus bens e familia; aversão e odio que nelles se gerou pelo que eu fiz, com o favor do dito Conde (e sobretudo com o favor de Deus) para a conservação da fé e allivio dos subditos de V. M., meus companheiros, em muitas e varias occasiões, com grandes despezas da minha fazenda, e sem a minima diminuição da dos outros. Volto para lá com os novos governadores que agora vão partir para aquella capitania, onde espero que o tempo me dará occasião de prestar algum serviço a V. M.

Como fiança desta minha inclinação, deixo n'esse Reino tres filhos, que para esse fim trouxe do Brazil, e d'aqui enviei para essa cidade, para onde o mais velho, que é o unico adulto (*bejaert)*, acompanhou os seus dous irmãos, que foram educar-se em um convento, até que attinjam a idade de poder servir a V. M., de cuja grandeza espero se dignará de honral-os e adiantal-os pelo zelo de seu pai para com o vosso real serviço, e segundo o que V. M. me fez a graça de prometter na carta com que me honrou a 13 de Janeiro de 1644.

Deus Guarde a real pessoa de V. M. por longos e felizes annos, como a christandade de vosso Reino ha mister.

Amsterdam, 20 de Julho de 1645.

Beija as mãos de V. M o vosso

Humilde servo,

Gaspar Dias Ferreira.

Traduzido de um escripto em portuguez por

ordem dos senhores escabinos de Amsterdam, com o qual escripto foi conferida a versão e se achou conforme em substancia, por mim abaixo assignado secretario da mesma cidade. Haya, 8 de Dezembro de 1645. (Sem assignatura).

Sentença do Tribunal da Hollanda (1)

Gaspar Dias Ferreira, nascido em Lisboa, detido na prisão do Tribunal da Hollanda, declarou que residira em Pernambuco, onde foi *burguez* da cidade Mauricia, e servira durante alguns annos o cargo de juiz ou escabino. Que, vindo depois a este paiz, requereu a Suas Altas Potencias e obteve cartas de naturalisação, das quaes consta haver promettido que se comportaria como subdito fiel do Estado das Provincias Neerlandezas, e que lhe seria submisso e obediente. Que, nada obstante, achando-se neste paiz, ousou escrever cartas a um certo Diogo Cardoso, seu tio, morador em Sevilha, manifestando o desejo de ir para lá, caso o rei de Hespanha (2) ou os ministros do rei dessem apreço a sua aptidão, ou ao seu conhecimento e experiencia dos negocios e logares do Brazil, e na terceira carta, dirigida ao mesmo Diogo Cardoso, lhe disse não estar satisfeito, porque desconfiava que duas cartas suas haviam sido interceptadas ou retidas, nas quaes escervêra cousas que tendiam a prejudicar, ou eram contrarias a este Estado de que é subdito. Que pelo seu proprio punho escreveu mais dous discursos dirigidos e entregues ao embaixador de Portugal, neste paiz residente, e enviára copia desses discursos ao Marquez de Montalvão, residente n'aquelle reino. Que escre-

---

(1) Traduzida a vista do texto da sentença, que se encontra no opusculo intitulado—*Sententie gepronuncieert den 25 January 1662 tot Amsterdam tegens Isaac Coymans* Asher n. 315.

(2) Isto é de Portugal.

veu ainda pelo seu proprio punho um outro discurso dirigido ao rei de Portugal, e o entregou a um tal João Baptista Caldeira para apresental-o ao dito rei, dos quaes discursos se vê que elle, reo preso, aconselhava e instigava a Sua Magestade a lançar mão de varios expedientes para enfraquecer e arruinar a Companhia das Indias Occidentaes e obrigal-a a entrar em negociação com o rei sobre a restituição do Brazil, mediante certa quantia, e nomeadamente o aconselhava a mandar alguns navios a Angola para o fim de promover, a bem dos moradores portuguezes, o trato dos negros, conseguindo assim que a Companhia tirasse menos proveito do dito trato, e tivesse de fazer maiores despezas, ou que ficasse de todo privada desse negocio, dizendo elle reo em alguns dos seus discursos, para mais reforçar as suas razões, que os logares de Angola possuidos pela Companhia haviam sido occupados sem direito, por força e com enganos; e mais que alguns dos maiores accionistas da Companhia podiam ser induzidos com promessas de dinheiro a promover a restituição do Brazil. Que elle, reo preso, prometteu tambem ao rei de Portugal e a bem do seu serviço contribuir com a quantia de 18,000 cruzados para serem empregados na recuperação do Brazil, e nas ditas proposições enviadas a Sua Magestade indicou certas medidas, por meio dos quaes se podia privar a Companhia do trato nas costas ou porto da Mina, ou fazer com que esse trato se lhe tornasse infructuoso. Que elle, reo preso, ainda no referido discurso apontou algumas outras medidas, pelas quaes se podia occasionar a decadencia, perda ou ruina da Companhia das Indias Orientaes, com o fim de que o trafico e commercio da mesma Companhia passasse a Portugal, indicando entre outros o seguinte meio, a saber, que, tanto quanto o permittisse a reputação de S. M , se alienassem os animos dos reis e das nações, com as quaes a Companhia faz alli o commercio das especiarias. Que elle, reo

preso, confessou tambem haver escripto e firmado com o seu nome em Amsterdam em data de 12 de Julho de 1645 algumas advertencias para S. M., contendo o projecto das clausulas do tratado de paz que devia ser concluido entre o Rei e Suas Altas Potencias os Srs Estados Geraes, bem como a explicação das mesmas clausulas e da materia nellas comprehendida, da qual declaração se vê que o reo propuzera as ditas condições ou algumas dellas para que, si fossem aceitas por este Estado, ficasse arruinada e anniquillada a Companhia das Indias Occidentaes, ou tão prejudicada que abandonasse o seu privilegio, ou a conquista do Brazil. Que outrosim nas referidas proposições dirigidas assim ao rei como ao embaixador de Portugal, e ainda em algumas cartas ao governador da Bahia o reo se intitulou de *servo*, *vassallo e subdito* do mencionado Rei de Portugal, dizendo em certa carta (entre outras) ao mesmo governador que era elle o maior servidor no civil que o rei tinha no Brazil, e duvidava de que outrem o excedesse no militar, desde a governança até o mais inclusive (?); e em uma carta de 8 de Maio de 1645, dirigida a Mathias de Albuquerque, affirma que o que elle reo tratava com o referido embaixador acerca do negocio do Brazil não procedia de particular interesse, senão somente do desejo de ver libertado o Brazil do poder dos hereges, denominando nesse e em outros topicos de suas cartas, discursos e proposições a autoridade e governo tanto deste Estádo como da Companhia das Indias Occidentaes de *poder ou soberania dos hereges*; o qne tudo são factos de consequencias perniciosas e perigosas, incompativeis com a fidelidade do bom subdito e cidadão do Estado das Provinoias Unidas Neerlandezas, e por isso devem ser punidos para exemplo de outros.

Assim que o dito Tribunal, tendo attentamente examinado e ponderado tudo o que respeita a esta materia, e administrando justiça em nome e por parte do Soberano Poder Condal da Hollanda, Ze-

landia e Frisa, bane perpetuamente o supramencionado reo preso, como pela presente o declaram banido, da Hollanda, Zelandia e Frisa Occidental, onde não poderá voltar, sob pena de ser punido corporalmente; e mais o condemna a pagar a multa de doze mil florins em proveito do mesmo Poder Soberano, bem como as custas, segundo a taxação e prudente arbitrio do dito Tribunal, devendo ser o reo encerrado de novo em prisão e ahi permanecer até que as tenha pago e satisfeito.

Dada em Haya pelos Senhores Johan Oom van Wyngaerden, presidente, Johan Dedel, Hugo Blocq, Gerard Crommom, Sebastiaen Francken, Gasper van Kinschot, Frederich van Dorp, Dirck Siexcti, Gualter de Raet, Herman de Hubert, conselheiros da Hollanda. E pronunciada a 16 de Maio de 1646. Com sciencia minha.—*Adr. Pots.* (1)

---

(1) Em uma relação das peças instructivas do processo de Gaspar Dias Ferreira, existente no archivo de Haya, são mencionados os seguintes documentos :

Carta do reo a Diogo Cardoso, 27 de Março de 1644 ; minuta de uma carta ao Marquez de Montalvão, 8 de Outubro de 1644 ; minuta de uma carta a Mathias de Albuquerque, 8 de Maio de 1645 ; minuta de um discurso dirigido ao embaixador de Portugal residente na Hollanda, 26 de Abril de 1645; outra minuta do mesmo discurso com a data de 8 de Maio de 1645; minnta de uma carta a João Baptista Caldeira, 26 de Junho de 1645; minuta de uma carta ao Marquez de Montalvão, 22 de Junho de 1645; minuta de uma carta a um certo Furtado, 5 de Julho de 1645; minuta de uma carta ao mesmo Caldeira, 26 de Agosto de 1645; minuta de uma carta a Francisco Ferreira Furna, 26 de Agosto de 1645; minuta de uma carta a Caldeira, 21 de Setembro de 1645 ; copia de uma carta ao embaixador, sem data ; diversas petições em latim escriptas pelo reo e apresentadas ao tribunal datados de 26 de Novembro de 1645, 29 e ultimo de Janeiro, e 20 de Março de 1646 ; minuta de uma carta a Francisco Furna, 2 de Outubro de 1645 ; minuta de uma carta ao rei de Portugal, sem data e sem assignatura; minntas de cartas que parecem dirigidas a Antonio Telles da Silva, uma sem data, as outras datadas de 2 de Março, 9 de Dezembro de 1642 e 31 de Agosto de 1643 ; carta dirigida, ao que parece pelo conteudo, ao Marquez de Montalvão, 22 de Setembro de 1642; minuta de uma carta dirigida, ao que parece, ao bispo do Brazil ; minuta de uma carta a Felippe Bandeira, 1 de Dezembro de

Sentença do Supremo Concelho da Hollanda (2)

Na causa pendente de decisão do Supremo Concelho da Hollanda (*Hoog Raedt in Hollant*) entre partes, de um lado, o procurador geral, appellante, e do outro Gaspar Dias Ferreira, portuguez, de presente detido na prisão deste Tribunal (3), reo no dito processo, e aggravante *a minima* (4); o Tribunal, tendo visto e considerado com maduro juizo tudo o que interessa á materia, e administrando justiça em nome e por parte da Suprema Autoridade Condal da Hollanda, Zelandia e Frisa Occidental, annulla a sentença do Concelho Provincial (*den Raed Provinciel*), e, julgando, manda que sejam cassadas as cartas de naturalisação que o reo

---

1642; idem ou copia de uma memoria contendo as razões, porque o Brazil e Angola devem ser restituidas a Portugal; projecto de alguns previlegios que devem ser concedidos pelos Estados Geraes e pelo Principe de Orange; minuta de alguns *casus conscientiæ* em latim para o padre Marius acerca da posse dos bens que a Companhia das Indias Occidentaes tem no Brazil; representação ao rei de Portugal, 20 de Julho de 1645; minuta das advertencias sobre as condições com que o rei de Portugal poderia fazer um tratado de paz com a Hollanda, e explicação do fim das mesmas condições, 12 de Julho de 1645. Essas minutas ou a maior parte d'ellas foram encontradas em um livro de copias pertencente ao reo.

Copia de uma carta de Feliciano Dourado, secretario do embaixador, 8 de Maio de 1645; copia de uma carta do embaixador, 8 de Maio de 1645, com o extrato de uma carta do reo ao Marquez de Montalvão, escripta no 1ª do mesmo mez; carta dirigida de Amsterdam aos Estados Geraes por « varios portuguezes judeus », 13 de Março de 1646; carta dirigida de Bruxelas, 5 de Março de 1646 sem assignatura, mandada pelos Estados Geraes ao tribunal; carta dos escabinos de Amsterdam ao tribunal, 28 de Janeiro de 1646; carta de Caldeira ao reo, 1 de Setembro de 1646.

(2) Copiada do mesmo opusculo.

(3) *Voopoorte van desen Hoove*, a prisão existente no edificio onde funccionava o tribunal, na qual eram recolhidos os reos que tinham de ser julgados.

(4) « *Ende geproponeert hebbende grieven a minima.* »

obteve subrepticiamente de Suas Altas Potencias os Estados Geraes, na audiencia deste Tribunal, em presença do reo, como indigno de tal mercê, e que sejam dilaceradas as suas cartas e mais papeis escriptos e utilisados em detrimento deste Estado e das privilegiadas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes ; condemna o reo a ser preso, pelo tempo de sete annos, no lugar seguro e fechado que fôr ordenado por este Tribunal; a ser banido perpetuamente, depois de cumprida a pena de prisão, dos territorios da Hollanda, Zelandia e Utrecht e (em virtude da autorisação dos Altos Senhores Estados Geraes) (1) das respectivas terras, provincias e dominios dos mesmos Senhores Estados Geraes, bem como dos paizes e logares que possuem ou para o futuro vìerem a possuir as ditas Companhias das Indias Occidentaes e Orientaes, não podendo o reo jamais tornar a ditos paizes e logares sob pena de morte; e mais o condemna a pagar a multa de trinta mil libras de quarenta grossos (*grooten*) em proveito da autoridade soberana.

Despresa as demais conclusões do Procurador Geral contra o reo, outrosim o condemna nas custas da justiça e nas do processo arbitradas por este Tribunal, permanecendo o reo encerrado na prisão do Tribunal até que tenha satisfeito e pago as ditas multas e custas.

Proferida no ultimo de Julho de 1647.

Com sciencia de

Jman Cau.

---

(1) Essa autorisação foi dada pelos Estados Geraes a 30 de Julho de 1647, como se vê da respectiva acta das resoluções daquella assembléa.

Edital

Gaspar Dias Ferreira, portuguez, natural de Lisboa, que se achava detido na prisão destes tribunaes (*voorpoorte alhier*), tendo ousado forçar e violar a prisão publica, esquivando-se, na noite de 17 para 18 do corrente mez de Agosto, á merecida pena a que foi condemnado, sendo esta acção de pessimas consequencias, e devendo ser punida para exemplo de outros; os dous tribunaes de justiça da Hollanda, Zelandia e Frisa, pelo presente edital, fazem publico a todos e a cada um que quem denunciar e trouxer o referido Gaspar Dias Ferreira (homem de estatura um tanto baixa, grosso de corpo, de rosto moreno e de mais de 50 annos de idade)(2), de modo que torne vivo ás mãos da justiça, será recompensado com a quantia de 600 florins da Hollanda, com a segurança de que não se revelará o nome do apprehensor, podendo este dirigir-se a qualquer dos mencionados tribunaes. Ordenam e tem por muito recommendado a quem quer que saiba onde para o referido Gaspar Dias Ferreira, o traga immediata e secretamente aos ditos tribunaes de justiça, ou o aprensente aos officiaes superiores do logar onde o reo se occulta ou seja achado, sendo prohibido que alguem o aloje, lhe dê refugio ou o occulte de algum modo, ou lhe preste algum auxilio para que parta por agua ou por terra; o que tudo se observe, sob pena de ser o infractor punido arbitrariamente. Ordenam mais que os dous primeiros meirinhos dos mencionados tribunaes, a quem fôr este edital apresentado, o affixem e publiquem, precedendo toque de sino, como cumpre.

Feito em Haya aos 19 de Agosto de 1649.

Iman Cau.
Adr. Pots.

(1) Impresso existente no registro dos *Placaten* dos Estados Geraes, 1640–1650.

(2) « *Synde een redelijch kort dicklyvigh man, bruin van ghedaente, oudt in de 50 jaren.* »

Epistola Gasparis Dias Ferreira in carcere, unde erupit, scripta die 17 Augusti 1649 (*)

Illustrissimis ac Celsissimis Præpotentibusque Dominis Ordinibus Generalibus Deputatis.

In omni tempore, statu et fortuna decet virum ingenuum suarum actionum rationem palam exhibere, præsertim cum rerum vicissitudo eò premit et impellit, ut stultas non plebis, sed malevolorum linguas in honestorum depressionem, et denigrationem semper intentas necesse sit veritatis nodis religare. Lusitanus sum, et Serenissimi Regis Portugalliæ à natura vassallus: per divisionem Brasiliæ in partes Dominorum fæderati Belgii propria sponte ac promissa fide secessi, eorumque dominium sub directione societatis subivi: accedente illuc terrarum Illm. Dn. comite Mauritio, in illius gratiam, obsequium, et ministerium pro societatis commodo me commisi: mea opera, industria, atque consiliis toto suæ gubernationis septennio populum Lusitanum adeo continuit in officio, ut palam pronuntiare non abnuerit, se plus obsequii à Lusitanis quam à Belgis in omnibus occasionibus pacis bellique percepisse: ipsum Illm. comitem fidissimum, et insignissimum hujus veritatis testem sistire audeo: utrarum rerum gerendarum, sive dirigendarum ergo, veritus sum ne, ipso absente, invidi Lusitani, quando Belgarum odium evadere potuissem, in me ruerent, at scitum volo, utriusque nationis neminem sive argenti, vel auri tantillum a me acceptum, sive injuriam alicui incussam mihi posse exprobare: in hanc perveniens regionem animadverti Societatis res hic ita vergere in ruinam, ut eam diu subsistere nullo modo posse judicarem, et cum de earundem statu in

(*) Copiada do opusculo mencionado por Asher sob o n. 239.

Brasilia satis gnarus essem Lusitanorumque tædii affatim conscius, timens regioni illi brevi ea quæ evenerunt eventura, apud me constitui aliquam explanare sive aperire viam, ut absque ullo neutrius nationis damno Brasilia ad securitatem et quietem perduceretur, quippe qui bona, et quidquid in mundo possideam, in ea regione situm habebam : proposui ideo Serenissimo Regi meo, ut Brasiliam vellet emere a Societate, excogitavi modos, struxi rationes, designavi ac ostendi tramites rectos et obliquos quo ad effectum negotium deduci posset, et inde profecto (?) verbis et suasionibus tanquam (?) ad Principem, et primates Lusitanos usque ad ipsius Religionis prætextum et zelum: interceptis horum meorum scriptorum copiis, a Curia Provinciali duodecim millibus florenorum et exilio particulari damnatus sum: porrò tunc in (me ?) adventum miserum, nullius perduellionis reum, imo de republ. non solum in Brasilia sed et hic in Belgio, si res ex recto bonæ rationis status angulo candide perspiciatur, benemeritum, illud rarum (quod nunquam antehac à primordiis hujus reipublicæ visum est) nempe in processu extraordinario, ab ipso tribunali, ad quod appellatio esset devolvenda, Procuratori generali eandem non tantum concedi, sed incitari : nulla hucusque facta fuerat nec permissa similis appellatio in his Provinciis : quid sententiæ possem sperare a judice appellationem petente, sive cupiente? Ea fuit tripliciter capitalis : condemnatio scilicet triginta millium florenorum, septennalis captivitas, ablegatio extra universum orbem, qui Dominis Ordinibus paret ab oriente usque ad occidentem, et qui aliquando futurorum temporum paruerit, et insuper sine sententia ab humano colloquio interdictio, salva præsidis facultate, fuit superaddita : Hos labores per quadriennium exantlavi : et cum universa bona mea (quæ quidem non erant exigua) bello, populationibus, furtis, et direptionibus absumpta sint, ultimo ad clementiam Celsissimi Principis Auriaci pro reme-

dio tantæ miseriæ obtinendo nuper confugi: stiti (obtuli ?) supplicationem suæ Celsitudini, causam meam, statum, et labores veraciter enarrando: remisit eam ipse benigne de more solito ad Curiam provincialem, ut de ea re consilium seu informationem daret : ego vero nil acerbius possem a Curia sperare, quam quod in prima instantia judicaverat, conscius (ut ipsa) me nihil noxæ prætensis culpis (quando sic vocare libeat) addidisse ; at vero Curia nil in scriptis respondere decrevit, videns utique ut reor, meæ veraci propositioni non posse resistere per scripta, sed statuit verbo tenus (tantum ?) Celsissimo Principi satisfacere, quod tali modo factum est (quo tamen nescio) ut omnino mihi tota libertatis spes, et remedii adempta fuerit ; quid in rigida hac fortuna facturus essem, Celsissimi Domini ? quid opis ad meam familiam septem puerorum, et uxoris per orbem sparsam excogitare valerem ? quid vitæ vel vivendi modum instituere possem, quid de miserrimo hoc mortali sene ad incitas redacto expectandum foret ? solvere mulctam mihi erat impossibile; fugere probrosum; propriis manibus jugulari impium ac detestabile homini Christiano ; demum illud medium, quod possem ante tres annos eligere (et quidem præ rubore nolui) hoc elegi, ac patravi : fugi, ut potui : at non vos Celsissimos Dominos fugio, neque vestram Gubernationem aut Domininm. Familia enim mea et omnia in Brasilia sub vestra sunt potestate : fugio acerbam illorum hominum indolem, qui advenarum damnis oblectantur ac tripudiant : hujus veritatis a me hic assertæ probationem ad oculum spero habeatis, si Deus Opt. Max. me in conspectum Serenissimi Regis mei pervenire concesserit : Daturus enim sum operam, quoquo possim modo ei suadere veris rationibus, ut posthabitis populi interpellationibus, sui ipsius proposito et desiderio prudenter satisfaciat, dissidiaque præsentia de Brasilia ad perpetuam pacem componentur. Ipse Deus Opt. Max. Illust. personas vestras

et Republ. servit et felicitet. Dat. Hagæ, carcere aut discessu decimo septimo Augusti 1649. (1)

Gaspar Dias Ferreira.

Extracto de algumas cartas portuguezas encontradas a bordo da presa S. Francisco, que foi trazida pelo hyate da Companhia « Wassende Boeg » e pelo barco « Recife » a 21 deste (27 de novembro de 1652). (2)

De Gaspar Dias Ferreira ao mestre de campo João Fernandes Vieira, escripta em Lisboa a 21 de Setembro de 1652:

Ferreira começa dando os parabens a João Fernandes Vieira por ter sido nomeado por S. M. conselheiro do seu concelho de guerra, e na continuação da carta communica-lhe, como quem prophetisa, que em Março futuro Vieira será mestre de campo general destas capitanias e Estado: Ferreira não o ouvio a ninguem, mas funda-se em seu proprio juizo, e Vieira não deve tomar esse aviso por vão e despresivel, visto como (diz Ferreira) si nesta occasião não me succeder assim, eu hei tambem de ter por falsas e vães todas as resoluções que ouço dizer terem sido tomadas acerca do governo do Brazil.

Ferreira solicita o logar de procurador do povo de Pernambuco junto ao rei para (como diz) promover a restauração deste paiz em proveito dos Portuguezes, porquanto aquelles que estão providos de poderes para esse fim, a saber, D. Mi-

---

(1) Esta carta foi recebida pelos Estados-Geraes a 19 de Agosto de 1649, e remettida aos dous tribunaes de Hollanda, como consta da respectiva acta das resoluções dos Estados-Geraes. (2)

---

(2) Arch. de Haya. Trad. litteral do extracto hollandez.

guel de Portugal e Antonio de Albuquerque pouco saberão fazer n'este particular. Mas tudo isto é dito em um estylo negativo, que elle usa, dizendo: « eu não direi que V. S. me faça nomear procurador, mas peço que antes como amigo o prohiba, pois eu sei que d'ahi não pode resultar para mim senão particular perda sem auxilio do povo que está soffrendo. A minha natureza é muito recta e desinteressada, mesmo contra mim no Tribunal dos Hollandezes onde me vi, e V. S. (?) não póde negar a verdade; aprouve a Deus que, sendo isto notado por elles, esta foi a causa de não me opprimirem com mais duresa ou me levarem á tortura, onde eu asseguro a V. S. que teria confessado o meu e o das partes, com o que perdida seria a vida, e em seguida a tranquillidade e talvez a conservação do reino. (1) Tal digo e peço a V. S., com quanto para o povo bem necessario seja (e duvido que haja ahi algum outro remedio) que me nomeasse seu procurador, antepondo-me a todos os mais. V. S. tal não consinta, pois, como sei que Deus não quiz que eu fosse um martyr dos Hollandezes, tambem não serei dos Portuguezes. »

Mas qual é o seu pensamento, declara elle no fim da carta, onde diz assim: « eu espero que me (enviem ?) logo uma procuração de todo o povo, afim de que eu possa clamar sobre a restauração perante S. M. Estou persuadido de que somente eu a obterei, pois a pedirei, e proporei os meios tendentes a este fim, como é necessario; e posso dizer tambem a V. S. que somente eu a saberei pedir, propor e dirigir, e conseguil a-hei, e disto (estou) certo pelo meio que me occorre escrevendo esta. Penso que como Deus quiz que V. S. fosse o

———

(1) «... ende t'geliefde godt dat hy dit bemerckende, tselve oorsaecke was datse myn niet harder persten ofte ter torture brachten, waer in ick uwe Sria. betuyge dat ick het myne ende dat van partyen soude hebben beleeden, daermede waere het leven weght geweest, alsdan de ruste, ende misschien de conservatie vant conninckryck... »

primeiro executor desta empreza, tem tambem ordenado que a termine, e como eu fui um motivo della, sel-o-hei tambem aqui para que se effectue (2). Coragem e confiança em Deus, Senhor e amigo, pois a um Moysés libertador do seu povo, Deus deu para aquella obra um Arão, promotor de suas obras. Isto espero ser, V. S. espere-o commigo, e no entretanto o vá preparando. »

—

Do mesmo a Francisco Barreto, mestre de campo general, datada de 21 de Setembro de 1652 :

Diz que S. M. quer nomear Barreto governador geral do Estado do Brazil, em substituição ao Conde de Castello-Melhor, cujo tempo expira em Março vindouro, apezar de mui grandes senhores titulares solicitarem o referido governo. Entre os pretendentes o principal é Francisco de Souza Coutinho, embaixador em França, que de lá veio mandado pelo Rei Christianissimo para tratar da liga dos dous reinos. Coutinho é um velho servidor do rei, mui bem visto de S. M., tem servido como embaixador em tres embaixadas, e é pessoa de muitos serviços e grandes qualidades, experiencia e descrípção ; d'esde o tempo em que esteve na Hollanda obteve patente de S. M. para o dito governo, e agora quer que ella produza os seus effeitos, mas apezar d'isso não será nomeado, pois o rei quer que elle volte a França. Ferreira ouvio isto a um conselheiro de estado e pede que a noticia fique secreta.

Ha alli muitas novas de todas as partes da Europa, das quaes não é a menor a da guerra entre os Inglezes e os Hollandezes ; mas falta-lhe tempo para escrever acerca das ditas noticias.

---

(2) « ... dat ick meyne gelh Godt heeft gewilt dat uwe sria soude syn den eersten executeur von dat syn, dat alsoo oock heeft geordonneert dat hy het eyndige, ende gel. ick daer van een motif hebbe geweest, soo sal ick het oock hier syn, op dat het geeffectueert werde... »

Do mesmo ao mestre de campo Francisco Bandeira de Mello, 22 de Setembro de 1652:

N'esta carta Ferreira trata da já mencionada procuração, e diz: « eu agora não me empenho tanto pela carta e procuração da Camara; a cousa não é muito para desejar, e me parece que esses senhores deviam rogar-me muito para aceital-a. V. S. tenha por certo que um outro gallo lhes cantaria, si eu fosse n'esta occasião procurador de Pernambuco, pois eu quizera que me cortassem as barbas, si não resolvesse S. M. a enviar-lhes ainda n'este mez de Setembro que corre uma armada para a restauração, porque eu sei como lhe havia de representar a cousa e de que meios me serveria para mover a vontade do rei, que só considera as despezas, e estas eu havia de mostrar que são nenhumas, ou que os meios podem ser achados independentemente da fazenda real. Aqui não ha ninguem que possa fallar por Pernambuco, nem fazer os papeis que são necessarios para tal fim, o que tudo eu posso mui bem fazer. »

Diz mais que D. Miguel de Portugal e Antonio de Albuquerqne, que estão providos de procuração, nada poderão fazer a este respeito. Façam (os de Pernambuco) o que quizerem, pois elle Ferreira não aceitará a procuração, sem que seja para isto rogado honorificamente.

O Conde camareiro-mor de S. M. foi enviado para a Inglaterra como embaixador, e seu primo Francisco Ferreira como agente. (4)

FIM

(1) Ha mais tres cartas de G. D. Ferreira, uma dirigida a seu filho (22 de Setembro de 1652), outra a Simão do Valle (5 de Outubro de 1652) e a terceira a Fellipe Bandeira (4 de Outubro de 1652). São destituidas de importancia.

DIARIO OU BREVE DISCURSO

ACERCA DA REBELLIÃO E DOS PERFIDOS DESIGNIOS DOS PORTUGUEZES DO BRAZIL, DESCOBERTOS EM JUNHO DE 1645, E DO MAIS QUE SE PASSOU ATE' 28 DE ABRIL DE 1647.

Escripto por um curioso que residia no Brazil no começo da rebellião, e que ainda agora ahi mora.

Arnhem, 1647

Depois que Deus Omnipotente permittio, por sua graça e divina protecção, que a geral e privilegiada Companhia das Indias Occientaes das Provincias Unidas Neerlandezas conquistasse no anno de 1628 a rica e inestimavel frota de prata de Hespanha, como a conquistou o bravo e heroico Pieter Pietersz. Heyn, o mesmo Senhor Deus fez ainda brilhar os raios de sua graça em prol da prosperidade da patria e da Companhia, com lhe entregar nas mãos, e tirar aos inimigos a sua formosa cidade de Olinda a 24 de Fevereiro de 1630, e depois o Recife com os fortes que o defendiam, ficando em poucos annos sujeito todo o paiz desde o norte do Ceará até a Bahia.

Que um pae, levado do seu amor e desvelo, não pode fazer maior bem e dar mais contentamento a seus filhos de que os nossos chefes o fizeram por vezes para com os Portuguezes, é de todo o mundo assaz conhecido, e elles memos devem de reconhecel-o em suas consciencias; pois, apezar de serem uma nação vencida, nossos inimigos mortaes, differentes de nós em religião, temperamento e costumes,—pospostas todas estas considerações, se lhes permittio o livre exercicio de sua religião e de suas cerimonias em todo o

paiz, com terem por toda a parte suas egrejas e capellas, onde faziam o serviço divino, e até na cidade Mauricia (pois que ahi dizia-se missa em dous logares); praça esta que, por ser indubitavelmente dos protestantes, devia estar isenta disso. Na magistratura foram elles admittidos, como escabinos, do mesmo modo que os nossos, sendo escolhidos em numero egual e investidos da mesma autoridade. Que maior consideração podiam elles desejar do que haverem sido empregados varias vezes em importantes e secretos negocios do Estado? Que favor não se lhes fez, que credito não se lhes deu (do que a Companhia, os mercadores e os particulares guardarão lembrança e sentimento nestes vinte annos), e até não fiamos das suas mãos os nossos corpos e as nossas vidas? Não se escolheu e nomeou em 1639 João Fernandes Vieira capitão de uma companhia de cavallaria(*ritmeester*) dos da nossa nação? Que mais se lhes podia dar ou que mais podiam elles desejar, sendo em cousas tão importantes mais favorecidos do que os nossos, os quaes, com razão, não se mostravam pouco ciosos disso?

Os nossos superiores, porém, conhecendo melhor e com mais penetração as cousas, esperavam que por esses meios converteriam o orgulho dos Portuguezes na bondade e nos costumes simples dos Hollandezes, e congraçariam os animos arredios pelos laços de um amor fraternal. O que d'ahi se seguio é mui conhecido de todos os que tenham estado no paiz durante algum tempo, embora diminuto, visto como desde a primeira hora em que conquistamos estas terras elles tem imaginado traições umas sobre as outras, pondo-as por obra de todos os modos, e com isso foram causa da morte de muitas centenas de homens, pois, emquanto durou a guerra, nunca ficaram tanto dos delles nas batalhas e rencontros a peito descoberto quantos (pereceram dos nossos) nas emboscadas, ciladas e traições que os Portuguezes constante-

mente machinavam contra os nossos. De dia, quando passavamos por elles, nos mostravam o melhor dos semblantes, e de noite formavam grupos para nos cortar o pescoço. Que attentados não engendraram contra este Estado? Uns surtiram effeito, e outros, por mercê de Deus, foram muitas vezes descobertos e patenteados; mas dos complices mui poucos foram punidos, os mais delles livraram-se, illudindo-nos com as suas palavras lisongeiras e affectada doçura.

Esse procedimento durou doze annos redondos até que os Portuguezes levantaram-se em 1640 contra o rei de Hespanha, e acclamaram rei a D. João o quarto deste nome, anteriormente duque de Bragança. Que diligencia e instancias não fez o embaixador portuguez Tristão de Mendonça junto ás suas Altas Potencias os Senhores Estados Geraes e sua Alteza para que o rei D. João obtivesse soccorro? Foi este promettido, e enviou-se-lhe uma poderosa frota de navios nossos e com os nossos melhores soldados. Como foi a nossa gente tratada em Portugal, melhor podem referir os que de lá voltaram. Os Castelhanos não destruiram a decima parte dos que foram victimas dos mesmos Portuguezes á mingua, e por mortes e veneno,com o que deram cabo da maior parte, e os restantes assim reduzidos, extenuados e enfermos, deram graças a Deus de se recolher a Hollanda. Estes foram os fructos que a nossa gente colheu das grandes promessas d'el rei D. João. E si tal é a cabeça, o que serão os membros?

Afinal fez-se a paz ou treguas dos dez annos, e se publicou por toda a parte e tambem no Brazil em 1642. Accenderam-se fogueiras em todos os logares. Pensavamos nós que os animos estavam ligados por um tão forte vinculo que podiamos descançar e dormir sem cuidados ou suspeitas!

JUNHO DE 1645

Mas, ah! essa demasiada confiança illudionos miseravelmente, acarretou-nos incommodos e um damno irreparavel, levando-nos quasi á nossa ultima ruina; pois ha tres annos que elles, sob a capa daquellas falsas treguas, tem secretamente concebido os seus personagens e meditado os seus papeis, assim em Portugal e na Bahia, como nestas partes, e agora começaram a representar uma tão cruel e sanguinolenta tragedia que geme o coração christão só com pensar nisso, o que, sem duvida, ha de durar ainda largos annos. Si o bom Deus, por sua grande misericordia, não se houvera amerciado de nós, hoje em dia nenhum de nós seria vivo, pois haviamos de ter sido cruelmente assassinados.

A conspiração delles permaneceu tão secreta e occulta que nada sabiamos até o meado de Junho pouco mais ou menos, e o que soubemos foi ainda revelado por alguem que havia assignado o pacto homicida. Por essa revelação fomos informados de toda a traição. E' facil de imaginar a perturbação, o alarma e a consternação que causou entre nós o receio de sermos feridos por tão inesperado raio e em tão má situação dos nossos negocios, por estarmos desprovidos de navios, de soldados e munições, e principalmente de dinheiro, que é o melhor nervo da guerra. Tinhamos somente dous pobres e grosseiros navios. Podiamos resistir a uma frota apparelhada que, sem duvida, viria em breve sitiar-nos por mar e por terra? Que fazer?

O primeiro acto da tragedia que elles assentaram de representar era semelhante ás bodas de Paris celebradas a 24 de Agosto de 1572, as quaes perdurarão longos annos na memoria dos homens. Antonio Cavalcante, portuguez, e um dos escabinos em exercicio desta cidade Mauricia, pretendia casar uma de suas filhas a 24 de Junho e fazer

nesse dia uma grande festa, para a qual convidára as principaes pessoas d'aqui, assim da milicia como da justiça, afim de se divertirem. Caro porém haviam de pagar o brodio, pois no mais caloroso da festa, e quando o vinho houvesse subido ás cabeças, os convidados seriam accommettidos pela gente para isso disposta, e depois, antes de sabermos do acontecido, nos sorprenderiam pela noite e far-se-hiam senhores desta praça. Graças sejam dadas ao Senhor que converteu em vergonha esse mao designio!

Tanto que foi descoberta a trama, fugiram o dito Cavalcante, João Fernandes Vieira e Amador de Araujo, reuniram uma multidão de pessoas, que faziam um soffrivel exercito, em diversos logares se formaram outros grupos, e entraram a pilhar aqui e acolá. De nosso lado tambem não dormimos, por toda a parte se deram as providencias que o tempo e a occasião permittiam. Os nossos superiores mandaram intimar por meio de editaes os revoltosos a comparecerem, mas elles não fizeram caso, e continuaram no seu mao proposito.

Puzemos tambem em campo um soffrivel exercito, composto tanto de soldados como de paisanos e indios, tendo por commandantes o tenente-coronel Hous e o capitão João Blaer, os quaes perseguiram o inimigo por toda a parte, mas não puderam obrigal-o a dar batalha; pois que os Portuguezes, fugindo sempre de um logar para outro, não queriam bater-se, mas juntar-se com as outras tropas, que andavam dispersas, para então nos fazer frente com o soccorro que esperavam da Bahia por mar e por terra, ou emprehender alguma facção de importancia. O resultado se ha de saber em breve.

Com essa rebellião entrou tudo em desordem e confusão. O negocio está paralysado, os assucares por baixo preço, mas bem depressa podiam subir. O branco vale 14 escabinos, e o mascavado 9 por arroba. Emquanto esta guerra durar,

não se deve esperar pagamento dos Portuguezes, e ainda quando se restabeleça a paz, será necessario que decorra muito tempo, primeiro que tudo volte á ordem em razão do aquartelamento tanto da nossa gente como das tropas do inimigo, que estragam e espoliam tudo, e vão matando logo os bois, sem os quaes os engenhos não podem moer. Taes são os fructos desta maldita guerra!

Tinhamos em perspectiva uma safra extraordinariamente boa, que muito animava os mercadores d'aqui, pois contavam que no anno vindouro seriam pagos pelos Portuguezes e poderiam ir visitar a Hollanda com um bom retorno; e eis que em um momento se tornaram mais pobres do que d'antes eram ricos de esperanças! E' sem duvida lamentavel trabalhar por tão longos annos em terras tão estranhas para ganhar um *stuiver*, e em um lance d'olhos ver tudo perdido, graças ao senhor *Speck-Jan*. (1) Devemos imitar a resignação de Job e ter paciencia!

JULHO DE 1645.

A 10 de julho os supremos conselheiros enviaram a Bahia, como embaixadores, os senhores Balthasar van de Voorde e o capitão Hoochstraten para tractarem acerca do levantamento e rebellião dos Portuguezes. Os da Bahia se fizeram ignorantes, e dissimularam ou recuaram para formar o salto e inesperadamente cahir sobre nós; mas de ha muito que elles sabem perfeitamente da trama: as cartas interceptadas provam bastante contra elles, pois bastam ellas para mostrar que todos andam mancommunados, e que por consequencia são quebrantadores da paz e perfidos traidores, em quem se não pode depositar nenhuma confiança. A 28 deste voltaram os embaixadores com a sua má recepção e má informação, e

---

(1) *Speck-Jan*, João Toucinho (?), appellido com que os Hollanlandezes designavam os Portuguezes e os Hespanhoes.

assim agora esperamos a cada hora que nos affrontem com as suas fanfarrices *atoucinhadas*.

Actualmente a burguezia d'aqui e do Recife deve guardar as duas praças, porque poucos soldados se acham aqui por sahirem todos para o exercito. Queira o bom Deus tomar-nos sob a sua divina protecção, permittindo que recebamos de prompto soccorro da patria, poisque sem duvida a noticia da rebellião ha de fazer viva impressão na Hollanda e despertar a muitos que presentemente estão immersos em profundo somno.

A minha ultima carta dirigida a V. S. foi pelo *Moriaen* que partio d'aqui a 2 de Agosto deste anno, e nellas referi tudo o que diz respeito a esta inesperada rebellião dos Portuguezes. De então para cá occorreu o que se segue.

AGOSTO DE 1645.

A 3 de Agosto travou-se uma renhida batalha entre nós e os Portuguezes. Estes occupavam um logar vantajoso, denominado S. Antonio, sobre um monte alto e forte. Apezar disso, a nossa gente deu galhardamente sobre elles, de modo que empenhou-se uma terrivel escaramuça que durou algumas horas até que sobreveio a noite e nos fez retirar. Dos nossos ficaram mortos no logar de 30 a 40 homens; foram feridos 163, dous tenentes, Hamel e Huyckersloot, e o alferes Ringholst morreram. O capitão André van Loo de Dorth, ferido mortalmente, foi trazido para aqui: morreu na tarde de 10 e foi enterrado no convento. O capitão Sickema, o tenente e o alferes Dorville jazem ainda feridos.

Os Portuguezes contam 460 entre mortos e feridos, e seis dos principaes rebeldes, uns mortos, outros feridos. Si o inimigo tivesse tanta experiencia da guerra quanto nós, nenhum dos nossos (segundo o juizo humano) poderia escapar. Faltou-lhes porèm essa experiencia, poisque elles

não passam de uma gentalha e canalha, que em sua maior parte nunca vio espadas nuas, e si não tivessem sido instruidos e animados pelos nossos transfugas, ter-se-hiam logo escafedido.

A 10 deste o inimigo em numero de 2400 homens chegou deante do Pontal, e poz-lhe cerco pelo lado de terra, de modo que a nossa gente não podia sahir senão pelo lado do mar. Abandonamos o cabo de S. Antonio e ahi foram elles aninhar-se.

A 11 a frota portugueza, composta de 28 vellas entre navios grandes e pequenos, veio ancorar deante do Recife, o que causou não pequeno susto. Logo que os navios fundearam, vieram á terra os seus commissarios. Discorreu-se aqui de um modo mui estranho sobre o que vieram fazer e sobre as suas intenções; mas o que se pode com verdade suppor é que vieram aqui somente para, como vulgarmente se diz, untar-nos mel nos beiços, porque, em contrario a sua expectação, tremulavam as bandeiras de Orange, e elles cuidavam nada menos que o Recife já havia sido tomado por D. João Fernandes Vieira, cabeça dos rebeldes, e mulato bastardo. (1) Pensavam pois que viriam passeiar em terra encasquilhados com a hespanhola rodomontada dos *grandes portuguezes;* (2) mas *Speck-Jan*, vendo que a sua esperança se desfizera em fumo, mostrou-se bom amigo, que não o é senão forçosamente, pois o nosso almirante, achando-se no fundeadouro somente com cinco navios, e tendo mais tres no porto (que não puderam sahir por ser contrario o vento) estava disposto a atacar com tão pequeno numero de velas, mas com grande coragem, a frota portugueza. Louvado seja Deus por ter dado tanta coragem aos nossos!

---

(1) «... *die een halve moor ende bastart is*...»

(2) « ..*ende dachten soo met kousen ende schoenen op de Spaensche Rodomontade na los Grandeses Portugeso aen t'landt te wandelen*....»

A 13, domingo, a frota portugueza partio do fundeadouro para Portugal (segundo diziam), tendo sido previamente abastecida de refrescos, o que deu muito que fallar ao povo, dizendo-se que os senhores do concelho alimentavam os nossos inimigos, e se respondeu a isto que eram amigos nossos. O que elles na verdade são, dirá o tempo. Ficaram no fundeadouro sete navios portuguezes que são da Bahia.

A 14 esses navios soltaram as velas, mas não puderam seguir a sua derrota por causa da forte corrente que vinha do sul. A' tarde entrou neste porto um navio das Indias Orientaes, o qual arribou aqui por causa do mao tempo e por falta d'agua. E' um hyate chamado *Zas van Gent.*

Na mesma occasião o nosso almirante largou o panno para, com os seus navios, acercar-se dos sete da Bahia; não puderam porem os nossos navios reunir-se por ser o vento sudoeste, e o almirante, depois de velejar um pouco, foi impellido muito para baixo e para junto do Recife (arrecifes), e teve de fundear de novo. Os outros navios seguiram, quanto lhes foi possivel, o inimigo que navegava para o norte, e no sabbado voltaram e fundearam neste porto. Não demos mais fé de algum navio portuguez.

Nesta data chegou aqui a guarnição de Serinhaem. A frota portugueza, de que acima fallamos, desembarcára 1500 homens no Rio Formoso; essa força e mais os moradores levantados dos logares visinhos em numero de 2000 cercaram aquella praça; depois de 9 dias de cerco, o commandante Samuel Lambert la Montangie, sentindo falta d'agua e de outras cousas necessarias, rendeu-se por accordo. Os Portuguezes enforcaram cruelmente nas palissadas da fortaleza os indios, que seriam em numero de trinta; e tomaram as armas e as munições da nossa guarnição. Ficamos pois sabendo com damno nosso que os Portuguezes são embaidores e traidores, e que vieram aqui so-

mente para, como dissemos, untar-nos mel nos beiços.

A 15 soubemos que o inimigo descia para o Recife; a nossa gente abandonou os Abcouques (Apipucos) e chegou ao Real, sendo aquelle (?) logar inteiramente esbulhado pela tropa. Esperamos hoje que o tenente coronel Hous e Blaer viessem com a sua gente para a cidade Mauricia, pois ao dito Hous tem sido por vezes ordenado que se retire para aqui; mas não veio.

A 16 de manhã, ao abrirem-se as portas, entrou aqui uma multidão de pessoas, que fugiam do Real e das plantações visinhas. Referiram que alguns milhares de homens do inimigo cercaram ao romper do dia o tenente coronel Hous e todo o resto do seu exercito na casa de Tourlon, onde se haviam recolhido, e que de todos os lados se fazia um vigo fogo. Algumas horas depois chegou-nos a noticia de que Hous capitulára com os Portuguezes, entregando a casa e todos os seus presos.

Portanto o inimigo tem agora presos os seguintes officiaes: o tenente coronel Henrique van Hous, o major Wilt Schut, o capitão João Blaer, tres tenentes, La Motte, Trelanus e Zacheus, e cerca de 270 soldados. Mataram todos os indios e mulatos. O inimigo apanhou os nossos na ratoeira, e fez o que o gato faz ao rato—engulio-os desde a cabeça até a cauda!

Esta perda enfraqueceu-nos muito e causou aqui grande consternação. Incontinente tomaram armas as nove companhias de burguezes, occuparam todos os logares em roda do Recife e da cidade Mauricia para fazer guarda de dia e de noite, visto como esperavamos o inimigo, cujo exercito distava somente meia legua das nossas muralhas; mas não appareceu.

A 17 começamos a demolir as casas da nova cidade Mauricia; esse espectaculo fazia dó, e principalmente o da fugida da pobre gente que mora-

va em torno desta praça, e cujos haveres tinha de deixar em poder do inimigo.

A 18 continuou a demolição das casas. Nesta data foram tambem abatidas e queimadas as casas e o bello palacio de S. Exc. o Conde Mauricio edificado em 1640. Lamentavel espectaculo! O damno foi estimado em uma grande somma.

A 19 continuou a demolição. Nesta data chegaram aqui um mensageiro e um tambor do inimigo que, segundo diziam, nos vinham intimar a rendermo-nos; acreditou-se porem que vieram ver si obtinham a soltura de alguns prisioneiros. Soubemos tambem que Hous, Blaer e outros presos estavam vivos.

Duas horas antes tinhamos enviado ao inimigo um tambor e um emissario.

A 19 a nossa gente matou por equivoco a Franchoys de Froger na cidade de Olinda, e foram conduzidos presos para o Recife alguns que estavam com elle, por se suppor que eram inimigos; mas, sendo logo depois desfeito o engano, foram soltos. Recebemos a noticia de que o alferes H. Struys foi morto perto da casa de Tourlon; servira como secretario em Serinhaem.

A 19 morreu em consequencia de suas feridas o tenente Guilherme Schot, e no mesmo dia o enterraram no convento.

A 20 continuou-se a trabalhar activamente nas nossas fortificações. Algumas pessoas, suspeitas de serem espiões, foram presas. Para maior segurança todos os prisioneiros portuguezes foram mettidos a bordo dos nossos navios. Do Pontal ou, por outra, forte van der Dussen recebemos nesta data a noticia de que os Portuguezes deram tres assaltos contra a praça, e que retiraram-se com perda de cem homens.

A 21 de manhã foram despedidos o emissario e o tambor do inimigo com os olhos vendados. A' noite voltou o nosso emissario, e referio que, como

fica dito, os nossos officiaes e soldados estavam vivos.

Foi despachado um dos nossos navios para ir buscar os nossos soldados que se acham no rio de S. Francisco e em Porto Calvo, e demolir os fortes. Essa força deve reunir-se comnosco para a defeza desta praça.

As fortalezas de Bruyn, Frederik Hendrick, Ernestus e Principe Willem estão bastante fortificadas, bem como o Recife e a velha cidade Mauricia. Si os Portuguezes (como nos ameaçam) nos atacarem por assalto, a cousa não ha de succeder sem muito derramamento de sangue. Graças a Deus, podemos haver viveres e alimentos razoavelmente, e si não nos faltar agua, poderemos manter-nos um bom espaço de tempo contra o inimigo, pois á burguezia não falta coragem. O nosso tambor nos trouxe a noticia de que João Bergerin e Jacob Vermeulen foram mortos pelos Portuguezes.

A 22 continuou-se, como nos dias precedentes, a demolir a cidade Mauricia e a levantar as nossas fortificações e mais obras, que agora acham-se em estado de defeza.

A 23 apresentou-se o inimigo á meia legua d'aqui, como si quizesse levantar algumas obras e entrincheirar-se nas plantações do Sr. van Uffelen; os Portuguezes foram tambem vistos assim a cavallo como á pé nas salinas. Nesta data queimaram-se as casas situadas fóra do forte de Bruyn.

A 24 e 25 continuou se no trabalho da demolição da cidade Mauricia e construcção das fortficações. Hoje chegou-nos a noticia de que um dos nossos barcos, ao sahir do Pontal com destino a este porto, foi tomado com dous grandes balseiros pelo inimigo, achando-se nelles 400 pessoas entre homens e mulheres.

A 26, pelas 7 horas da noite, deram uma descarga de mosquetes no forte de Bruyn. A burguezia e os soldados tomaram armas immediata-

mente, e assim permaneceram até depois das 10 horas da noite; mas, como nada mais soubessemos, retirou-se cada qual para o seu alojamento.

A 27, sabbado, trabalhou-se diligentemente nas fortificações e mais obras.

A 28 partiram d'aqui á noite uma galeota e um barco para o Pontal, mas tiveram de voltar por alguma falta que se notou no barco.

A' noite de 29 vimos velejando deante do Recife alguns barcos da frota portugueza. Tinham estado durante todo esse tempo na Bahia da Traição, que fica tres leguas ao norte da Parahyba. Elles nos quizeram fazer crer que a frota seguia em direitura para Portugal, e esses velhacos ainda pretendem ser tidos por nossos amigos!

A 30 fundeou no porto o navio *Overyssel*. O *Souteland*, que estava um pedaço ao mar, foi seguido por alguns navios portuguezes. Os nossos navios, que se achavam surtos no fundeadouro, não puderam acercar-se dos portuguezes, por serem contrarios o vento e a corrente, e tiveram de ficar sobre ancoras. Nesta data chegou aqui um capitão do inimigo com um tambor para o fim de trocar alguns presos, e a 31 foi despedido.

Como fecho dos acontecimentos deste mez, diremos que estamos no Recife e aqui inteiramente cercados do lado de terra, pelo que não podemos haver agua doce nem refrescos, e temos de servir-nos da agua de poços, que é um tanto salobra, e isto ha de causar no povo muitas e graves enfermidades, porque estamos aqui habituados a beber boa agua e a usar de refrescos, sem o que nesta terra não se póde passar bem.

Além dos presos já mencionados, o inimigo houve mais os seguintes: Johannes Listry, general dos indios, Johannes Velthuysen e João van den Broeck. (1)

---

(1) Deve ser *Matheus van den Broek*, autor do *Journal ofte Historiaelse Beschryvinge*, Anno 1651. Asher, n. 272.

O Pontal continúa cercado, e receio que, si não for soccorrido com viveres, munições e agua, essa praça terá de render-se, o que será para nós um grande damno e causa de enfraquecimento, pois dentro della se acham 400 homens entre soldados e paisanos. O commandante é o capitão Dirck van Hoochstraten, e ahi se recolheram tambem o capitão de cavallaria Gaspar van der Ley (nomeado tenente coronel em substituição a Hous), o capitão João Hick e seu irmão, Alberto Gerrits, e outras pessoas principaes. Difficilmente podem sahir do forte; entretanto é bem necessario que aqui estivessem, e foram chamados. Si os Portuguezes houverem o Pontal, terão um porto livre, e poderão carregar de assucar commodamente os seus navios.

SETEMBRO DE 1645

De 1 até 5 de Setembro nada occorreu digno de menção, a não ser que continnou a construcção das nossas obras, trabalhando-se nellas diligentemente. O major Garsman veio do Rio Grande; diz se que será nomeado major general. Tambem chegou de Goyanna o Sr Servaes Carpentier e está de cama muito doente, e não sem apparencia de lhe haverem os Portuguezes propinado veneno. Nesta data chegaram dous negros, que fugiram ao inimigo, depois de terem sido apprehendidos por elle. Referiram que viram na fazenda ou cannavial do Sr. Grasvrinckel o inimigo degolar quinze dos nossos que haviam sido presos por elle; que os nossos soldados morriam diariamente de miseria, por não quererem servir com o inimigo, ao passo que os transfugas e os que se sujeitavam a servir eram bem tratados, e lhes pagava um mez de soldo, isto é, 18 florins, o que os Portuguezes fazem para attrahir a si a nossa gente e emquanto tiverem necessidade de seus serviços; mas o que afinal ha de succeder, mostrará o tempo. Eu receio muito que mais tarde os Portuguezes lhes

ensinem o jogo do *corta-cabeça* (1), ou lhes dêm passaportes e os mettam em caravelas velhas para medirem a profundeza do mar, poisque nenhuma confiança se pode ter nessa raça de mestiços. Hoje o almirante Lichthart se fez á vela com cinco navios para atacar os navios portuguezes, que ha de encontrar no Pontal ou em suas visinhanças. Provavelmente os Portuguezes não aguardarão os nossos, pois bem se lembram de quão mal se deram com o banquete dos marinheiros neerlandezes deante das dunas da Inglaterra: D. Fernando e D. Antonio de Oquendo, seus almirantes, devem de ter agradecido de veras á Nossa Senhora do Outeiro Escabroso (2) haverem-se livrado tão barato das garras do leão hollandez!

Na madrugada de 6 fez-se á vela d'aqui o capitão Willem Lamberts com tres barcos bem montados para ir buscar as guarnições, munições e outras cousas no Rio de S. Francisco e em Porto Calvo, o que virá muito a proposito para nos fortalecer um pouco. E' lamentavel abandonarmos tão facilmente ao inimigo praças importantissimas que tanto custaram á Companhia; mas é necessario que o façamos, por nos ser impossivel guarnecer e defender as nossas fortalezas com tão pouca gente, como a que temos aqui no paiz. Muito nos custa occuparmos e guarnecermos as praças principaes e mais importantes, como o Pontal, Tamaracá, Parahyba, Rio Grande. E' fora de duvida que os nossos inimigos se apossarão incontinente das praças que temos de abandonar, e se firmarão nellas, e que depois nos ha de custar muito rehavel-as. O rio de S. Francisco interessa muito á Companhia por causa do gado, e por isso deverá esforçar-se para recuperal-o Deus seja servido compadecer-se de nós por sua misericordia e tomar-nos sob a sua divina guarda! Esperamos

---

(1) Textual.

(2) *Onse Lieve Vrouwe van Scherpen-heuvel.*

que quanto antes nos venha soccorrro da patria, pois, si não formos soccorridos em tempo, bem pode ser que as cousas tomem aqui um mao aspecto e não tenhamos um novo anno. Mas o Senhor Deus, a quem toda a honra cabe, pode remediar e ordenar tudo pelo melhor

Como o navio *Leyden* está a partir, encerro esta, e me despeço até a proxima (carta).

A 7, estando o *Leyden* prompto para partir, esta manhã, como acima dissemos, chegou aqui um barco mandado pelo nosso almirante com a noticia de achar-se a frota portugueza na bahia de Tamandaré junto ao rio Formoso, e de a haver elle cercado. Immediatamente foram enviados para lá o *Leyden* e o *Eenhoorn* que chegára ha dous ou tres dias de S. Thomé com carga de assucar preto.

A 8 foram reparados para seguil-os os navios *Elias* e *Deventer*; vão nelles uma companhia de burguezes do capitão Jacob Hamel e mais uns 200 burguezes do Recife para atacarem corajosamente e derrotarem a frota portugueza.

A 9 de manhã cedo partiram estes dous navios com alguns barcos para se ajuntarem á frota do nosso almirante.

A 10 de manhãsinha chegou aqui um barco mandado pelo nosso almirante, trazendo-nos a mui grata noticia de haver elle com a sua frota de oito navios e alguns barcos derrotado completamente a frota portugueza a 9 de manhã cedo, a qual se compunha de 13 velas, entre navios grandes e pequenos. Os mais delles deram na praia, e os Portuguezes lhes deitaram fogo, sendo tomados dous navios e duas caravelas. O nosso almirante está agora occupado em recolher a artilharia, as ancoras e outros pertences dos navios portuguezes para trazel-os. Graças a Deus, não tivemos mais de tres mortos e dous feridos; quanto ao inimigo, não se sabe o numero dos seus mortos, porque os Portuguezes se lançavam á agua como ratos para se salvarem em terra, e pela maior parte se afoga-

ram. Poucos foram os prisioneiros que os nossos fizeram, abatendo os que lhes cahiam nas mãos. O almirante portuguez está ferido, e foi tomado pelos nossos com mais alguns prisioneiros. Os Portuguezes estavam occupados em carregar assucar: tiveram de pagar em dobro as recognições.

11—Foi essa uma grande victoria para nós, e brilharia com mais fulgor, si não fôra obscurecida pela triste noticia que chegou aqui na noite de 11; o major Hoochstraten, commandante do Pontal, fez entrega da praça ao inimigo a 5 deste mez, vendendo-a como um traidor. Foi recompensado com o coronelado de dez companhias dos Portuguezes; os demais officiaes foram tambem recompensados e adiantados na devida proporção. A justiça de Deus porém ha de punir, não com um castigo temporario, senão eterno, os que trahiram tão escandalosamente a sua patria e os seus compatriotas, levados pela maldita ambição!

Esta noticia causou aqui grande consternação, mas, mercê de Deus, a maior parte da população não perdeu o animo e a coragem. Vemos agora que no tempo que corre não se pode depositar confiança em pessoa alguma, pois quem supporia que Hoochstraten, Ley e outros, que se achavam dentro da praça, e que serviram tão fielmente á Companhia de 15 annos a esta parte, confiando-se-lhes os segredos do paiz, principalmente a Hoochstraten, que duas vezes foi enviado á Bahia como embaixador, quem supporia, dizemos, que elles pensassem um só momento em violar o seu juramento e em praticar uma tal deslealdade e traição, e muito menos que o fizessem? Parece que os dourados dobrões lhes offuscaram os olhos, e que a cubiça lhes fez perder a razão e a liberdade! Agora esperamos em Deus, pomos nelle todas as nossas esperanças; neste vendaval e perigosa tempestade é elle o nosso Supremo Piloto, a Elle clamamos no aperto em que nos achamos, como fizeram os seus discipulos quando estavam em perigo de nau-

fragar: « Senhor, Senhor, vinde em nosso auxilio, que nós sossobramos », Luc. 22. E pois confiamos que o Senhor nosso Deus acalmará esta tormenta levantada pelos nossos inimigos e confundirá os seus designios!

Sem duvida ha ahi alguns que assentiram á rendição mais por coacção do que por boa vontade; mas Deus conhece melhor os homens e sabe o que é melhor.

Bem podemos agora dizer que temos perdido as melhores perolas da nossa coroa, e que os que foram escolhidos para os mais altos cargos tem tido em maior estima os bens temporaes do que a sua honra e juramento.

As promessas que esses marranos lhes fizeram não hão de durar senão emquanto o bispo da Bahia ou uma bulla de Roma não os desobrigar dellas, poisque o principal canon do concilio de Trento é não se haver de guardar a promessa feita aos hereges, ainda quando subscripta pelo imperador ou pelo papa, como o mostra a sorte de João Hus e de Jeronymo de Praga em 1414 e 1415, restando-nos como estimulo de nós todos, que nos achamos no Brazil, o recurso de voltarmo-nos para o Senhor Supremo dos exercitos, e lhe enviarmos as nossas preces afim de que nos guarde de todos esses colligados Amalecitas e Philisteus, e conservemos a nossa coragem, o nosso mutuo amor e concordia, com preferirmos sacrificar os nossos bens e as nossas vidas no serviço e em defesa da nossa patria a sermos captivos e escravos entre esses marranos; certos de que Deus não nos ha de abandonar, e antes ha de mover o coração e accender o zelo de Suas Altas Potencias os Senhores Estados Geraes, de sua Alteza e dos Dezenove para nos soccorrerem, e lembrarem-se das santas palavras do grande Jehová: « Bemaventurados são aquelles que perseveram até o fim! »

A 12 soubemos com certesa que o inimigo as

sassinára o capitão João Blaer, e que o tenente Lamotte fôra esfolado vivo. Estas são as primicias do quartel que os Portuguezes dão aos nossos. Esta noite a companhia de burguezes do capitão Gilles van Luffel veio montar guarda no terrapleno da cidade Mauricia, e em toda a parte se tomaram as necessarias providencias.

Hoje o major Garsman foi nomeado e provido no posto de tenente-coronel em substituição de Gaspar van der Ley.

A's sete da noite ouvio-se um vivo fogo de canhão e mosquetes da parte do reducto de pedra, ou *Guarda dos Judeus*, que fica cerca de uma legua d'aqui sob o monte de Olinda, durando o fogo desde ás 7 até ás 10 da noite. No reducto se acham 17 ou 18 dos nossos. E' um fortim que não tem entrada e muito defensavel: sobe-se a elle por escadas (portateis). Suppomos que já é do inimigo, tendo sido vendido por accordo ou traição, pois 2.000 homens não o podem tomar, sem que primeiro se faça sentir a fome; nós não podemos ir soccorrel-o, por termos muito que fazer (Deus nos acuda) com guardar a nossa praça. Certo, não vemos aqui como livrarmo-nos, si não nos vier soccorro da Hollanda.

A 15 de manhã chegou um barco mandado pelo nosso almirante com uma porção de prisioneiros, e entre elles o almirante portuguez ferido em tres ou quatro partes, mas nenhum dos ferimentos é mortal. E' um octogenario, cujo semblante revela coragem. (1) Disse elle que, si os seus não o houvessem abandonado, a cousa teria corrido de outro modo. Os nossos navios ainda se acham no logar do combate, occupados em retirar alguns dos navios encalhados na praia; os nove navios restantes queimaram-se. Esperamos a cade hora o almirante Lichthart.

Pelas 9 da noite o mesmo fortim fez um vivo

---

(1) «...*een oud tachtigh man, couragieus van ghesicht.*»

fogo. Entendeu-se que os patifes o fazem para nos attrahir para fóra do Recife e dar sobre nós.

A 15 de manhã chegou aqui o nosso almirante, e foi recebido com grande jubilo nosso pela victoria que alcançára em Tamandaré sobre os nossos inimigos. Os navios tomados ainda não se acham aqui, porque o almirante foi chamado e teve de vir no *Deventer*.

O almirante Lihthart, tendo voltado hoje de sua expedição, entregou ao Concelho Supremo, além do seu relatorio do que se passou, uma carta que interceptára ao inimigo, escripta pelo coronel Martim Soares Moreno ao governador da Bahia, na qual o dito coronel, depois dos cumprimentos, dá os parabens ao governador pela tomada do nosso forte de S. Agostinho, e refere os particulares da rendição. Em substancia diz que contractára com Hoochstraten dar-lhe 18,000 florins em moeda e um regimento de infantaria, e a Ley um habito de Christo etc.

A 16 os Portuguezes escaramuçaram fortemente com os nossos nas Cinco-Pontas e Afogados, o que durou algumas horas. Os nossos fizeram trabalhar galhardamente de todos os lados o canhão contra elles, e sem duvida uma porção dos contrarios deve de ter morrido. Podiamos ver perfeitamente a conhonada das nossas muralhas. Essa escaramuça bem póde ser o prenuncio do que esperamos a cada hora, um assalto geral. Esta noite veio vigiar no nosso terrapleno uma companhia de burguezes, cujo capitão é Bartholomeus van Ceulen.

Nesta data chegou um barco da Parahyba com cartas para os Supremos Conselheiros, nas quaes se lhes communica que um certo Francisco Fernandes de Bulhões esteve com o Sr. Paulus de Linge, director da Parahyba, e procurou corrompel-o, mas enganou-se ; porque de Linge fel-o incontinente enforcar, e depois cortar-se-lhe a cabeça, que foi posta sobre uma estaca, e o corpo ex-

posto sobre uma roda. Para taes traidores taes premios! Desejára eu que todos os que aqui estão seguissem o exemplo do Sr. de Linge, pois não se encontrariam tantos compradores de praça

Nesta data voltaram o sargento e o tambor que foram enviados hontem á cidade de Olinda para fallar com o inimigo. Referiram que 500 ou 600 dos contrarios tomaram o nosso reducto, mas não quizeram dar noticia da nossa gente que se achava nelle, o que faz presumir que tenham sido assassinados. Ameaçou vir visitar-nos esta noite, bravata que se desfez em fumo.

A's cinco da tarde de 17, domingo, partiram para a patria os navios *Leyden* e *Enhoorn*. Deus lhes dê boa viagem.

A 18 o Sr. Servaes Carpentier, coronel da burguezia d'aqui, deu a alma a Deus; no dia seguinte foi solemnemente enterrado, acompanhando o cadaver quatro companhias de burguezes com suas armas. Sepultou-se na egreja do Recife.

Hoje os fortes e as baterias atiraram vivamente contra o inimigo, que estava occupado em levantar algumas obras nas Salinas.

A's nove da noite houve rebate por duas vezes na cidade Mauricia, parecendo que os Portuguezes estavam promptos a atacar-nos. Tendo porém elles mandado alguns dos seus a sondar o rio (para achar o váo) por onde pudessem passar, fugio um dos seus mulatos que havia sido preso pelo inimigo, atravessou o rio, e advertio a nossa guarda que os Portuguezes nos queriam atacar, e disputavam com os transfugas que por força queriam ser os primeiros a assaltar-nos, ficando afinal a empresa adiada para a proxima noite. O que elles tentarão, mostrará o tempo, pois sem duvida a cousa não se fará esperar muito.

A 19 chegou a nossa frota com as presas de Tamandaré. Da Parahyba recebemos a noticia de que Antonio Cavalcante, um dos tres cabeças da rebellião e sanguinolenta tragedia, tendo sido alli

ferido em uma sahida, morreu em Goyanna em consequencia dos seus ferimentos.

A 21, João, appellidado *Stomp*, corneta do capitão de cavallaria Ley, apprehendido no Pontal, veio ter comnosco, correndo o maior perigo do mundo, e abandonando em S. Antonio sua mulher e seu filho. Avisou-nos de que o inimigo seguira com o melhor de suas forças para Tamaracá, afim de assaltar esse logar. Em razão deste aviso resolveu-se enviar mais gente para lá e providenciar sobre tudo.

A 22 de manhã cedo partio d'aqui uma galeota com um bom numero de soldados para reforçar a guarnição de Tamaracá, a saber, a companhia do tenente-coronel Garsman, cujo capitão tenente é Ter Veille, e mais a companhia do capitão Hendrick Advocaet.

A 23 esperamos as bravatas de *Speckjan*, mas faltou-lhe a coragem, graças a Deus, e não fez mais do que uma negaça para illudir nos, pois o dito do corneta verificou-se. Os Portuguezes seguiram com as suas melhores forças para Tamaracá a ver si alli se lhes deparava melhor ensejo do que aqui, por não ser mais do seu agrado morder as duras nozes que os nossos meios canhões lhes enviam, visto como os que as experimentam não precisam mais de confessor: vão em direitura para o purgatorio afim de serem purgados, como assucar.

A 24, domingo, o Sr. Adriano van Bullestraten, membro do Supremo Concelho, se fez cedo á vela para Tamandaré no navio *Deventer*, levando comsigo uma boa quantia em moeda, bem como viveres e munições de guerra para tudo prover, e dar providencias, de modo que, si o inimigo tentasse algum emprehendimento, fosse repellido. Em geral se crê que o inimigo emprehenderá necessariamente alguma cousa notavel, o que o tempo mostrará.

Hontem publicou-se tambem que dar-se-hia quartel aos transfugas e aos soldados obrigados a

servir no exercito inimigo, si se retirarem para aqui, menos a Hoochstraten e a outros que, segundo penso, terão todo o cuidado em não vir a esta praça.

A 25 chegaram aqui, de manhã cedo, dous barcos vindos de Tamaracá com a noticia certa de que hontem, 24 deste, que foi um domingo, cerca de 3.000 homens, assim Portuguezes como tranfugas e soldados nossos coagidos, atacaram, por volta das 7 horas da manhã, a cidade Schop na ilha de Tamaracá, e que foram valorosamente repellidos por quatro vezes. A nossa gente, posto que muito inferior em numero, atacou os inimigos com uma coragem e intrepidez indiziveis, fazendo fogo contra elles com tanta galhardia (até ás 4 da tarde) que os contrarios tiveram de fugir vergonhosamente. O combate durou sem cessar nove horas. Do inimigo achamos mortos no logar cerca de 250 homens, que foram enterrados em grandes covas, afóra os que os Portuguezes levaram e enterraram. Fomos informados por transfugas que com certeza ha mais de 400 feridos, uma parte dos quaes ficou em caminho. Retiraram-se em tal desordem que, si os nossos os tivessem seguido, os regalariam com um terrivel banquete; mas estavamos muito cançados. Tivemos 15 mortos e 10 feridos. Bilevelt, tenente do capitão Sluyter, morreu de uma bala; Jacques Bellan, alferes do tenente-coronel, foi atravessado tambem por uma bala no pescoço, de modo que difficilmente escapará, mas nós esperamos o melhor. Portou-se mui corajosamente no seu primeiro ensaio, pois ha poucos dias foi feito alferes. Dos officiaes do inimigo, que morreram, só sabemos do capitão Wensel Smit, elevado a este posto pelos Portuguezes. Era paisano, e annos atraz tinha sido tenente de Hoochstraten; mas sem duvida morreram outros que o inimigo levou. Hocohstraten ia sendo preso, mas livrou-se; dizem que uma bala lhe roçou pela pelle, quizera eu que lhe houvesse antes atravessado o coração. Foi

uma grande victoria para nós ; graças e louvores sejam dados a Deus.

Esperamos que, depois desta nossa victoria, o inimigo não ha de vir tão facilmente bater com a cabeça contra os nossos fortes. E' esta a quarta vez que nós o temos repellido : em Santo Antonio, Tamandaré, Parahyba e agora em Tamaracá. Elles acreditam que receberemos prompto soccorro da patria, e por isso procuram atacar-nos á viva força, persuadidos agora de que poucos mais mercadores de côrte (*Hoofsche Negotianten*) acharão que lhes vendam praças, como ultimamente ficou patente na Parahyba.

Hontem fizemos um prisioneiro, que nos deu a noticia de haver João Fernandes Vieira chegado com as suas tropas nas Salinas, logar que fica apenas a um tiro de canhão do forte de Bruyn, mas que não pode ser visto por causa do mato.

A 26 chegou um outro barco de Tamaracá, e confirmou o que acima foi referido. Chegaram tambem os nossos feridos. O inimigo teve talvez mais feridos do que dissemos. Camarão foi ferido de bala em ambas as pernas ; póde agora ficar sendo um bom *campanhista* entre as mulheres, e bem guardar as suas para acautelar que ellas não o façam um Acteon. o que não é fora de perigo. Dous cirurgiães, os Srs. Cosmo e Paulus, que foram apprehendidos pelo inimigo com Hous na casa de Tourlon, voltaram a nós durante o combate de Tamaracá, e por elles soubemos muitos segredos acerca da situação do inimigo.

A 27, de manhã cedo, fez-se á vela d'aqui para as Indias Orientaes o *Zas van Gent*, que esteve aqui surto durante algumas semanas para refrescar.

A 28 soubemos que João Fernandes Vieira, Martim Soares e outros sujeitos vieram procurarnos com todas as suas forças, mas a cousa não passou de uma rodomontada. Aproximem-se, e bem pode ser que os mais delles vão ao encontro

de S. Antonio e de S. Francisco, e lhes digam no purgatorio qual è o gosto das salsichas que os *Flamengos* estão fazendo dos porcos de S. Antonio.

Nota benè. Por porcos entendam-se os Portuguezes ou *Speckjan* ; S. Antonio é seu patrono, bem como dos porcos.

A 29 chegou de Tamaracá o navio *Deventer* com o Sr. Bullestraten, que alli e no forte Orange providenciou sobre tudo. A'noite voltaram o tambor e um dos nossos sargentos que foram ter com o inimigo a 22. Referiram que Hoochstraten desculpa-se de haver entregue o Pontal, com dizer que Gaspar van der Ley e o tenente Jacob Fleming concluiram o accordo em sua ausencia, e que elle não recebeu um real dos Portuguezes ; mas isso temos nós por patranhas que as mulheres velhas contam junto á roca ou quando adormecem as crianças, embalando-as. Si esse traidor é innocente, porque razão permittio que outros, inferiores a elle no posto, dispuzessem d'aquillo que lhe foi confiado sob sua honra e juramento ? Tem-se verificado o contrario, e o mostra o serviço que Hoochstraten está prestando presentemente ao inimigo. Henrique Dias tentou persuadir o nosso tambor e o nosso sargento a ficar entre elles com grandes promessas de dinheiro e adiantamento, o que recusaram redondamente.

Nesta data chegaram tambem um tenente e um tambor do inimigo

A 30 chegou do rio de S. Francisco o barco de Dirck Witte Paert, trazendo a noticia de que o forte, antes da sua chegada, capitulára com os Portuguezes por falta de viveres e munições. Nelle estavam duas companhias de soldados, as de Coin e Schacht, e varios individuos da nossa nação que se recolheram ao forte, os quaes (segundo se diz) foram enviados para a Bahia. Para a Companhia e para muitos particulares é esta, certamente, uma enorme perda que sentirão por muito tempo, pois esse logar era o viveiro do nosso gado, e sem elle

soffreremos grandes incommodos assim por causa da nossa alimentação como por causa dos engenhos, que, em não tendo bois, devem parar. De Porto Calvo nada sabemos, mas receiamos que tenha a mesma sorte. Soccorra-nos o bom Deus, que de presente nos achamos em um grande aperto! E' admiravel que os Dezenove estejam assim a dormir, e não tomem mais em consideração estas conquistas, que custaram tanta fazenda e tanto sangue. Não sabemos que pensar, vendo chegar somente um navio em dois mezes, pois é este o melhor tempo e estação, em a qual se costuma ter o maior numero de navios. Nós os esperamos soffregos, já que a nossa esperança está posta nelles, disso vivemos e por isso ainda temos coragem.

Para fecho deste mez, diremos que, como estavamos, continuamos ainda estreitamente sitiados do lado de terra, não podendo haver refrescos senão com grande perigo, pois o inimigo tem occupado todos os passos e caminhos, e com grande pezar não podemos fazer sortidas; de modo que agora são elles *maestros del campo*, e frequentemente devemos soffrer silenciosos as suas bravatas. As nossas obras estão bem fortificadas, e esperamos que, accommettendo-nos o inimigo, ellas lhe opporão um obstaculo não pequeno. Si os Portuguezes nos tivessem atacado a 16 de Agosto, quando aprisionaram o tenente coronel Hous e a nossa gente, a cousa estaria mal parada para nós, correriamos o maior perigo de perder esta praça, porquanto naquella epocha estavamos inteiramente abertos e fora de estado de defeza; mas a demora delles foi a nossa salvação. A nova cidade Mauricia foi demolida e está agora de todo destruida; o damno é grande e causa lastima ver. Muita gente morre diariamente pela razão já dita. A nossa esperança porém está posta no Senhor e no soccorro que aguardamos da patria.

OUTUBRO DE 1645

No 1º. deste chegou aqui o navio *Zeelandia* e o capitão Lamberts com os barcos que foram soccorrer o rio de S. Francisco e Porto Calvo. Estes chegaram lá muito tarde, e outra cousa não fizeram senão tomar ao inimigo uma caravela com generos, e como nada mais podessem fazer, tiveram de voltar.

Ha alguns dias que os Senhores do Supremo Concelho assentaram de fazer uma nova moeda, e já se cunhou uma grande somma em ouro de 3, 6 e 12 florins, o que vem muitissimo a proposito para contentar aos militares e a outras pessoas. Diz-se tambem que cunhar-se-ha moeda de prata; o tempo o mostrará. Não basta louvar, deve-se admirar o zelo e a diligencia com que Suas Senhorias têm tratado da defeza deste e de outros logares, poisque dia e noite providenciam sobre tudo.

A' noite de 2 trouxeram preso um dos nossos soldados que pretendia passar-se para o inimigo.

A 3 de manhã foram ainda presos alguns dos nossos que queriam passar-se para o lado contrario. Receio que esses taes estejam cheirando á corda, pois é possivel que montem guarda amanhã entre o ceo e a terra.

A 4 tambem foram conduzidos presos alguns dos nossos soldados, os quaes pretendiam passar-se para o inimigo, envenenar os generos, encravar as peças do forte dos Afogados, e tocar fogo nos quarteis; mas foi tudo descoberto, e já alguns torturados.

A 5 chegaram um tambor e um sargento-mór do inimigo. Tanto quanto se pode saber ao certo do que se trata, o inimigo pede tres mezes de treguas, e que o seu almirante seja trocado por 15 ou 16 dos nossos. Do nosso lado pedio-se Hoochstraten em troca do almirante portuguez, ao que este se oppoz, dizendo que não quer ser trocado por um traidor, e que, sendo elle um honrado ca-

valheiro, tal troca não lhe faz honra. Como se fará a troca, dirá o tempo.

6—Esta manhã reunio-se o Concelho de guerra para tratar do negocio dos soldados acima mencionados. Nesta data se deram duros tratos a alguns, que accusaram a certos judeus, dous dos quaes foram presos.

Hoje foi citado por editaes e á toque de caixa Dirck van Hoochstraten e Barent Hendricksz., que entregou aos Portuguezes o forte da cidade (Olinda), para dentro de 8 dias virem se defender aqui. Acreditamos que elles terão bastante juizo para não virem cá, pois, ainda quando as suas barbas estivessem tão crescidas e espessas, como as do velho grego Ajax, mestre Henrique em um momento as cortaria tão eguaes que elles jamais teriam necessidade de barbeiro. E' lamentavel que homens, a quem se fez tanta honra e tanto bem, tenham trahido vergonhosamente a patria por um punhado de ouro, cobrindo de uma infamia eterna e indelevel a si mesmos, a sua geração e descendentes. Hoochstraten esqueceu-se de Deus, de sua honra e juramento, conspirou com D. Antonio Telles da Silva, governador da Bahia, acerca de todos esses attentados, cujos effeitos têm sido tão sanguinolentos, e ainda não estão findos, e antes pelo contrario apenas começam. Mas ai d'aquelles que são causa do mal : o sangue innocente clama vingança no ceo contra elles, e Deus, que é justo e tudo vê, ha de tomar contas aos crueis tyrannos e confundir os seus conselhos!

A 8 partio o emissario do inimigo sem ter feito cousa alguma.

A 9 a companhia de David Sluyter veio de Tamaracá para esta cidade Mauricia, sendo substituida alli pela do capitão Willem.

A 10 foram disparados alguns tiros de canhão nos fortes Ernestus e de Bruyn contra o inimigo: os nossos pretendiam demolir o velho reducto das Salinas. Si somos bem informados, o inimigo le-

vanta alguns fortes no interior para cortar-nos a passagem por toda a parte.

A 11 foram apprehendidos aqui um Italiano e um Wallão que queriam passar se para o inimigo. Os outros foram soltos, por se ter verificado que eram innocentes.

A 14 recolheu se uma tropa dos nossos, que passou a noite de emboscada e afugentou uma partida de inimigos. Passou-se mostra a uma nova companhia de burguezes, cujo capitão é Kelan Snyder, tenente de Jager, e alferes Helleman, totos paisanos. O Sr. Adriano van Bullestraten, conselheiro supremo, partio, ha alguns dias, no *Zelandia* para a Parahyba, onde foi providenciar sobre tudo, porquanto os Portuguezes seguiram para lá com o melhor de suas forças com o fim, ao que parece, de tirar desforra da affronta que lá receberam. A certesa desta noticia e o resultado do commettimento saberemos na primeira occasião. Mas esperamos que elles não sahir-se-hão melhor do que em Tamaracá, e ultimamente no Rio Grande, onde os nossos com os tapuyas e os indios brazilienses (1) mataram os Portuguezes, que alli se levantaram contra nós. Esperamos tambem que na Parahyba já tenham sido tomadas taes providencias que não se lhes depare ensejo de atacar esse logar.

16—Fazem hoje dous mezes que estamos cercados, e este espaço de tempo nos parece um anno, pois o tempo passa fastidiosamente para quem está assim encurralado. A falta de refrescos e de agua causa em muitos graves enfermidades. O gado está todo consumido, e tudo é tão caro que não sabe uma pessoa do povo como haver o seu alimento por mais tempo. Deus venha em nosso auxilio! Si isto durar mais dous mezes sem che-

---

(1) *Brasilianen*, assim denominavam os Hollandezes aos *Petiguares* para destinguil-os dos tapuyas.

N. do Trad.

garem navios, havemos de nos entregar ou perecer de fome. Confiamos em Deus e no suspirado soccorro.

A 18 apprehendemos um indio do inimigo, e por elle soubemos da situação deste. Confirmou que os Portuguezes partiram para a Parahyba, ficando aqui somente uma parte do seu exercito. Si tivessemos forças, deviamos agora tentar um commettimento notavel, mas não podemos perder gente. Esta manhã o inimigo apprehendeu seis dos nossos que sahiram para haver algum refresco, entre elles o artilheiro do forte de Bruyn.

Todos as nossas obras estão duas vezes mais fortificadas, de sorte que o inimigo não encontra mais ensejo de as levar de vencida, como d'antes, quando apprehendeu o tenente-coronel Hous. Si os Portuguezes nos houvessem então atacado, nos poriam em grandes apuros e nos fôra impossivel resistir-lhes.

19 — Hontem e esta noite os Portuguezes levantaram um grande incendio. Suppomos que é a queima dos cannaviaes do Real e da Varzea. Sendo assim, é provavel que *Speck-Jan* queira partir d'aqui, por estar soffrendo falta de varias cousas necessarias, o que causa grande mortandade entre elles. Si forem outra vez repellidos da Parahyba, o padre vigario d'elles bem póde arrumar a mala e cantar a ladainha de Santo Antonio—*Ora pro nobis, Sancti Antonii*—e dizer o ultimo *adeus* (1) a estes logares.

A 20 e 21 continuaram os Portuguezes com os seus incendios Sahio uma força de 70 homens a dar sepultura a alguns cadaveres que haviam ficado no campo a 18 do corrente. Observaram que um dos nossos tinha o nariz e as orelhas cortadas contra todo o direito da guerra : é esta a velha indole tyrannica dos Hespanhoes, ainda muito arraigada em seus corações. A nossa gente es-

---

(1) Textual.

palhou papeis, em que são convidados com promessa de quartel os nossos soldados, que o inimigo coagio a servir com elle, a passarem-se para nós, avisando-se-lhes que, si não o fizerem e forem apprehendidos em rencontros, batalhas, emboscadas, ou de qualquer outro modo, não lhes havemos de dar quartel, e serão mortos.

Agora não ha mais quartel, porque elles não o querem dar aos nossos indios, matando a quantos apprehendem. Isto amedronta *Speck-Jan* : alguns por esta razão e por causa da penuria já se retiram para a Bahia, pondo se assim fóra da terra. E quando não damos quartel, dizem : « *os flamengos saon todos diablos.* » (1)

A 22 chegou uma galeota da Parahyba com a noticia de que os Portuguezes se estavam fazendo mui fortes no engenho de Jonghe Neel. Esta noite sahio uma força d'aqui para emboscar-se.

A 23, pelas duas horas da madrugada, ouvimos um forte tiroteio : era a nossa gente que escaramuçava com o inimigo nas Salinas, e isto durou duas horas. Do lado do inimigo houve sete mortos e alguns feridos, que salvaram-se. Os mais dos contrarios eram transfugas, que nos deram muito que fazer, pois os Portuguezes não resistiriam por tanto tempo. O forte de Bruyn deu um tiro, e immediatamente toda a burguezia tomou armas.

Nesta data chegou do Rio Grande o Sr. Adriano van Bullestraten com tres barcos, deu alli as suas providencias, bem como na Parahyba. Os indios brazilienses e os tapuyas mataram a todos os Portuguezes que poderam haver ás mãos em uma redondeza de vinte leguas, de modo que aquelles logares estão mui assolados (*desolat*) : os selvagens tapuyas querem agora fazel-o duramente a sua vontade como donos.

De 24 a 28 os Conselheiros Supremos deferiram juramento a todas as nove companhias de bur-

---

(1) Textual.

guezes, comparecendo cada dia perante elles duas companhìas, e assim prestaram todas o juramento de fidelidade.

A' tarde chegou aqui um emissario do inimigo que de manhã cedo foi despedido ; deu se-lhe tanto menos importancia quanto a sua commissão nada tinha de particular. Pedio para ficar aqui dous ou tres dias, e, sendo-lhe isto recusado, teve de ir-se embora.

Os nossos navios e uma outra embarcação foram diligentemente preparadas para irem cruzar ou tentar alguma cousa que prejudique o inimigo.

A 30 chegou o navio denominado *t'Huys te Merwe* vindo da patria, d'onde partira ha nove semanas, o que causou extraordinaria alegria, pois mais de dez semanas são passadas, sem que tenha aportado aqui um só navio da Hollanda. Este sahio com destino á Angola; si ficará aqui ou si seguirá para o logar de seu destino, o tempo mostrará, poisque temos muita necessidade desse navio e dos soldados.

Ha dous mezes que não tem vindo um só navio de Angola, e por isso ignoramos em que estado as cousas alli se acham. Por cartas da Bahia dirigidas ao inimigo, que foram interceptadas, somos informados que elles enviaram para Angola quatro navios com 400 ou 500 homens, de sorte que alli ha de succeder sem duvida o mesmo que aqui, trabalhos e carencia das cousas. Perdendo-se Angola, o que Deus não permitta, metade da ruina do Brazil está consumada, porque, si Deus fôr servido, como esperamos, que conservémos a nossa superioridade, o preço dos negros ha de subir consideravelmente, visto como os Portuguezes mandam todos os negros que apanham aqui para a Bahia, onde valem de 200 a 300 reaes de oito, e sem negros é impossivel conservar o Brazil.

A 31 chegou de Amsterdam o navio *Witte Hoop* com 13 semanas de viagem, o que causou

tambem no povo grande alegria. Oxalá não tardem os outros navios com o esperado soccorro!

NOVEMBRO DE 1645

No 1º de Novembro voltou o alferes Jacques Bollan sem ter podido levar a effeito o seu commettimento: os Portuguezes oppuzeram uma forte resistencia, atirando vivamente contra os nossos que afinal tiveram de retirar-se.

A 2 chegou aqui a lancha do navio *Overyssel* com a seguinte noticia: o navio *Hollandia*, vindo da patria, descahira muito para o sul do Cabo, e suppondo os que estavam a bordo que o Pontal nos pertencia ainda, quizeram aportar na lancha para haverem agua e refrescos, de que estavam muito necessitados. Aproximando-se porém o dito navio, os Portuguezes atiraram da bateria que está sobre o monte do lado do mar. Não sabiam os nossos o que isto significava, pois estavam longe de pensar que os Portuguezes se achavam nos nossos fortes. A felicidade de todos foi chegar a elles o *Overyssel*, que andava cruzando naquella paragem, e assim souberam que o Pontal fôra vendido ao inimigo pelo traidor Dirck Hoochstraten e entregue a 11 de Setembro. Admirados ficaram todos os do *Hollandia* com ouvirem tão extranha noticia, e saberem que tão repentinamente as cousas tinham mudado aqui. Si os Portuguezes não houvessem atirado, poderiam facilmente pôr o *Hollandia* em aperto, ou pelo menos a lancha com a gente que nella estava. Parece que *Speckjan* temia que o *Hollandia* fosse assaltal-os; tão medrosos são os traidores! E mais medo têm elles dos nossos navios do que de S. Antonio ou de S. Francisco; basta ouvirem pronunciar o nome do nosso almirante para tremerem e se benzerem mais de um cento de vezes.

Foi uma grande felicidade e mercê de Deus escapar assim o *Hollandia* á dansa mourisca; o con-

trario disto seria um grande damno e a ruina de muitos, pois o *Hollandia* estava bem carregado. Louvores sejam dados a Deus por sua mercê! Este navio nos reanimou muitissimo, e veio muito a proposito por já começarem a faltar os viveres: a manteiga estava consumida, vendendo-se a libra por 5 a 6 florins, a libra do toucinho por 14 *stuyvers*, as hervilhas a 14 *stuyvers* o *kan* (litro), a farinha que antes do cerco custava de 5 a 6 escalinos o alqueire (medida de 26 *kans*) vale agora 28 escalinos, e tudo o mais nesta proporção, o que certamente causa grande embaraço e miseria ao pobre povo e aos burguezes, que pouco tem para gastar, visto como os pobres camponios e os moradores hollandezes que fugiram para aqui não tem que ganhar. A morte faz numerosas victimas entre os burguezes e os soldados em razão das innumeraveis molestias occasionadas por falta de boa agua e de refrescos, o que afflige e causa dó ver e ouvir. Mas nós esperamos que o bom Deus não nos ha de desamparar, e quanto antes chegará aqui um bom soccorro para então podermos atacar essa sucia mourisca, bem como que, antes de Fevereiro, elles se convençam de que para quem muito emprehende (como esses patifes fizeram) o dia 2 do dito mez de Fevereiro é festa da *Candelaria* (1), e nós os façamos voltar á Bahia, onde os seus habitam, para haverem delles soccorros, antes que os *Flamengos* (como elles nos chamam) os obriguem a seguir viagem, não para ir ter com Nossa Senhora do Outeiro Escabroso, mas para o purgatorio. Sem oculos elles bem puderam ver do reducto de Olinda virem os nossos navios da patria, de modo que no dia de Todos os Santos, que é no 1º de Novembro, elles imploraram com dobrada razão os seus santos com um *ora pro nobis* a guardal-os dos *Flamengos*, e lhes prometteram grandes velas de

(1) Allusão ás velas de cera que os catholicos promettem aos santos em casos de aperto.

cera. Quem tivesse tanta cera que desse para carregar um navio, poderia vendel-a a dinheiro ou por assucar com um lucro de mais de cento por cento, e em breve proporcionaria um bom retorno a uma porção de avisados e diligentes mercadores. Creio que desde o menor até o maior bem desejariam elles estar n'aquelle logar donde procedem !

A 3 de manhã cedo, tendo os Portuguezes solemnisado com extraordinaria rodomontada a festa de Todos os Santos e de todas as almas, apresentaram-se deante das nossas muralhas. Tinhamos fora uma força que escaramuçou bravamente com elles ; a refrega durou mais de uma hora, e podia ser vista perfeitamente das nossas muralhas. Os fortes Waerdenburgh, Ernestus e de Bruyn fizeram uma vigorosa canhonada, com o que os Portuguezes deram apressadamente ás de Villa Diogo. Sem duvida foram-lhes enviados confeitos tão pesados que alguns succumbiram ao peso, e esses taes não terão necessidade, no anno vindouro, de offertar aos seus santos os promettidos brandões. A nossa gente retirou-se em boa ordem, sendo reconduzida na lancha do forte Waerdenburgh.

A 4 voltou Gaspar Baheem, que, como dissemos, sahira em um barco para haver novas do estado de Porto Calvo. Querendo tomar terra em Barra Grande, acharam os nossos esse logar occupado pelos Portuguezes, e estes os receberam com tão vivo fogo que os nossos tiveram de se fazer na volta do mar e de retroceder para d'onde haviam partido. Não ha duvida que devem de haver aqui muitos traidores que avisam a cada momento os inimigos do que se passa ; os Portuguezes aguardam diligentemente esses avisos e sabem tirar proveito delles ; pois nada occorre aqui que os traidores, offuscados pelo ouro, não lhes communiquem. Mas ai d'aquelles que o fazem !

A 5 aportou aqui a salvamento o navio *Hollandia*. Nesta data foi aqui sepultado Gerradt Hick, senhor do engenho *Massiape*.

A 6 o capitão Hendrick Advocaet da Camara de Enckhuysen deu a alma ao Senhor no reducto denominado *Jufrau de Bruyn*, e no dia seguinte foi sepultado no convento. Nesta data partio para a Parahyba o navio *Utrecht* afim de carregar de assucar. O navio *Zelandia*, que lá estava chegou aqui, porque assim exigio o nosso heroico almirante Lichthart. Falla se aqui em uma frota que tem de vir de Portugal. Graças a Deus, temos agora tão bons cavallos marinhos no fundeadouro e tambem no porto, que o nosso bravo chefe (*Wimpelman*) não ha de deixal-a fundear e haver refrescos tão commodamente, como aconteceu em Agosto ultimo; elle a observa como um Argus, e toda a sua gente valorosa a espreita tambem diligentemente assim em navios como em barcos, de modo que (graças sejam dadas a Deus) do lado do mar nada temos que receiar de *Speck-Jan*.

9 e 10—Esta noite sahio desta praça uma grande força de soldados, paisanos e indios, commandada pelos capitães Rymbach e la Montangie, com os tenenes Jacob Heldt e Harsteyn, os alferes Willelm Rotbberts e Jeronymo Helman, em numero de cerca de tresentos homens, todos bons soldados. Esta gente esteve á noite de emboscada, esperando o que o Sr. Blaeu nos annunciára, isto é, que quinhentos dos nossos soldados que foram coagidos na casa de Tourlon e no Pontal e os transfugas queriam passar-se para nós, uma vez que nós os auxiliassemos. Mas, sendo os nossos chegados, acharam que, pelo contrario, os transfugas tinham somente feito crer aquillo ao Sr. Blaeu para assaltar-nos e apertar-nos; suppondo pois a nossa gente encontrar amigos, deparou com inimigos, que estavam em posição vantajosa, e flanquearam os nossos de um modo admiravel, por não serem elles poucos, mas em numero superior a 2,000 homens. Não perdemos a coragem. Vendo Rymbach que foramos trahidos, atacou bravamente os inimigos e saudou os com uma tal des-

carga, que muitos delles foram de ventas ao chão, e não terão mais o pensamento de levantar-se. Harsteyn secunda-o com outra descarga, e cahe mui perto do inimigo morto por uma bala infeliz. Continúa o combate, todos cumprem o seu dever, mostrando que possuem animos rectos e que queriam tomar vingança da affronta feita aos seus compatriotas, agora transfugas malditos e infames; cahem com furia sobre os contrarios e enviam a muitos para o reino de Plutão. Vendo os nossos claramente que tinham sido trahidos, retiraram-se á semelhança do piloto avisado que, quando conhece estar eminente uma grande tormenta, colhe as velas até que a tempestade tenha passado. Retiraram-se pois em boa ordem para se porem sob a proteção da nossa fortaleza Willelmus, e deram outra descarga sobre o inimigo, a quem o nosso canhão não se descuidou de enviar tambem uma salva. Emfim retiraram-se de parte a parte, dando os nossos tempo a D. João para agradecer ao seu Santo Antonio, e resmungar o seu *Pater Noster* e *Ave Maria*, contar o caso e dar graças aos santos por se haverem livrado tão barato das mãos dos *Flamengos*. Com effeito, si o inimigo não fora avisado desta nossa facção, poderiamos certamente ter-lhe feito um grande damno e uma grande affronta. E' lamentavel que nenhum dos nossos designios possa ficar secreto, e que sejamos assim trahidos dentro desta praça por delatores, de modo que não se passa a minima cousa que não seja logo communicada por escripto ao inimigo, e dest'arte muitas emprezas que são tentadas mallogram-se com grande detrimento do Estado e da Companhia.

Entre feridos e mortos temos mais de 40 homens, inclusive o tenente Harsteyn. O alferes Helman está ferido. Os mais dos mortos e feridos são paisanos, que foram como voluntarios, e que, como homens desesperados, deram mui calorosamente sobre os Portuguezes e os transfu-

gas. Gritava-se: *mate*, *mate*, a quem apparecia, pois não se dá mais quartel. (1) Nada obstante, as temerosas descargas dos nossos arcabuzes, mosquetes e fuzis fizeram não pequeno detrimento ao inimigo, e o puzeram em desordem, pois é certo que cinco dos delles contra um dos nossos ficaram feridos ou mortos. A maior parte da tropa inimiga, afora os transfugas e os soldados da Bahia, se compõe de criados, mulatos e quejanda canalha; gente esta que não tem experiencia do manejo do mosquete ou arcabuz, e é mais propria para o trabalho ou para serem escravos do que para a guerra. Ai de João Fernandes Vieira, Cavalcante, Amador de Araujo e outros que são a causa de se haver derramado, por amor delles, tanto sangue innocente, e do que ainda se ha de derramar! No dia do ultimo juizo se lhes ha de pedir contas!

Hoochstraten e Albert Gerritz Wedda tambem estiveram presentes. Wedda estava a cavallo junto aos lanceiros portuguezes (dizem que elle é capitão de uma companhia de cavallaria) e estimulava a sua gente a atacar-nos. Quem teria alguma vez pensado que gente da nossa nação, offerecendo-se hoje um tão bello ensejo, não se esforçasse por vir ter com os seus amigos e compatriotas, que os esperavam com os braços abertos, livrando-se a si mesmos da escravidão para gosar do nome de patriotas!

No bolço de um dos *dons*, que ficaram mortos no logar do combate, achou-se um diario do que se passava entre elles, uma carta que lhe foi dirigida por seu pai, e mais uma outra fechada a João Fernandes Vieira, na qual, sabendo os da Bahia do encontro dos Portuguezes com os nossos em Tamaracá, dizia-se que não tinham a esperar delles nenhum soccorro por então. Assim parece que

(1) « ...ende al wat voor den vuyst kwam was : matte, matte, want geen kwartier wast meer gehouden...

começam elles a deitar agua na furia e no fogo que impensadamente atearam.

A 11, de manhã cedo, sahio d'aqui uma força para enterrar os cadaveres que hontem ficaram no campo. Trouxeram o cadaver do tenente Harsteyn que foi sepultado hoje no convento. Chegou o navio *Zelandia* da Parahyba, e passaram-se para cá um corneta e dous soldados que tinham sido apprehendidos na casa de Tourlon.

A 13 fez-se á vela o barco de Simão Slecht com 40 judeus, commandados por um capitão judeu. Seguiram para o norte, e em Tamaracá serão reforçados por alguns indios. O tempo revelará o que vão fazer.

A 14, terça-feira, pelas sete horas da manhã, passou-se para o nosso lado uma companhia de gente nossa composta de 55 homens com o seu capitão Claes Claesz. e alferes Thomas Kock, que a isto foram constrangidos pelo inimigo. Pertencem ao numero dos que se achavam no Pontal, todos bons e lusidos soldados, que nos faziam grande damno. Nós e elles folgamos com serem vindos, e por haverem-se salvado do perigo, pois o inimigo começava a olhar de revez para o dito capitão, e este bem avisado andou procurando a sua segurança, e evitando o mal e o perigo que estavam eminentes sobre a sua cabeça. Entre os Portuguezes (como atraz dissemos) é maxima não serem elles obrigados a guardar a palavra dada a hereges (assim nos chamam) As promessas, o semblante risonho e as extraordinarias mostras de affeição de que ha tão pouco tempo se serviam para attrahir os nossos, tudo agora mudou ; os honrosos epithetos e palavras amaveis que agora usam para com os nossos são : *cachorros*, *filhos da...*, *velhacos de flamengos*. Si os nossos sahem fora do quartel, são espancados pelos assassinos, atormentados e mortos ou arcabusados nos mesmos quarteis. Os que não querem servir voluntariamente são enviados para a Bahia de *Baixo*, e mor-

tos em caminho nas matas ou fora das estradas. A mais insignificante palavra ou replica (?) da nossa gente é uma sentença de morte; as victimas são levadas, como innocentes cordeiros, ao matadouro por este ou aquelle miseravel. O capitão Blaer, Albert Holl, escolteto de S. Antonio, e David van kessel e mais outras pessoas de qualidade foram mortos por elles. Oh ! malditos e ferozes tyrannos, crueis marranos, a vossa crueza que tem causado o derramamento de tanto sangue innocente não se ha de abrandar nunca? Quando vos conquistamos, procedemos assim para com aquelles que se puzeram sob a nossa protecção? Tigres feros e marranos sedentos de sangue, esperamos em breve pôr fim a vossa carreira! A justiça de Deus ha de vingar em vós e vossos filhos pelo quadruplo o sangue innocente derramado !

A fuga da referida companhia, sem duvida, ha de ter causado grande perturbação entre os Portuguezes, porque por ella fomos avisados ponto por ponto de toda a situação do inimigo. Ficamos sabendo que lavra a discordia e o ciume entre João Fernandes Vieira e Hoochstraten ; que elles desconfiam dos transfugas e dos coagidos, aos quaes certamente já terão desarmado, procurando somente uma occasião para fazel-os dansar na corda ou jogarem o jogo do *corta-cabeça*. Entre elles não ha justiça nem disciplina militar, que é o sustentaculo da guerra, e ha tantos senhores commandantes, que reina um verdadeiro cahos. Assim nós confiamos que, como elles emprehenderam esta guerra impia sem fundamento, direito ou razão, não a possam sustentar por muito tempo, e que tudo redundará em damno e vergonha para todos os que foram causa della, o que Deus permitta.

Esta noite partiram d'aqui duas forças; para onde vão mostrará o tempo.

A 15 Jacques Bollan sahio em um barco com uma força para certo commettimento.

A 17 passou-se para o nosso lado um mulato,

trazendo-nos a noticia de que os Portuguezes, tanto que souberam da retirada do capitão Nicolaes no dia 14, desarmaram todos os nossos e os enviaram para a Bahia, isto é, para a *Bahia de Baixo*. E para nós uma triste noticia a de haver sido assassinada tão luzida gente! Dest'arte os Portuguezes cortaram com a mão esquerda a mão direita, porque os nossos eram a sua guarda avançada; *Speckjan* imitou a marcha do caranguejo. Um dos nossos nos fazia mais mal do que dez Portuguezes, como a experiencia nos tem assaz mostrado. Agora que lavra o ciume entre esses chefes cerberos, o seu reinado terá prompto fim; a rebellião dos Portuguezes e a violação do juramento dos da Bahia, que romperam a paz, acarretarão sobre elles um tal castigo do ceo que, emquanto o mundo existir os vindouros o rememorarão, pois a justiça divina não deixa nunca ficar impunes os que nesses actos de paz invocam o seu santo nome, jurando que a guardarão, e violam-na depois tão levianamente. Outrosim aquelles que são desleaes e traidores para com a patria não escaparão ao castigo merecido; os que porém permanecerem fieis e forem constantes, dando assim coragem, devem esperar do Senhor Deus um bom e santo exito.

A 18 chegou de Terra-Nova e nos veio muito a proposito o hyate *Phœbus Paleys* carregado de bacalhao. Partira da Hollanda ha cinco mezes, e será despachado para lá na primeira occasião. Passou-se revista de mostra á companhia do capitão Claes.

A 19 morreu no Recife o Sr. Henrique Hamel Junior, filho do Sr. Henrique Hamel, conselheiro supremo do Brazil. Era capitão tenente do fallecido Servaes Carpentier. A 20 foi enterrado na egreja, sendo acompanhado por uma companhia de burguezes.

A 21 veio um barco de Tamaracá, pelo qual soubemos que a tropa dos judeus, de que acima

fallamos, estava ainda alli, e aguardava somente vento á feição para effectuar o seu designio.

A 22 chegou aqui um barco vindo do Rio Grande, trazendo-nos a noticia de haver alli chegado Jacques de Bollan com varios barcos. Os nossos e os indios eram em numero superior a 500 homens, e sahiam directamente ao encontro do inimigo.

Dous indios do inimigo passaram-se para nós. Confirmaram o que acima dissemos—que todos os *Flamengos* foram desarmados e enviados para a Bahia, e que Hoochstraten e o commandante do reducto foram presos. O que nisto ha de verdade não se sabe, mas pode bem ser.

A 25 foi apprehendido um negro pertencente a Hoochstraten. Chegou aqui com uma *baneca* (1) ou canastrel cheio de fructas que estavam envenenadas. Alguns, que provaram dellas, entraram logo a vomitar sangue e toda a sorte de immundicie. Os soldados, que estavam perto do canastrel, o tomaram e lançaram n'agua. Apre! traidores, não ousando encarar-nos com coragem, tentais aniquilar-nos pelc veneno e pelo assassinato. Hoochstraten não sabe que praticas diabolicas ponha por obra para vingar-se da sentença que foi proferida contra elle e o commandante do reducto, e pregada na forca, pela qual foram comdemnados como traidores a serem degolados e esquartejados com confiscação de todos os seus bens.

A 26 chegou Pieter Duynckercker, capitão da nossa caravela, trazendo uma outra por elle tomada ao inimigo, a qual ia para a Bahia com o carregamento de 165 pipas de vinho madeira e outros generos, tendo a bordo 40 homens e algumas mulheres. Essa presa não veio fora de proposito para nós e para a Companhia afim de tomarmos de quando em quando sobre a agua salobra um ou dous copos de vinho.

---

(1) Panacum ?

A 27 voltou ao porto o nosso *Dogh-boot* (2) que sahira a cruzar. Nada fez.

Nesta data indo uma mulher para os Afogados foi presa em caminho pelo inimigo que a levou para o Real de Bom Jesus, ameaçando enforcal-a. Sabendo porém pela mulher que tinha sido tomada a dita caravela, onde havia mulheres, *Speckjan* cantou outra cantiga e soltou a apprehendida dando-lhe dinheiro e refrescos. Esta mesma noite voltou ella, trazendo uma carta dirigida pelo coronel Hoochstraten ao capitão Nicolaes. Nessa carta pedia Hoochstraten ao capitão que quanto antes executasse o projectado designio de entregar esta praça ao inimigo, e que elle capitão ou o seu alferes fosse ter com Hoochstraten em tal tempo na ponte da Boa Vista para mais de espaço e verbalmente conversarem acerca da empresa. Tudo isto foi inventado para levar á forca o capitão Nicolaes, mas este foi previdente : quando lhe entregaram a carta, elle a apresentou fechada como estava aos Supremos Conselheiros, que bem entenderam a traição de Hoochstraten, e a sua astucia judaica para o fim de ser morto o capitão Nicolaes. Não sabendo Hoochstraten como vingar se delle, procurou por esse meio tornal-o suspeito a nós e perdel-o. Ainda que a mentira seja ligeira, a verdade sempre a alcança : damos pouca importancia a esta carta e a todas as suas rodomontadas.

A 28 chegaram aqui dous navios de Angola, um chamado *Charitas*, e outro *de Vlucht* (este é um *flibot*). Trouxeram 500 peças (negros) e partiram a 4 deste de S. Paulo de Loanda. Ha mais de quatro meses que não recebiamos noticias de lá, pelo que estavamos cuidando que os Portuguezes tinham retomado Angola. Mas, graças a Deus, as cousas correram de modo mui differente do que pensavam : elles suppunham que tomariam tudo do primeiro salto, e o plano falhou, de sorte

---

(2) *Doggerboot*, barco para a pesca do arenque.

que alli estavam em guerra entre si. Segundo o que se communicou do dito logar, alguns conservam-se ainda occultos. As treguas e a confiança que depositavamos em taes patifes nos illudiram. Esta é a noticia que nos mandaram de Angola.

A 30 partiram para Angola o navio *Huys te Merwe* e o *Cat sonder Ooren* com o Sr. Ouman, general de Angola.

DEZEMBRO DE 1645

No 1.º de Dezembro enviamos ao inimigo as mulheres Portuguezas apprehendidas, as quaes lhe levam um pouco de seu vinho madeira, bacalhao, manteiga, pão e queijo, afim de que os Portuguezes vejam que (graças a Deus) temos ainda viveres aqui para manter-nos. A morte faz grandes estragos entre os burguezes e os soldados, o que, sem duvida, nos enfraquece muito. Supponho que o mal procede da agua má que bebemos e da falta de refrescos ; pois aqui no mesmo dia gosa-se saude e morre-se. Queira o Senhor Deus compadecer-se de nós, e por sua graça e misericordia vir em nosso auxilio, visto como essa molestia pestilencial nos enfraquece tanto que não se póde dizer por escripto, e, a continuar assim, não saberemos que fazer. Esperamos porém que Deus dirigirá tudo pelo melhor.

A 2 chegou o navio *Swaen* de Delft, que largou de Goeree a 16 de Outubro em companhia do *Hollandia*. Este é esperado a cada hora. Hoje veio ter comnosco um dos Turcos de João Fernandes Vieira com a noticia de que entre os Portuguezes havia falta de tudo, pelo que as tropas da Bahia amotinaram-se e queriam partir.

A 3 chegou um barco vindo do Rio Grande com o alferes Jacques de Bollan. Este atacou o inimigo que se havia fortificado de tal modo que difficilmente se chegava a elle ; depois de ter escaramuçado por algum tempo, a nossa gente retirou-se

com perda de um homem e vinte e quatro feridos. Quantos perdeu o inimigo, não podemos exactamente saber.

6—Passou-se para nós um indio do inimigo; trouxe-nos uma lista assim da força vinda da Bahia, como da nossa gente que se acha com os Portuguezes, o que tudo perfaz o numero de 2.200 homens, e mais 2,000 dos moradores rebellados, que nos cercam. A 4 deste elles mataram os nossos soldados com a maior tyrannia do mundo, e talvez alguns officiaes que estavam ao seu serviço. Segundo refere o mesmo indio, mataram tambem o capitão de cavallaria Gaspar van der Ley. Uma tal crueza faz arripiar os cabellos a quem é christão só com pensar n'isso. O Senhor Deus não ha de deixar tamanha malvadeza impune, mas a seu tempo tomará contas a esses maus tyrannos do sangue innocente derramado. Reduziram á escravidão as mulheres e meninos e os destribuiram entre si, e até alguns foram torturados e mortos. Não se póde descrever a animosidade que esta noticia causou na nossa gente. Si o Senhor Nosso Deus nos fizer triumphar delles, havemos de tratar e castigar esses marranos do mesmo modo, e com razão não deixaremos no berço nenhuma de suas crianças, pois esses traidores merecem ser exterminados e extirpados da terra, que não são dignos de pisar. Queiram os Protectores e Paes da Patria, os Senhores Altos e Poderosos Estados Geraes, fazer justiça e tomar represalias nelles do mesmo modo, e esperamos que o farão. A França e a Inglaterra não o esquecerão facilmente, porquanto muitos Francezes e Inglezes foram tambem mortos. Parece que o rei de Portugal, D. João IV, desculpa-se dessa obra da rebellião dos Portuguezes, e não quer saber della; mas o contrario disto mostra a carta interceptada que elle assignou e dirigio a Salvador Correia de Sá Benevides, almirante da frota do Rio de Janeiro, recommendando-lhe que observasse a ordem qne lhe fosse dada

por Antonio Telles da Silva, vice-rei da Bahia, (1) e este lhe recommendou que com a sua frota, composta de 32 velas, entre navios grandes e pequenos, ficasse surto deante do porto do Recife durante o tempo de dous mezes, para cercar-nos por mar e vigiar os nossos navios ; plano sem duvida bem combinado, mas que mallogrou-se por mercê de Deus.

Foi tambem referido pelo mesmo indio como cousa verdadeira que Hoochstraten é ás vezes atacado da molestia reinante, e então fica tão desarranjado que deve ser guardado com muita vigilancia. O que ha nisto de verdade não sabemos com mais segurança do que a que resulta do dito do indio; mas é certissimo que a má consciencia de Hoochstraten (que é a causa de tanto derramamento de sangue) o atormenta d'esse modo, e que o sangue innocente vertido está a vingar-se delle.

Chegou o *Hollandia* vindo da patria bem provido de polvora e bala. Veio muito a proposito por haver escassez de munições.

A 9 aportou o navio *Soutland* (um dos nossos cruzadores). Deu caça a uma caravela, que foi seguida por outro cruzador nosso. Esperamos receber em breve uma boa noticia do resultado.

A 10 recebemos a noticia de haverem chegado 1,500 homens do inimigo na Parahyba ; pela maior parte é gente vinda do Maranhão. O que elles emprehenderão mostrará o tempo.

A 11 entrou a nossa galeota com uma caravela

---

(1) Eis a carta do rei de Portugal, cujo original se acha no archivo de Haya: «Salvador Correia de Sá e Benavides. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Se emquanto vós detiverdes n'esse Estado houver n'elle avisos porque se haja por certo será commettido dos inimigos desta coroa. e vol-o requerer o governador Antonio Telles da Silva, vos detereis n'elle em quanto durar a occasião, e bem creio eu de vós que sem esta ordem minha o fareis, se houver causa que o peça. Escripta em Alcantara aos 9 de Maio de 1645.—REI—Sobrescripto: Por El-rei.—A Salvador Correia de Sá e Benavides do Conselho ultramarino e general das frotas do Brazil.—Com o sello real.»

tomada em Mongarpe (Maranguape) carregada de vinhos de Hespanha, farinha, azeite e outros generos. A caravela pretendia ir para a Bahia, mas veio para aqui a proposito.

A 12 partio o navio *Zelandia* para a patria; Deus lhe dê boa viagem.

A 13 chegou de Tamaracá a companhia do tenente coronel Garsman e partio para lá a do capitão Vorsterman.

A 15 chegou um barco do Rio Grande com a noticia de haverem chegado 700 ou 800 indios brazilienses e tapuyas, que vieram do Ceará em nosso auxilio.

A 16 de manhã partiram d'aqui em uma galeota para o Rio Grande o capitão Rymbach e o capitão tenente Dorville afim de reunir da nossa gente quanto pudessem levantar e mais os ditos indios. Isto sem duvida derramará entre os Portuguezes um grande terror, porque os tapuyas são antropophagos e seus inimigos figadaes, e tambem o são os indios brazilienses; como não se dá quartel ha de haver grande derramamento de sangue. O que acontecer soará.

Sete ou oito dos nossos homens que iam para os Afogados foram mortos em caminho pelo inimigo que estava de emboscada. Os fortes dos Afogados e das Cinco Pontas fizeram um tal fogo contra a tropa inimiga que, segundo dizem os transfugas, se contam mais de oitenta dos seus entre feridos e mortos.

A 17 seguiram tres barcos para Tamaracá. Parece que ha um plano; o tempo mostrará.

A 19 passou-se para nosso lado um judeu que fôra apprehendido pelos Portuguezes. Contou que estes passaram uma revista geral de mostra, e que ameaça assaltar-nos na primeira occasião; mas pouco receiamos as suas fanfarrices.

A 23 chegaram aqui um Portuguez e um tambor enviados pelo inimigo, trazendo cartas dos nossos officiaes que se acham presos na Bahia.

Pediam seis semanas de treguas, o que foi recusado, pelo que tiveram de retirar-se immediatamente.

A 27 chegou um barco da Ilha de Fernando com a noticia do mau estado das cousas n'aquelle logar, e por isso os Conselheiros Supremos, que pretendiam mandar para lá o navio *Tamandaré* com 500 ou 600 negros, resolveram envial-os para as Indias Occidentaes afim de serem negociados, porque é impossivel mantel-os alli (aqui ?) por falta de viveres e refrescos, onde morrem em crescido numero com grande prejuizo da Companhia. E' certissimo que, si a Companhia conservar estas conquistas, os negros serão extraordinariamente caros, e não poderão ser obtidos em numero sufficiente para o meneio dos engenhos e cultura das terras, porquanto os Portuguezes já têm enviado uma grande porção de negros para a Bahia, e quando elles tiverem de retirar-se, enviarão o resto.

A 31 sahio daqui uma grande força dos nossos, mas recolheu-se no dia seguinte de manhã sem nada haver feito.

Com isto terminamos este anno, e pedimos ao Senhor Deus seja servido proteger-nos e vir misericordiosamente em nosso auxilio, e livrar-nos das mãos de todos os nossos inimigos por honra do seu nome. Amen.

SEGUNDA PARTE

JANEIRO DE 1646

Por mercê de Deus entramos no anno novo, e a Deus rogamos que nelle nos proteja, guarde e favoreça, concedendo-nos melhor fortuna do que no passado, o que esperamos da divina graça. Continuaremos a referir o que se passar nesta guerra dos Portuguezes, posto que pouco seja (o que teremos a dizer) por estarmos encerrados nesta praça; cerco este que confio se levantará em breve com o esperado soccorro da patria, e que então teremos materia para referir cousas de importancia.

No 1°. de Janeiro foi preso aqui um negro que tem morto a outros com veneno, e nomeadamente a um que, bebendo com elle um pouco de garapa, tão depressa bebeu como cahio morto, e isto na presença de varias pessoas. Em poder desse negro encontraram-se diversos venenos dentro de uma caixa, com os quaes elle pretendia envenenar os nossos poços. É fora de duvida que alguns traidores fazem o seu jogo por intermedio desse negro. Os Portuguezes, não tirando proveito de atacar-nos corajosamente e a peito descoberto, procuram executar os seus maus designios pela perfidia ou pelo veneno propinado por traidores que residem entre nós, e que elles angariam com dobrões ou com grandes promessas. Os dobrões hespanhoes operam maravilhosamente os seus effeitos nessas creaturas dos Portuguezes, pois nada se passa aqui, por insignificante que seja, que o inimigo não saiba logo, como claramente se tem verificado pelos negros que, ao passarem-se para o inimigo, são apprehendidos.

A 2 passou-se para o nosso lado um negro que pertencêra a Sua Excellencia. Chama-se Francisco, e havia sido preso pelo inimigo. Referio que os Portuguezes mataram a todos os nossos (com

excepção de tres) que se achavam entre elles; que primeiro mataram e depois esquartejaram o capitão de cavallaria Gaspar van der Ley. Para termos certeza disto, esperamos informações posteriores. Pode-se ver agora que confiança deve merecer o quartel promettido por *Speck-Jan*. Quando vier o nosso soccorro, esperamos pagar-lhes na mesma moeda. Francisco disse tambem que entre elles ha falta de tudo, principalmente de sal, azeite e vinho.

A 6 fez-se á vela para o Rio Grande o Sr. Pedro Jansen Bas, Conselheiro Supremo, com a companhia do capitão Rymbach afim de dar providencias alli e nos logares visinhos, bem como visitar os indios brazilienses e os tapuyas que vieram em nosso auxilio. Si houvesse chegado da patria o nosso soccorro, seria esta uma boa occasião para apertarmos o inimigo por deante e por detras, mas, como esse auxilio nos falta, é forçoso pacientarmos. Tambem se diz aqui que os Portuguezes enviaram tres barcos para o Ceará afim de tratarem com os indios (suppõe-se que estes são em numero de 700 homens). Como os emissarios desses indios estavam aqui no Recife, elles mataram os Portuguezes e lhes queimaram os barcos. Os ditos indios já chegaram ao Rio Grande

A 7 partio o navio *Tamandaré* (uma das presas) com 400 negros para serem negociados nas Indias Occidentaes. O desejo dos Srs. Conselheiros Supremos era mandal-os para a ilha de Fernando, mas, como ahi não se pode obter viveres e refrescos para tanta gente, resolveram envial-os, como os enviaram, para as Indias Occidentaes.

A 8 passou-se para o nosso lado um dos indios brazilienses do inimigo. Por elle pouco soubemos acerca da situação dos Portuguezes.

A 9 o inimigo tomou, entre os Afogados e as Cinco Pontas, dous dos nossos indios brazilienses e matou a um.

A 10 foi torturado o traidor Rodrigo de Barros,

porque, como já foi dito, mandava cartas e avisos ao inimigo, sendo negros os portadores de suas cartas. Nega tudo o que lhe é imputado; foi confrontado com os negros que persistiram nas suas declarações anteriores. Rodrigo de Barros é um verdadeiro traidor, que por quatro vezes tem sido perdoado; esta vez porém bem pode ser a ultima.

A 11 chegou de Angola um hyate com cerca de 250 negros. Os nossos tiveram lá com os Portuguezes um renhido encontro. Estes foram tão bravamente atacados de um lado pelos nossos, e do outro pelos negros, que ficaram no campo 300 ou 400 delles, e o resto teve de salvar-se fugindo.

Pelas 8 horas da noite de 12 vieram os Portuguezes fazer bravatas deante do nosso forte Waerdenburgh. Parecia que queriam atacal-o; mas o nosso canhão os recebeu de modo que tiveram de retirar-se com nariz de palmo.

A 15 chegou ao fundeadouro um dos nossos cruzadores. Cruzára deante da Bahia, e diz que alli estavam carregando 24 velas. Corria tambem que chegará aqui uma frota vinda assim do Rio de Janeiro como de Portugal, o que pouco receiamos, pois o nosso almirante espera tratal-os como os tratou em Tamandaré. Temos, graças a Deus, 14 bons navios e outras embarcações, com os quaes podemos resistir ao inimigo. Uma galeota e um barco partiram para o Rio Grande com viveres.

A 17 sahio a cruzar o hyate *Tonyn*.

A 18 foram aqui açoutados e marcados a fogo quatro negros que costumavam levar ao inimigo as cartas de Rodrigo de Barros e de outros traidores.

A 19 começou-se a levantar um forte de madeira entre as Cinco Pontas e os Afogados para tornar segura a passagem de um a outro logar, porque os Portuguezes a fazem mui perigosa, e cada dia tomam ou matam alguns dos nossos. Tambem derrubou-se o mato junto aos Afogados, onde de ordinario o inimigo se põe de emboscada.

A 20 o dito fortim foi posto em estado de defeza

A 21 chegou o navio *Trou van Vlessingen*, que nos trouxe uma mui feliz noticia, a saber, que foi conquistada a cidade de Hulst por Sua Alteza. Trouxe-nos tambem a noticia de que brevemente chegará o soccorro da patria, que esperamos soffregamente, visto como com este prolongado cerco cada vez ficamos mais apertados. Por falta de refrescos grande mortandade dizima a nossa gente, e ha muitos doentes que são atormentados por inchação nas pernas, de que muitos ficam suffocados (*vertiscken*); a agua salobra deve ser a causa principal do mal. Esperamos que (os da Bahia), sabendo que está a chegar o nosso soccorro, farão retirar as tropas vindas de lá para guardarem o seu proprio ninho, o que Deus permitta.

Por cartas vindas no dito navio se nos communicou que Gaspar Dias Ferreira foi preso na Hollanda por ter conhecimento da traição dos Portuguezes d'aqui, e manter correspondencia com os de Portugal. Não nos regosijou pouco sabermos que essas perfidias foram descobertas, e que o passaro está na gaiola. Desejamos que todos os que nos trahem sejam do mesmo modo perseguidos, pois somos vergonhosamente trahidos. Nada se passa aqui que os Portuguezes não saibam logo; mas afinal de contas esses traidores hão de receber o seu premio.

A 22 de manhã cedo o tenente-coronel Garsman com cerca de 400 ou 500 homens tirados de todos os nossos fortes e com duas peças de campanha marchou para o nosso fortim, ficando de emboscada no mato duas forças. O inimigo, que o não sabia, passou por ellas, e de improviso foi de tal modo saudado que teve de tornar a passar o rio com perda de uma porção dos seus. O nosso canhão não errou o alvo, de sorte que elles tiveram 50 homens entre mortos e feridos, e por causa da nossa forte canhonada puzeram-se ao fresco. Em-

quanto a nossa gente escaramuçava com o inimigo, foi abatido o mato. Não tivemos nenhum morto, e somente quatro feridos. A' noite Pedro Duynkerker trouxe uma presa, isto é, uma caravela carregada de 225 caixas de assucar, a qual ia do cabo de S. Agostinho para a Bahia. Nessa caravela achava-se Albert Gerritz. Wedda, que salvou-se em terra com os outros.

A 24 renderam-se graças ao Senhor Deus em todas as egrejas pela victoria de Hulst alcançada por S. A o Principe de Orange: dirigiram-se ao Senhor ardentes preces para que seja servido ajudar-nos contra os nossos inimigos, e recebermos de prompto o soccorro da patria. Depois da acção de graças os soldados e os burguezes marcharam em armas, e em torno das muralhas e fortes deram se tres descargas assim de mosquetes como de canhão. Em summa demos todas as mostras de regosijo, conforme permittiam as nossas tristes circumstancias. Esperamos que, com o favor de Deus, obteremos breve o nosso livramento destes grandes apuros em que ha seis mezes nos achamos. Agora reservam-se todas as quartas-feiras para as preces publicas em virtude de ordem dos nossos superiores, os quaes expediram varios editos para o fim de ser devidamente guardado o sabbado do Senhor e os dias de preces publicas.

A 25 veio uma partida inimiga fazer bravatas tanto deante do forte de Bruyn como da Boa-Vista, gritando elles: « venham cá, cachorros de framengos, venham buscar farinha, cajús e laranjas. » (1) Os nossos responderam: « venham vocês buscar os seus navios e caravelas com os seus vinhos e assucares etc., que lhes tomamos. » Um dos *Toucinhos* (*Specken*) subio a uma arvore para se fazer melhor ouvir, mas um dos nossos atirou e o

---

(1) « Vein aca caciores de framengos, Vein boscair farinha, acayous laranges, etc. »

passaro veio a baixo, de modo que a um tempo perdeu a voz e a vida.

A 27 chegou um barco da Parahyba, trazendo-nos a noticia de que o capitão Pedro Braziliense com duas companhias de indios brazilienses bateu uma grande força portugueza, ficando 30 no campo, alem dos que elles levaram (como é seu costume) com cabos que trazem adrede para esse fim, e por isso raramente se encontram muitos mortos. E' incerto o numero de feridos que tiveram. Os indios recolheram umas cem armas que o inimigo largou fugindo.

A 31 soubemos com certeza que Camarão se fortificára com 700 homens no Rio Grande, e que os nossos iam ao seu encontro com todos os nossos indios brazilienses sob o mando do capitão Rymbach e do capitão-tenente Dorville. Assim na primeira occasião teremos provavelmente noticia de um rencontro.

FEVEREIRO DE 1646

No 1º de Fevereiro a maior parte dos nossos navios surgiram no fundeadouro, os outros ficaram no porto, mas seguirão tambem para lá. Corre o boato que chegará uma frota portugueza. Graças a Deus, nós a esperamos com boas disposições, porque podemos formar uma frota soffrivel juntamente com os navios que estão cruzando. Falta-nos porém gente. Permitta Deus que recebamos brevemente o soccorro da patria, pois, para fallar a verdade, o Estado do Brazil está agora pendente de um delgado fio.

A 2 chegou um dos nossos barcos da ilha de Fernando com um bom numero de gallinhas e milho, o que vem muito a proposito para os doentes; mas pouco aproveita aos pobres, porque se vende a cabeça por 5 e 6 florins.

A 3 partio para o Rio Grande o barco do capitão Dirck Witte Paert com alguns soldados, e to-

mará mais gente em Tamaracá para reforçar a Rymbach.

A 4, domingo, chegou um barco do Rio Grande com a seguinte noticia: a nossa gente, fazendo o numero de 1.100 homens, comprehendidos os nossos e os indios brazilienses, atacou a 27 do mez passado o inimigo que se entrincheirára junto ao engenho Cunhaú, situado entre o Rio Grande e a Parahyba. O capitão foi o primeiro a atacar com a nossa gente, mas foi gravemente ferido no hombro por uma bala, e teve de retirar-se. Succedeu-lhe Otto ter Ville, capitão-tenente do coronel Garsmam que no primeiro ataque foi ferido no coração e cahio sem proferir mais uma palavra. Veio substituil-o o tenente Breentsma, que foi tambem ferido, e, depois de duas horas de combate, os nossos retiraram-se em boa ordem, conservando-se bem uma hora em forma de batalha á vista do inimigo, a quem assaz provocaram a ver si tinha coragem de sahir a atacar-nos, mas parece que essa lhes faltou. Dos nossos ficaram no campo 26 homens e foram feridos cerca de 70. Segundo parece a falta de viveres, fez com que a nossa gente se apressasse a atacar o inimigo, porquanto, si o tivessemos cercado somente durante cinco dias, o inimigo ter-se-hia rendido por si mesmo, ou teria de abrir caminho, o que era mui difficil, porque havia somente uma passagem por onde os contrarios se retirariam, e isto os nossos poderiam impedir sem custo. Mas, como os nossos se achavam possuidos de muita animosidade e desejosos de vingança contra os Portuguezes, foi impossivel conter a colera em que estavam abrazados, por causa da crueldade e tyrannia que os Portuguezes tem usado para com os nossos compatriotas. Essa crueldade, que a penna não póde referir, tem sido praticada não somente para com os nossos officiaes presos, soldados, moradores e indios brazilienses, mas ainda para com os de Serinhaem que se puzeram tão voluntariamente sob a sujeição delles;

pois, segundo fomos avisados a 17 do mez passado, os Portuguezes assassinaram os moradores hollandezes, accusando-os de nos terem informado acerca da situação da sua frota, que os nossos tomaram em Tamandaré. Roelandt Carpentier, possuidor do engenho Rio Formoso, fez accordo com os Portuguezes, e ficou no mesmo engenho sob a salvaguarda delles ; mas os Portuguezes, querendo fazer-se senhores de um tão bom esbulho, accusaram-n'o (Deus sabe com que pretexto) de traição, e sem forma de justiça o degolaram. Onde jamais se ouvio fallar na christandade de semelhante tyrannia, violando-se assim tão facilmente as promessas e a salvaguarda concedida ? Isto provem do que já dissemos a este respeito a 11 de Setembro. Os de Serinhaem soffrem agora o castigo de terem confiado tão levianamente nas promessas dos Portuguezes, bem como de se haverem obrigado por juramento a estar sob a obediencia delles, tornando-se inimigos da egreja de Deus e dos nossos compatriotas, poisque bem podiam retirar-se para aqui com os outros.

A 7 chegou da Hollanda o navio *t'Hugs van Breda*, tendo durado a viagem nove semanas e cinco dias. Esteve em Cabo Verde, como lhe foi recommendado, e tomou couros em grande quantidade. Por cartas vindas da patria fomos informados de que Gaspar Dias Ferreira, tendo tido conhecimento de toda a trama dos Portuguezes nestas terras, foi conduzido preso a Haya com o seu primo Mathias Ferreira Rabello, e criado do mesmo Dias Ferreira, e que este foi estrangulado em Haya e depois esquartejado. Os primeiros navios que chegarem nos trárão a certeza desta noticia. Louvado seja Deus por terem sido descobertos os habeis e secretos planos deste traidor, e isto de um modo tão extraordinario !

Desde a partida deste sugador do sangue e da fazenda da gente pobre d'aqui, abusando do credito que tinha para com S Exc., a quem acompa-

nhou a Hollanda em 1644, como si fôra um grão senhor, ou tivesse direito ao titulo de *dom*, soube desempenhar o seu papel tão admiralvelmente com os seus complices e adherentes que nós, moradores do Brazil, nos havemos de lembrar durante toda a vida da dolorosa perda que com isso soffremos, bem como os mercadores da patria, que negociavam neste paiz, visto como muita gente ficou arruinada por ter aventurado a sua fortuna no Brazil. Isto tudo porém é nada em comparação do sangue innocente (derramado) por causa das manobras e perfidias deste e outros que taes traidores, o que clama vingança ante o throno do Senhor, e ante as viuvas e orphãos vivos, que presentemente soffrem grande miseria, indigencia e penuria pela mesma causa. Quem pensaria alguma vez que Gaspar Dias Ferreira, sendo tratado com tanta honra e consideração por nós aqui e na Hollanda, podia occultar em seu coração durante tantos annos uma tal falsidade e traição?

O que não fizeram as pessoas gradas d'aqui a bem de sua prosperidade e riqueza, e para honral-o e tratal-o com grandissima consideração? A minima parte disto não lograram os nossos nacionaes, por muito lealmente que tivessem servido este paiz. Certamente é mui grande a ingratidão de Gaspar Dias Ferreira, e muito mal recompensou elle os seus bemfeitores.

A sua traição foi descoberta, segundo nos informam, do seguinte modo: Gaspar Dias Ferreira, tendo carregado um pequeno navio com uma porção de arcabuzes e de munições para envial os a Portugal succedeu ser o navio tomado por piratas de Alger, e as cartas de Ferreira irem ter ás mãos de um judeu que alli residia, o qual, lendo as e vendo a sua muita importancia, as mandou a um outro judeu de Amsterdam; este as apresentou á Companhia, e assim foram ellas parar ás mãos de Suas Altas Potencias, seguindo-se d'ahi a prisão do dito Ferreira.

Esperamos saber do fim desta tragedia pelas noticias que nos trouxerem os proximos navios.

A's 10 da noite vieram os Portuguezes occultos pelas trevas até as palissadas do novo fortim de madeira e começaram a rompel-as ; ouvindo o rumor, a sentinella atirou, e em seguida atiraram os do forte. O inimigo vio que estava descoberto e retirou-se.

A 12 Antonio Mendes, um dos Portuguezes principaes que ha muito se achava preso por causa dessa traição, morreu na prisão, e suppõe-se que se suicidou com veneno, porque tinha de ser justiçado hoje. Foi conduzido sobre uma grade de vimes *(horde)* arrastada por negros para a forca e enforcado de pernas para cima.

A 14 chegou um barco do Rio Grande com a noticia de terem-se retirado os Portuguezes para a Parahyba na mesma noite em que os nossos os atacaram, abandonando assim o seu fortim. Foram achados ainda vestidos os nossos que ficaram mortos junto á fortificação, e que não tinhamos podido levar. Os Portuguezes perderam tambem muitos na escaramuça. O receio de serem outra vez atacados pelos nossos foi provavelmente a causa da retirada delles.

A 17 chegou a salvamento da Zelandia o navio *Vlissingen* com cerca de 50 soldados. Trouxe-nos noticia do soccorro, devemos esperal-o a cada hora. E' esta sem duvida uma grande esperança no aperto em que estamos. Permitta Deus que breve o tenhamos.

A 21 o capitão Claes sahio com uma grande força, mas não deu fé do inimigo, a não serem algumas sentinellas aqui e acolá. Parece que o inimigo, tendo noticia da vinda do nosso soccorro, e receiando que então o ataquemos (o que bem pode ser) quer reunir as suas forças.

A 23 o capitão Killiam Snyder sahio com uma força de 70 homens, mas recolheu-se sem ter feito cousa alguma.

A 27 grande rebate occasionado pelo inimigo: estivemos em armas nas muralhas mais de 3 horas. Troou o canhão dos nossos fortes, atirando contra elles, e é certo que alguns deixaram ficar por ahi os ossos. Atiraram vivamente contra nós de longe sem nos fazer mal. Depois retiramo-nos para os nossos quarteis.

A 28 embarcou nos navios *Elias* e *Crangie Boom* a gente que vae para Hollanda. Embarcaram tambem de 50 a 60 mulheres e uma porção de paisanos.

MARÇO DE 1646

No 1.º de Março partiram os ditos navios para a patria. Deus lhes dê boa viagem. Foram presos aqui um negro e uma negra que, segundo se diz, pretendiam envenenar o nosso almirante

A' noite tivemos novo rebate na cidade Mauricia. Parece que *Speck-Jan* tem prazer em trazernos acordados e interromper de noite o nosso somno. Si o soccorro já fôra chegado, nós lhe dariamos que fazer de outro modo.

A 2 chegaram dous barcos do Rio Grande com a noticia de haver fallecido o capitão Rymbach em consequencia do seu ferimento. Era um bravo e bom soldado que por muito tempo servio a este paiz. Mas contra a morte não ha remedio.

A 3 uma força nossa sahio de Tamaracá e assaltou no districto de Iguarassú uma casa, para onde se tinham retirado 32 Portuguezes entre homens, mulheres e meninos. A casa foi queimada com todos os que nella estavam, excepto um Portuguez que trouxeram para cá. Este disse que eram 400 os Portuguezes que estavam na Parahyba. O que essa força inimiga fará, mostrará o tempo. Nesta data desembarcaram os nossos soldados do Rio Grande, dirigindo-se cada qual para a sua guarnição.

A 7 passou-se para cá um indio braziliense. Tambem diz que o inimigo retirou se para a Para-

hyba. Não sabemos si assim fez com medo da nossa frota ou porque tenha em vista outro fim.

Na madrugada de 9 cerca de 50 dos nossos homens, commandados por João Maes, tenente do major Pistoor, sahiram para queimar a Casa dos Camponezes (*Boeren Huis*) na Boa Vista; mas foram descobertos pelo inimigo, e entraram a escaramuçar de parte a parte, o que durou duas horas. Como o inimigo recebia soccorro de todos os lados, e contavam-se dez delles contra um dos nossos, nós nos retiramos para pormo-nos sob a protecção do nosso canhão; o inimigo avançou sobre nós para cortar-nos a passagem, mas não obteve vantagem alguma. A lancha do forte Waerdenburgh passou a nossa gente, e, graças a Deus, não foi ninguem morto ou ferido.

10 — Esta noite o forte dos Afogados fez um vivo fogo contra o inimigo que se tinha approximado algum tanto, o que obrigou a burguezia a tomar armas; mas afinal vimos que o commettimento não passava de uma rodomontada de *Speck-Jan*, e cada um de nós voltou para casa.

A 11 chegou um barco da Parahyba com a noticia de haverem os nossos sahido com os indios brazilienses para fazerem algum detrimento ao inimigo. Os nossos porém, tendo-se apressado muito, sem esperar pelos indios que ainda vinham atraz, atacaram o inimigo e foram batidos, porque este era muito mais numeroso, e cercou a nossa gente, escapando com difficuldade de 16 a 20 dos nossos; entre mortos e feridos tivemos de 40 a 50 homens. Commetteram os nossos uma grande falta não esperando os indios, com cujo auxilio a refrega sem duvida teria corrido melhor. Todas essas pequenas perdas e damnos que temos recebido em tantos rencontros não nos tem debilitado pouco, visto como temos imperiosa necessidade de gente.

A 12, domingo, o inimigo atacou furiosamente pelas 9 (da noite) o nosso fortim de madeira, denominado *kyck in de pot*, com 1000 ou 1200 homens.

No fortim se achavam o commandante, que era o tenente Crol, um sargento e 20 soldados, os quaes se defenderam valorosamente O inimigo deitou abaixo a maior parte das palissadas, que cercavam o fortim, e por meio de fachinas, que trouxera em abundancia, já tinha deitado fogo á madeira e taboas do dito reducto, de modo que aqui das muralhas podiamos ver o clarão; o ataque prolongou-se até depois das 2 da madrugada, e o inimigo acercou-se tanto do fortim que podia arrebatar das mãos dos nossos os arcabuzes e lanças, atirando tão vivamente que causa admiração ver como ficára atravessado de balas o pobre fortim; até as telhas foram abatidas a tiro. Finalmente teve de retirar-se, deixando alguns mortos, que pela pressa não poude levar, como é seu costume. Em torno do fortim estava tudo coberto de sangue, o que faz crer que sem duvida morreu muita gente. O tenente foi gravemente ferido, e o sargento e dois soldados mortos. E' admiravel que a nossa gente podesse resistir dentro daquelle reducto por tanto tempo a um assalto e tiroteio tão fortes! Estavam porém na ultima extremidade: si o inimigo atacasse mais uma vez, ser-lhes-hia impossivel continuar a resistir, visto como estavam quasi que suffocados com o fumo do fortim abrazado, não tinham agua para matar a sede, e se achavam tão fatigados com dispararem os seus mosquetes que já tinham esgotado as forças. Mas Deus veio em nosso auxilio: nós Lhe devemos a nossa gratidão e os nossos louvores. Emquanto durou o combate não dormimos: estavamos de promptidão nas nossas muralhas, esperando-os com boa disposição, e o canhão dos Afogados, do terrapleno e das Cinco Pontas fez um nutrido fogo contra elles, de modo que uma porção dos contrarios seguio viagem para o purgatorio no espaço de tempo necessario para resar uma *Ave Maria* Esperamos dar informações mais completas na primeira occasião acerca da perda do inimigo.

A 13 de manhã cedo mandou-se outra guarnição para o fortim afim de substituir a gente fatigada que lá estava. O povo affluio para ver o estado do mesmo fortim. Deram-se logo as providencias para ser reparado, e agora está tão bem provido e fortificado que *Speckjan* não terá mais vontade de *in de pot te kyken*. (1)

A 14 de manhã um dos negros dos Portuguezes, que passou-se para cá, disse que elles perderam no assalto ao fortim dous capitães e muita gente, bem como teve muitos feridos. Esse negro foi preso provisoriamente, visto como tem vindo para cá muitas vezes somente para illudir-nos; depois de desempenhar aqui o seu papel foge outra vez para o inimigo.

A 15 foram torturados alguns que se passaram ha alguns dias. Parece que pretendiam fazer alguma traição ; o tempo o dirá.

A 16 chegou uma caravela denominada *Bullestraten*. Fez se á terra até deante da Bahia, onde houve alguns presos ; sabendo disto, o inimigo expedio logo tres caravelas com soldados, tendo oito peças cada uma, as quaes pretendiam perseguir a nossa, mas esta salvou-se em razão de uma tormenta que sobreveio

Varias das nossas caravelas, navios e outras embarcações se acham ainda no mar a cruzar.

O capitão Claes sahio com a sua companhia em um barco para o norte ; o que vae fazer mostrará o tempo.

A 18 o almirante Lichthart, o capitão Claes e cerca de 400 homens partiram em nove barcos para S. Lourenço da praia afim de haver farinha que alli abunda ; breve saberemos o resultado desta expedição.

A 21 chegaram dous navios da carreira de Guiné com o general Buychaver para serem providos aqui

---

(1) *Te diep in de kan* ou *in de pot te kyken* significa *virar o copo*, beber muito.

de viveres e seguirem viagem para a patria. Mas ah! estamos tão apertados e necessitados de mantimentos que não se póde descrever a nossa situação; si não vier depressa o soccorro, a cousa tomará má cara para nós. Dos padeiros não se póde haver pão por dinheiro, a libra custa seis *stuyvers*; um *kan* de hervilhas, favas, cevada, farinha custa de 14 a 20 *stuyvers*; uma libra de manteiga 28 a 36 *stuyvers*; uma libra de carne 10 a 12 *stuyvers*, e assim tudo mais em proporção, de sorte que o nosso aperto e miseria se fazem maiores de dia em dia. Sem duvida o soccorro vem com passos vagarosos, mas contra Deus e o tempo não ha remedio; nesta conjunctura devemos conservar a nossa esperança e submetter-nos á divina vontade do Senhor.

Carga dos navios *Eendracht* de Amsterdam, e *Endracht* de Enchuysen, chegados de Guiné a 21 deste com o general Buychaver:

1.600 marcos de ouro
50 lastos de pimenta de Guiné.
14.500 libras de presas de elephante.
22.840 libras de assucar preto de S. Thomé.

A 22 chegou o navio *Swaen* que sahira a cruzar, trazendo um Portuguez e quatro negros apprehendidos em terra na visinhança da Bahia. Segundo o que diz o preso, os da Bahia já enviaram para Portugal uma parte da nossa gente apprehendida por elles, e ainda se achava na Bahia mais de 300 que haviam de seguir para Portugal na primeira frota. Si isto é verdade, muito folgamos, mas põe se em duvida a noticia; talvez o preso dissesse isto para salvar a vida. Da Hollanda esperamos soffregos a confirmação desta noticia.

A 23 de manhã cedo chegou um barco de Tamaracá expedido pelo almirante aos Srs. Conselheiros Supremos afim de trazer-lhes a noticia do

que succedera na expedição: tinha chegado alli a salvamento com certa quantidade de farinha. O barqueiro disse ter visto no mar cinco velas, que suppõe serem cruzadores.

Na mesma data á noite chegaram de Tamaracá o almirante, o capitão Claes e a nossa tropa, tendo embarcado em Tamaracá mandioca para 900 a 1000 alqueires de farinha. Isto nos vem muito a proposito, e ainda quando fosse dez vezes mais, saberiamos o bom c. minho que levariam.

A 24 de manhã cedo vieram ter comnosco tres turcos de Gaspar Dias Ferreira, e confirmaram o que já foi dito, isto é, que o inimigo com o melhor de suas forças seguira para a Parahyba e para o norte, e que ficaram somente assim com João Fernandes Vieira como aqui na visinhança duas companhias de mulatos, quatro de negros,e alguns Portuguezes; que começavam a amedrontar-se bastante por causa do nosso soccorro que estava a chegar, e já alguns voltavam os olhos para a Bahia. Isto é o que dizem os turcos. Chegou do Ceará a caravela *Lichthart.* O Sr. Paulo Antonio Dames, escolteto desta praça, fez um geral arrolamento dos burguezes e familias do Recife e da cidade Mauricia. Como não podemos haver mais pão dos padeiros, os Srs. Conselheiros Supremos farão destribuir semanalmente aos burguezes a ração de pão por dinheiro; providencia esta bem tomada, porque sem pão não podemos manter a vida.

A 26 chegou um barco da Parahyba com a noticia de que 4.000 ou 5.000 homens do inimigo se achavam em torno da cidade daquelle nome, de sorte que ninguem podia sahir dos nossos fortes. O que uma tal força pretende fazer dirá o tempo.

A 28 chegou da ilha de Fernando a galeota chamada de *Vlucht* que levára para lá uma porção de negros; de passagem tomou no Rio Grande certa quantidade de cal e a trouxe para aqui.

Ás tres horas da madrugada de 29 chegou da Hollanda a fragata *Zelandesa,* que ha nove sema-

nas partira da Zelandia. Trouxe a noticia de que a nossa frota estava prompta no Texel, na Zelandia e outras camaras para seguir para aqui. Esta noticia causou uma alegria geral. Deus permitta que venha depressa afim de nos livrarmos desta miseria e deste apertado cerco.

Na noute de 30 o tenente-coronel Garsman e alguns soldados partiram em barcos para o Rio Grande afim de levar esta boa nova ás nossas praças do norte, e dar as convenientes providencias por toda a parte.

A 31, sabbado antes da paschoa, destribuio-se a ração de pão aos burguezes, isto é, tres libras de pão por semana, pagando-se aos Conselheiros seis *stuyvers* por cada libra ; é com isto que nos havemos de ajudar até que cheguem os nossos navios. Não se dá pão aos negros, o que causará fugirem elles em grande numero.

Partio o hyate *Tonyn* para a ilha de Fernando com uma porção de negros, artilharia e munições de guerra para o reducto que alli se fez.

ABRIL DE 1646

No 1º de Abril encontráram-se nos Afogados algumas cartas espalhadas pelo inimigo, onde se lê que tencionavamos, por causa da fome, partir para a patria com todos os nossos navios surtos no porto, e que elles nos offereciam tres alqueires de farinha durante a viagem por cada pessoa. O nosso apuro dá grande alento ao inimigo, e por isso do seu forte recentemente feito, Arraial de Bom Jesus, fizeram um vivo fogo de canhão e mosquetes. No mesmo dia appareceram elles deante do *kyck in de pot*, gritando aos nossos que se passassem, poisque lhes dariam quartel. Nós não gritamos, mas lhes respondemos pela bocca dos mosquetes e meios arcabuzes, com o que cessaram os gritos.

A 3 passaram-se tres dos nossos soldados

para o inimigo. Queixavam-se da diminuição da ração de pão, e tal parece ser a causa real (da deserção). Como quer que seja, elles não acharão tão boa a situação do inimigo, como cuidam.

A 4 chegou o hyate *Arguin* da Zelandia.

A 6 trouxeram preso para aqui um soldado dos Afogados que pretendia, segundo se diz, deitar fogo á casa da polvora do dito forte e fugir.

A 11 sahiram a cruzar varios dos nossos navios, caravelas, galeotas e outras pequenas embarcações.

A 12 chegou um barco de Tamaracá com dous Portuguezes apprehendidos em Maria Farinha. Um é filho de um Portuguez chamado Ramalho, o outro é um mulato. Disseram que João Fernandes Vieira estava em Tamaracá, e partirá para a Bahia; que os Portuguezes com medo da rota que esperamos da patria começam a retirar-se.

A 14 chegou á cidade Mauricia o Sr. Garsman.

A 16 uma mulher, que pretendia passar-se para o inimigo, foi *pescada* junto ao forte de Bruyn; afogou-se, por não saber onde era a passagem do rio.

A' 19, quarta feira, largaram para a patria os navios *Deventer*, *Utrecht*, *Trou*, *t'Huys van Breda* com os dous barcos da carreira de Guiné. Deus lhes dê boa e feliz viagem.

A noite partio para o norte o capitão Claes com 170 arcabuzeiros. Parece que se tenta um commettimento; em breve saberemos de alguma cousa extraordinaria.

Na tarde de 20 os Portuguezes accenderam varios fogos e deram tiros de mosquete; não podemos saber o fim.

A 21 os Portuguezes pozeram cartas em paos duas vezes no mesmo dia; os nossos as foram buscar, mas ignoramos o conteudo dellas.

A 22, domingo, vieram ter comnosco de manhã um mulato e um negro, que foi vaqueiro de S. Exc. Declararam que João Fernandes Vieira

foi enviado a Bahia; que Hoochstraten é cuidadosamente vigiado pelos Portuguezes; que estes reunem-se na Varzea para assaltar o nosso fortim de madeira, e que soffrem grande falta de tudo, inclusive carne, azeite e sal, que os hospitaes estão cheios de doentes e feridos, e que disto o informante estava bem certo, porque servira por muito tempo no hospital da Varzea. Disse mais que os passados, tão depressa lá chegam são enforcados ou mortos. Isto é o que disse o negro, e si são verdadeiras as suas declarações o tempo mostrará.

No mesmo dia o *Cat sonder Coren* trouxe um pequeno penke *(Pinkje)* tomado na costa d'Africa, onde se achavam dous capuchinhos e um padre jesuita. As cousas em Angola ainda corriam soffrivelmente bem. A rainha de Angola com os seus negros batera uma tropa portugueza, ficando 100 no campo, e o resto fugio.

A 23 Jacques de Bollan e dous soldados foram presos no Recife por causa do assasinato do capitão Jacob, chefe dos tapuyas, ultimamente perpetrado no Rio Grande.

A 24 o tenente coronel Garsman foi levado preso para bordo do navio *Hollândia* por causa desse mesmo facto.

A 27 chegou o almirante na fragata. Foi até deante da Bahia, mas, como não encontrou os nossos navios e caravelas, voltou sem ter feito cousa alguma. Os capitães Moucheron e Deniger partiram para o Rio Grande afim de tomar informações acerca do negocio do Sr. Garsman.

A 29 o capitão Claes Claesz. voltou de sua expedição, cujo resultado foi o seguinte. Tendo partido d'aqui a 19, chegou a 21, que foi um sabbado, em Catuama perto de Tamaracá. Domingo de manhã fizeram juncção com elle o commandante capitão Willem Lamberts e Gaspar Honinckuys, commandante dos indios; a nossa tropa, inclusive os indios, se compunha de 500 homens. Embarcaram á noite e na segunda feira de manhã cedo

chegaram ao rio Tisucapape (Tijucupapo), onde desembarcaram. A gente inimiga havia levantado uma ou duas pequenas obras sobre a passagem, mas os nossos a expulsaram, e marcharam para o forte grande, que os Portuguezes alli fizeram, tão defensavel e tão bem provido que, como ficou patente, mal podia ser forçado, e pouco proveito podiam os nossos obter. Nada obstante, os nossos assaltaram o forte por seis vezes, de cada vez foram repellidos, e por ultimo tiveram de retirar-se, ficando mortos no logar os capitães Willem e Honinckhuys, dous tenentes Thomaz Kock e Hans Wermlick, dous sargentos e 18 ou 20 homens, e muitos feridos.

Até o presente não podemos saber qual a perda do inimigo. Dous dias antes de chegarem os nossos, os Portuguezes haviam sido informados, como referio um cirurgião hollandez que aprehendemos por occasião desse assalto. E' fora de duvida que estamos sendo aqui trahidos vergonhosamente; mas, si os traidores forem descobertos, hão de ser punidos, como merecem. A expedição foi emprehendida principalmente para havermos farinha, pois esse logar é o manancial della.

Vem ainda alguma farinha do Rio Grande que o Supremo Concelho taxou somente em 10 florins por alqueire. Mas, comquanto se tenha obtido assim a fixação do preço do *kan*, que, feita a conta, sae a sete *stuyvers*, todavia certos avarentos e sanguesugas do pobre povo não se pejam de vender por 18 e 20 *stuyvers* o *kan*, e isto é incontestavelmente uma grande usura e lucro sordido que não se deve tolerar. Os senhores do Concelho sabendo disto, sem duvida hão de providenciar.

MAIO DE 1646

A 4 partio d'aqui para Tamaracá o Sr. Adriano van Bullestraten com a companhia de arcabu-

zeiros do capitão Hilt que ficará lá de guarnição, vindo para aqui substituil-a a do capitão Vorsterman.

8 — Já dissemos que o inimigo é diariamente informado do que se passa aqui; por mercê de Deus isto foi hoje em parte descoberto e patenteado. Dous Portuguezes, chamados João Vieira d'Allegro e Francisco Ribeiro (que ha muito residem no Recife) eram os unicos que ficaram entre nós; Deus sabe e o tempo revelará quantas perfidias machinaram e quantos avisos deram ao inimigo. Tendo esse João Vieira de Allegro attrahido a si um mulato para levar ao inimigo uma caixinha contendo cartas, o mulato entregou a caixa aos membros do Supremo Concelho, que a fizeram immediatamente abrir, e encontraram nella cartas escriptas em cifra. Incontinente alguns dos Conselheiros acompanhados de soldados foram á casa dos ditos Portuguezes para prendel-os, e exigiram de Vieira (o escriptor das cartas) que as decifrasse e declarasse o conteudo dellas. Vieira recusou fazel-o com grande pertinacia, pelo que foi levado ao banco dos tratos, mas ainda assim nada confessou. Durante esse tempo as portas tanto da cidade Mauricia como do Recife conservaram-se fechadas, de modo que pessoa alguma podia entrar ou sahir. Grandes segredos sem duvida occultam-se nessas cartas, cujo conhecimento muito interessa a este Estado e paiz; bem pode ser que se descubram em breve, pois, si não quizerem confessar, serão outra vez torturados.

A 10 chegou de Tamaracá o Sr. Adriano van Bullestraten na fragata *Hase Windt*; providenciára acerca da ilha e dos fortes. A companhia de arcabuzeiros ficou lá de guarnição, vindo para cá em seu logar a do capitão Vosterman. De Tamaracá tivemos noticia que os Portuguezes preparam centenas de jangadas; o tempo dirá para que fim.

A 11 chegou um barco do Rio Grande com os capitães Moucheron e Deniger. Trouxeram a no-

ticia de que o inimigo se fortificára em Mongoape (Mamanguape). Por sua vez os nossos fortificaram-se mui bem na casa de João Leston. O mais não podemos saber.

Como a nossa frota tem-se demorado tanto e os nossos viveres se tornam escassos, diminuio-se hoje a ração de pão: recebemos por semana apenas duas libras de pão e de escasso peso, e com isto temos de passar sobriamente até que praza a Deus que chegue a nossa frota.

A 14 tratou-se do caso dos presos portuguezes; se lhes fará quanto antes o processo.

Um velho Portuguez residente no Recife foi recolhido preso a um dos nossos navios. E' o ultimo que residia entre nós Si reside ainda algum ou se occulta entre os judeus, Deus o sabe e o tempo mostrará.

A 15 passaram-se para o inimigo quatro dos nossos soldados.

Entre meia noite e uma hora de 16 (para 17) apresentou-se o inimigo deante dos nossos fortes, como si pretendesse dar um assalto. Foi por toda a parte tão bem recebido com tiros de canhão, mosquetes e arcabuzes que, depois de tres horas de tiroteio, retirou-se. Parece que os transfugas os tem animado muito em razão da nossa situação, e por esse modo querem experimentar si estamos destituidos de forças de modo que não possamos mais manejar as armas. Graças a Deus, acharam o contrario, e é possivel que esses transfugas, em recompensa de suas revelações, sejam pagos com o nó corredio da corda, pagamento que sem duvida já receberam.

Vimos velejar uma caravela por deante do Recife, indo para o sul. Primeiramente suppuzemos que era uma presa tomada pelos nossos cruzadores; mas é uma vela portugueza que anda descahida, ou veio dar uma vista d'olhos ao nosso porto. A nossa fragata *Hasewendt* está cruzando agora no cabo de S. Agostinho; permitta Deus que

a encontre. Parece que a dita caravela foi enviada das ilhas com vinho ou para trazer avisos.

Fugiram cinco dos nossos soldados para o lado inimigo.

A 17 entre meia noite e uma hora, os Portuguezes começaram outra vez a atirar, mas nada tentaram. Parece que querem esfalfar-nos. Chegaram aqui um tambor e um Portuguez mandados pelo inimigo. Ha mais de seis mezes que não vem aqui um emissario delles, porque o Supremo Concelho prohibio que tivessem a ousadia de mandar alguem a esta praça, sob pena de ser enforcado immediatamente quem viesse. Diz-se que este emissario teve por missão entregar certa carta escripta pelo rei D. João IV, rezando que os Estados Geraes e a Companhia das Indias Occidentaes tinham tratado com o rei de Portugal acerca destas terras do Brazil, indemnisando S. M. todas as despezas que a Companhia tem feito desde o começo; que a França, a Hollanda e a Zelandia poderão traficar aqui, e que cada qual ficará na posse de sua fazenda; e tem mais outros artigos. A ratificação (do tratado), dizem elles, virá em um dos nossos hyates. Nós porém não acreditamos nem fazemos caso do que elles dizem, antes estamos certos que isto é uma jesuitica invenção para (embair-nos ?) e fazernos desesperar do soccorro, pois não podemos crer que os Srs Estados Geraes e a Companhia vendessem a D. João estas conquistas sem sciencia dos interessados que moram aqui; tambem não cremos que D. João seja tão abonado que possa pagar a quarta parte do capital, de modo que não damos importancia a esta embaixada e a taes rodomontadas

A 18 o mesmo portuguez e o tambor foram despachados, sendo acompanhados por uma companhia de soldados até além dos Afogados, pois a burguezia, cheia de animosidade contra os Portuguezes, queria á força lançal-os da ponte no rio,

pelo que foi necessario conservar-se a ponte trancada até que elles passassem.

A 21 chegou a fragata *Hasewindt* com uma caravela que tomára entre Olinda e Tamaracá. A caravela vinha do Rio de Janeiro e ia para Portugal com 225 caixas de assucar branco e mascavado, tendo a bordo 22 homens que foram trazidos para aqui.

A 22 foram presos varios soldados que queriam fazer motim no forte Ernestus por causa da ração. Nesta data passou se revista de mostra á companhia de burguezes do Sr. coronel Walbeeck, e se achou que constava de 83 homens.

A 23 o capitão Hans van der Goes passou revista de mostra, e achou-se que havia 85 homens.

A 24 fez revista o major Mathys Beck; o seu capitão tenente Joost van Bullestraten tem 89 homens, e o capitão Bartolomeus van Ceulen 88.

A 25 foi torturado o portuguez Francisco Ribeiro, preso, ha alguns dias, com João Vieira de Allegro. Denunciou um certo mercador francez chamado Luiz Heys, que foi preso com o seu sobrinho.

Hoje, 26, a nossa ração de pão foi reduzida a uma libra por semana, e por uma libra temos de pagar ao Supremo Concelho 4 *stuyvers*. Certamente é mui penoso á pobre burguezia ter de viver com duas onças de pão por dia. . Que farão —coitados!—os que têm a casa cheia de creanças? Não podemos comprehender o obstaculo ou a causa por que no espaço de 10 mezes, que tantos dura este cerco, nenhum ou poucos navios com viveres temos recebido da patria, ao passo que antes da guerra eramos abundantemente providos de viveres vindos da Hollanda, com os quaes podiamos prover todo o paiz. E' sem duvida triste dizer que os nossos compatriotas se tenham preoccupado tão pouco comnosco! Queira Deus que não nos succeda o que succedeu aos da Bahia em 1624, que tiveram de entregar a praça ao inimigo por falta

de viveres e forçados pela fome: a nossa frota foi soccorrel-os, mas quando chegou já era muito tarde. Comtudo a coragem da burguesia é tão extraordinaria que tudo iria bem aqui, si houvesse somente um pouco que comer. Nada obstante, morreremos antes com a espada em punho a entregarmo-nos ao inimigo, e temos ainda fé no Senhor Deus que nos ha de livrar em breve deste nosso grande apuro.

A 28 chegou um barco de Tamaracá com a noticia de haverem sido apprehendidos pelos Portuguezes 10 ou 12 dos nossos indios brazilienses, que haviam sahido para haver refrescos e viveres.

Nos degraos (da casa) do padre Ongenae achou-se uma carta que foi ahi posta por alguns maus sujeitos, dirigida ao nosso almirante, e aos officiaes da milicia e da burguesia etc., cheia de palavras sediciosas tendentes a provocar motim, contendo tambem ameaças. Isto deu logar ao Concelho Supremo mandar publicar um edital, onde se lê que quem descobrir o autor da carta, será recompensado com 600 florins, e se occultará o seu nome, e ao proprio autor se promette que, si arrepender-se e o declarar, será perdoado, e terá mais 300 florins como premio. Devem estas cartas ser de particular importancia; tanto quanto podemos saber, os soldados querem que se solte o tenente coronel Garsman ou pretendem havel-o á força. Sem duvida ha ahi grandes rodas que fazem mover o carro, e com o tempo os culpados bem poderão ser conhecidos e punidos.

A 30 João Vieira d'Allegro, portuguez, foi justiçado aqui no Recife: primeiramente foi decapitado e depois esquartejado. Suspenderam os quatro quartos fóra dos nossos fortes, de modo que os Portuguezes possam contemplal-os quando bem quizerem, e sirvam de exemplo a todos os traidores.

Tendo sahido dous dos nossos soldados do forte Principe Willem ou Afogados para apanhar

carangueijos e buscar lenha, foram apprehendidos por Portuguezes que estavam escondidos no mato junto ao forte. Levando os soldados, lhes disseram : « vocês ha muito não tomam uma fartadella, pois comam agora », e lhes deram carne, farinha e bananas, e mais uma moeda para beberem, deixando-os voltar ao forte, onde os soldados contaram a aventura. Mandou-se immediatamente um sargento com soldados para procurar os Portuguezes. Os nossos foram ao mesmo logar a ver si os encontravam, mas já eram partidos, e em um saco, que elles deixaram, acharam algumas cartas, que esta noite foram trazidas para aqui.

A 31 o Sr. Antonio Dames e os Srs. escabinos da cidade Mauricia fizeram uma visita geral tanto no Recife como nesta cidade para saber que viveres restam. Acharam mui poucos, de sorte que a nossa ultima esperança é uma sortida geral contra o inimigo a ver qual o resultado que o Senhor Deus nos queira conceder.

JUNHO DE 1646

No 1.° de Junho o inimigo apresentou-se na Boa Vista e deixou ficar uma carta sobre um pao, que um dos nossos sargentos e dous soldados foram buscar. Levaram-na aos Srs. Conselheiros.

A 3 voltaram os nossos cruzadores : viram no mar treze navios portuguezes. Para onde se dirigem dirá o tempo.

A 4 foi a toque de caixa annunciado um jejum geral e o dia das preces, que será quarta-feira.

A 5 a burguesia fez outra vez a guarda durante o dia. O navio *Omlandia*, tendo partido d'aqui para o Rio Grande, tomará de passagem os indios brazilienses e suas mulheres de Tamaracá e Parahyba para leval-os ao Rio Grande, porque aqui não ha mais viveres para lh'os dar, nem para alimentarnos, sendo impossivel persistir por mais tempo. Permitta Deus que não se verifique o que diz a carta

que no 1.º deste foi enviada para aqui — havermos de nos entregar aos Portuguezes, pois em dita carta elles nos intimaram a rendermo-nos em tres ou quatro dias, e si não o fizessemos, passado esse praso, não teriamos que esperar quartel: todos, até as creanças no berço, seriam trucidados e mortos. Os judeus, si quizerem ser christãos, terão quartel; senão tambem serão mortos. Taes são as rodomontadas com que nos ameaçam.

Tudo está aqui tão escasso e caro que é impossivel dizel-o: uma libra de bacalhao meio podre custa 12 *stuyvers*, 1 libra de peixe-páo 16, uma libra de farinha de trigo 56, um *kan* de farinha (de mandioca) idem, uma libra de amido (tapioca ?) 42, uma libra de manteiga 5 florins, o peixe fresco como d'antes, e tudo o mais nesta proporção. Em uma palavra, a penna não pode descrever bastante a nossa miseria.

A 6 guardou se o dia com um jejum geral, que será repetido todas as quartas-feiras até que chegue a frota.

A 7 o inimigo mandou um portuguez e um tambor com cartas. Os emissarios não passaram além das Cinco Pontas, visto como os Srs. Conselheiros não lhes quizeram dar audiencia, e assim tiveram de retirar-se com as cartas sem haverem feito cousa alguma.

A 8 foi decapitado aqui um cirurgião chamado mestre Christoffel que estava ao serviço da Companhia, e, quando o inimigo tomou Serinhãem, passou a servil-o, deixando sua mulher e quatro filhos naquelle logar. Foi apprehendido por tapuyas. Esta noite passou-se para o inimigo um judeu com sua mulher, chamado Manuel da Costa, por alcunha Principe da Parahyba.

A 10 de manhã o inimigo descobrio a emboscada em que desde hontem estava o capitão Claes: atirou-se fortemente de parte a parte, durando o fogo cerca de uma hora. O fortim de madeira, *kyck in de pot*, tambem atirou bastante contra os

Portuguezes, e sem duvida muitos dos *Speckjans* ficaram no campo. O capitão Claes recolheu se trazendo um negro que foi apresentado ao Supremo Concelho, e referio que chegára ao Pontal uma caravela vinda da ilha da Madeira para avisal-os de que a nossa frota passára por lá. Esta noite correu o boato de que a nossa frota ou alguns dos seus navios foram vistos entre a Parahyba e o Rio Grande. Permitta Deus que seja verdade

A' noite passaram-se para o inimigo sete dos nossos soldados, que lhe hão de ter communicado o nosso estado miseravel. Isto não ha de alegrar pouco o inimigo e animal-o a assaltar-nos, pois, como contou o negro, os Portuguezes fazem grandes preparativos de jangadas para nos atacarem antes que chegue a frota, e de todos os lados se reunem ; mas temos fé em Deus. Os soldados não tem razão de fugir, porque recebem boa ração para poderem passar Mais razão de queixa tem o pobre povo e a burguezia, visto como não recebem senão um pão de centeio de uma libra por semana. Julgue cada um si uma pessoa póde viver com isso ! Entretanto a burguezia deve vigiar e prestar serviço como os soldados, e tem feito tanto que, depois de Deus, é á burguezia que cabe a honra de se haver conservado esta praça.

Esta noite sahio uma companhia de negros e se poz de emboscada na ponte da Boa-Vista. De manhã escaramuçaram mais de uma hora com o inimigo que era em numero superior a 500 homens, e não ousou sahir do mato, d'onde atirava *á la volée*, sem alcançar nenhum dos nossos. Troou o nosso canhão de todos os lados contra o mato, de sorte que certamente ficaram muitos delles debaixo das folhas. Os nossos negros retiraram-se em boa ordem pela ponte e chegaram aqui a salvamento.

De 12 até 15 o inimigo não tem feito senão todas as noites dar-nos rebate com os seus tiros.

A 16 fugio para aqui um negro, e nos communicou que o inimigo pretendia dar um assalto. Isto não passa de uma bravata.

A 18 chegou um barco de Tamaracá. Trouxe-nos a noticia de haver uma numerosa tropa de Portuguezes assaltado aquelles arredores e a ilha, e queimado os tres barcos que alli estavam de guarda. Diz-se aqui que os fortes de Itamaracá serão arrasados, porque a falta de viveres não permitte conserval-os por mais tempo.

A 20 passou-se para o nosso lado um turco, que veio do Pontal em uma jangada. Avisou-nos que d'alli se tinham visto varios navios nossos vindos da patria. Permitta Deus que cheguem sem demora.

A 22 chegaram dous barcos do forte Orange com a tropa que estava em Tamaracá. Abandonaram-na por ordem do Supremo Concelho, tendo encravado a artilharia e abatido as trincheiras. Tanto que os nossos se retiraram, entrou Hoochstraten com onze companhias, e sem duvida elles fortificarão esse logar, e ahi se aninharão, de modo que a Companhia terá muito trabalho para rehavel-o. Os mesmos barcos nos trouxeram a noticia de que um artilheiro e um arcabuzeiro, mal satisfeitos com a ração, amotinaram se e fugiram para o inimigo. Um outro arcabuzeiro, que tambem pretendia passar-se para o inimigo, sendo agarrado e torturado, confessou que elle e mais um companheiro tinham combinado fazer com que os Portuguezes assaltassem um dos logares mais fracos, e haviam carregado as peças de modo que não causassem damno ao inimigo. Os dous arcabuzeires foram enforcados. O Sr. Bas irá para o forte quanto antes para providencir sobre tudo.

Chegaram tambem do Rio Grande quatro barcos com gado e provisão de farinha. Isto veio muitissimo a proposito, pois não sabiamos que fazer por falta de viveres.

O alferes Loo e muitos soldados foram presos.

Disse-se que o alferes queria fugir para o inimigo; mas como os soldados não sabiam qual era a intenção delle e não fizeram senão cumprir a sua ordem, foram soltos no mesmo dia.

Graças a Deus chegaram da patria o *Elisabeth* o *Vergulde Valck* de Amsterdam, navios da nossa frota. Ha oito semanas que partiram do Texel com mais 15 navios, dous dos quaes naufragaram alli mesmo. Soubemos que algumas semanas antes de largarem, 34 dos nossos navios já se tinham feito á vela de todas as camaras, e bem podia ser que tivessem ficado retidos na Inglaterra por causa de ventos contrarios e tempestades. Nesses dous navios chegaram duas companhias de soldados em numero de 200 homens pouco mais ou menos. Trouxeram grande quantidade de farinha e viveres. Não podemos assaz louvar e agradecer o Senhor Deus que, por sua grande misericordia, nos enviou este soccorro inesperado na extraordinaria e extrema miseria em que estavamos, permittindo que os ditos navios tivessem tão breve viagem, e que aquietemos um pouco esta nossa nossa grande fome Esperamos a frota brevemente. O Senhor queira preserval-a de accidentes e má fortuna para que chegue aqui a salvamento, e nos livremos deste apertado e penoso cerco. A vinda dos dous navios causa em todos alegria e regosijo. Esta noite os nossos navios e todos os fortes do Recife e cidade Mauricia deram uma salva de canhão e mosquetes.

Para commemorar o soccorro mandado pelos nossos, vão aqui os seguintes poucos versos, que servem para mostrar o estado em que estavam as nossas cousas, e para louvarmos e agradecermos o Senhor Deus por tão grande livramento:

« Exultemos e louvemos reconhecidamente o Senhor Deus que veio em nosso auxilio em tão grande aperto! Do alto dos ceos, do seu throno, elle contempla a miseria do seu povo oppresso,

para quem o cruel marrano preparava a morte,cujas fauces abertas—ai de nós—nos teriam devorado, si não fôra o auxilio de Deus. Pela fome, pela penuria de pão e de viveres, nós não sabiamos dar-nos a conselho, estavamos em extremos de morte, tinhamos a ultima ração, restavam somente quatro barris de farinha... Podia isto aproveitar a 8.000 (1) pessoas? Não se nos deparava nenhum auxilio humano, nenhuma esperança, nenhum meio de livrarmo-nos; sentiamo-nos submergir, estavamos exhaustos de forças. Não havia outro remedio senão com as nossas forças communs atacar o inimigo! O burguez, o soldado, estavam todos animados a derramar o seu sangue por Deus e pela Patria antes do que sujeiter se ao jugo servil do marrano; antes, mil vezes antes dispostos a morrer, e contentes com a morte, já que a marrana sucia não guarda as suas promessas! Quem delles se fia, bem cedo se arrepende. Que proveito pode provir das treguas com os *Specken*? Um inferno cheio de dores. Elles zombam do juramento. Soffshould ramos por algum tempo, certos de que a mão forte do Senhor ha de, em breve, cobril-os de vergonha, e fazer-lhes sentir a sua colera, os seus flagellos, e, como aconteceu a Caim expellido de cidade em cidade, vingará o sangue innocente abundantemente derramado, sangue que de continuo excita o céo a tomar vingança contra elles! Esperemos e confiemos somente em Deus que, por sua mercê, foi servido lançar as suas vistas sobre nós, que nos protege, que nos defende, o Senhor, nosso castello, nossa fortaleza! Em summa, graças e louvores ao Senhor por todo e sempre!»

A 23 chegou da Zelandia o navio *Regenboogh* com o capitão Oyens e uma companhia de soldados composta de 136 homens. Trouxe a noticia certa de que o navio *Zelandia* naufragára nas costas da Inglaterra; poucas pessoas escaparam, e

---

(1) «*mocht dat acht duysent zielen baten?*»

não se salvou fazenda alguma. Foi certamente um grande damno. O Senhor queira recompensar os interessados em um outro (navio ?)

Hoje fez-se á vela o Sr. Pieter Jansz. Bas, membro do Supremo Concelho, na galeota *Heesmsted*, para providenciar sobre o motim levantado no forte Orange e o mais. Todos os indios brazilienses, que estavam aqui nos fortes, foram enviados nesta data para o Rio Grande em um barco. Seguiram com elles os quatro capuchinhos apprehendidos na presa de que acima se fallou.

Chegou a caravela *Lichthard* do Rio Grande com gado e farinha.

A 24 chegou de Hollanda o hyate *Hagen en Veldt*, da camara da Zelandia com 84 soldados.

A 25 foi arcabuzado um sargento que prentendia fugir para o inimigo com alguns soldados, que elle corrompera. Os soldados, bem como o alferes van Loo (para quem já se tinha levantado o poste) foram perdoados por intercessão das principaes mulheres d'aqui. Van Loo foi, comtudo, privado do seu posto de alferes, e substituido por Balten Joppe.

Hoje aconteceu aqui um accidente infeliz: os soldados vindos no *Hagen en Veld*, passando por deante da casa do Sr. Bullestraten, deram uma salva, do que resultou morrer um delles.

Pelo dito hyate se confirmou a noticia da perda do *Zelandia*. Salvaram-se 40 pessoas, bem como o saco das cartas que foi devidamente entregue.

A 28 os nossos barcos avistaram no mar entre Olinda e Tamaracá o navio *Salamander*, que não pôde aportar por lhe serem contrarios o vento e a corrente. Nesse navio se acha o capitão Gerardt Schut com a sua companhia de 150 homens. Esperamos que chegue a cada momento com o primeiro vento favoravel.

A 29 o inimigo tomou uma das nossas lanchas que ia com viveres para o forte dos Afogados. Foram presos tres dos nossos e um morto. O capi-

tão Gheweldiger passou se do dito forte para o inimigo.

JULHO DE 1646

No 1.º de Julho chegou o *Salamander* da Zelandia com o capitão Schut e sua companhia. Esperamos soffregos os nossos outros navios.

A 2 chegou a fragata de *Sterre* da camara da Zelandia com 10 soldados. Tomou na altura de Porto Calvo uma caravela carregada de 350 caixas de assucar. Essa caravela, que foi trazida para aqui com 28 presos, procedia da Bahia e ia para Portugal com mais quatro. Estas perseguiram a nossa pequena fragata, que por isso correu grande perigo, mas foi soccorrida pela fragata *Hasewindt* que por alli cruzava. O *Hasewindt* chegou um pouco tarde para fazer uma boa presa, porque as caravelas seguiram o seu curso. Graças a Deus, é esta a desforra da nossa lancha tomada pelo inimigo a 2 deste no rio dos Afogados.

A 3 o inimigo matou dous soldados que pescavam junto ao *Kyck in de Pot.*

Chegou a fragata *Rhee de Vlissingen* com 63 soldados; 14 semanas de viagem.

A 4 destribuio-se aos burguezes ração dobrada de pão e mais um *kan* de hervilhas. Algumas pessoas, que estavam mui esfomeadas, comeram tão gulosamente das provisões trazidas pelos nossos navios, que adoeceram e morreram. A fome a nada attende.

A 5 partiram alguns barcos para o Rio Grande com a companhia do capitão Claes, Lamontangie e uma das que chegaram ultimamente. Reunir-se-hão com os nossos indios brazilienses e se fortificarão no engenho Cunhaú, para que, quando chegar a nossa frota, se ataque o inimigo pelo norte e pelo sul.

A 6 voltou o Sr. Bas de Tamaracá com a companhia do capitão Blaewen Haen e Coenraet Hilt.

O inimigo abandonou o monte de Tamaracá e a cidade Schoppen, levando seis peças de artilharia. Queimaram a casa do director que havia alli, e esbulharam tudo.

A 7 o capitão Claes sahio com uma força, e voltou a 8 sem ter encontrado o inimigo.

A 11 o nosso hyate *Arguin*, que andou cruzando no mar, recolheu-se a este porto. O navio *Souteland*, estando de guarda junto a bateria do lado de Olinda, carregado de assucar, foi a praia e despedaçou-se, porque uma forte corrente fez resvalar a ancora e partir-se a amarra; molharam-se mais de 200 caixas, o que é um grande damno, pois o assucar está dando agora um preço tão alto como nunca deu no Brazil, vendendo-se o branco a 51 e 52 escalinos a arroba, e o mascavado por um pouco menos. O navio *Swaen* correu tambem grande perigo: partio-se o seu cabo, e foi impellido contra o arrecife; mas, tendo disparado um tiro de peça, e sendo logo soccorrido pelos bateis não soffreu damno algum, graças a Deus.

A 12 chegou o navio *Loanda* com o Sr. van Goch, e a companhia do capitão Willem Hamel, composta de 120 homens.

A 15, domingo, desembarcou a dita companhia de 120 homens, estando alguns doentes de diarréa e de escorbuto, porque a viagem durou vinte semanas. O Sr. van Goch veio tambem indisposto para a terra e alojou-se provisoriamente na casa do Sr. Bullestraten. Deus permitta que a nossa frota chegue breve afim de que nos libertemos deste duradouro cerco.

Na noite de 16 fugiram para o inimigo 11 dos presos portuguezes na lancha do *Souteland*. Queixavam-se muito de que não se lhes dava a devida ração.

A 18 passaram por aqui cinco navios da carreira das Indias Orientaes, que nos enviaram uma carta, avisando nos que, 14 dias atraz, tinham fallado com 11 dos nossos navios, que vinham para

cá, na altura de 6º de latitude sept., a bordo dos quaes se achavam o Sr. Schoonenburg, o coronel Hinderson, e o vice-almirante Banckert. Assim os esperamos a cada momento.

A 19 sahio uma numerosa tropa para fazer damno ao inimigo, mas recolheu-se sem ter feito cousa alguma.

A 25 chegou de S. Thomé o navio *Groote Christoffel* carregado de assucar.

A 26 passou se para cá um negro do inimigo. Disse que os Portuguezes começavam a amedrontar-se com a vinda de nossa frota. Esperamos vel-a toda aqui em breve para então atacarmos o inimigo com bastante força.

A 27 passaram-se para o inimigo seis soldados da companhia do capitão Schats.

A 28 chegou um barco do Rio Grande com a noticia de que o navio *Wapen van Medenblick* descahira para lá, tendo a seu bordo o major Stackhouwer, soldados e viveres.

A 29 chegou o navio *Ringh* de Zelandia com 46 soldados, e a fragata *Arent* com 60; nove semanas de viagem.

A 30 passou-se para cá um negro do inimigo, e por elle soubemos somente que o inimigo mantinha boa guarda por toda a parte com receio de ser atacado pelos nossos.

A 31, terça-feira, chegaram da camara de Amsterdam os navios *Goude Leeuw* com o Sr. governador Sigismundus van Schoppen, o *Blaewen Haen* com o Sr. conselheiro supremo Abraham Trouwers, e o *Graeff Enno* com 700 soldados pouco mais ou menos.

AGOSTO DE 1646

No 1.º de Agosto desembarcaram o governador Schop e o Sr. Trouwers, que foram acolhidos com grande alegria. O canhão do Recife, da cidade Mauricia e fortes salvou com tres descargas;

duas companhias de soldados e duas de burguezes estavam em armas para recebel-os. Agora esperamos de Deus que em breve liberte este logar, e lance o terror no coração dos traidores portuguezes.

Hoje tornamos a ver as duas velas que tinhamos visto a 31, e que se suppõe ser uma o navio *Middelburgh*, e a outra uma vela franceza; descahiram muito para baixo Deus queira trazel-as ao porto a salvamento.

A 2 chegou da Costa do Ouro o navio *Haerlem* trazendo 1.600 marcos de ouro, e 15.000 libras de dentes de elephante.

Na noite de 4 o sr. governador sahio d'aqui com 500 ou 600 homens (arcabuzeiros e mosqueteiros), e emboscando se entre este logar e Olinda, prendeu alguns negros para haver noticias; os Portuguezes se achavam do outro lado, e suppondo que, como dizem, estavam *á mão framengos* (1), passaram o rio, e eram chegados ao meio deste, quando os nossos fizeram fogo (o que foi um pouco cedo); o inimigo respondeu. e nisto o capitão Hilt, sahindo da emboscada, atirou tão vivamente contra *Speckjan*, que muitos delles cahiram n'agua sem terem tempo de dispor sobre o numero das missas que devem ser cantadas para salvar as suas almas damnadas do purgatorio. O governador foi ferido em uma perna, mas o ferimento não é perigoso. Voltou de manhã com a tropa. A ferida é pequena, pois hoje mesmo elle sahio.

A 7 o capitão Claes sahio com a sua companhia e uma de negros para fazer mal ao inimigo. O governador e os Srs. Conselheiros foram visitar os fortes Principe Hendrick e Principe Willem. Chegou o navio *Goude Son* da Camara da Zelandia com 200 soldados, tendo feito a sua viagem em 19 semanas.

A 8 chegou o navio *Wapen van Dorth* com o

---

(1) «*ha a mão de framengos.*»

Conselheiro Supremo da Camara do Mosa e 150 soldados ; viagem de 23 semanas. Hoje partio para as Indias Occidentaes a fragata *Rhee.* A' noite sahiram 800 ou 900 homens para fazer mal ao inimigo.

A 9 de manhã passaram o rio na Boa Vista 30 homens (dos nossos). e, tanto que a passaram, vieram os Portuguezes escaramuçar com elles, o que podiamos ver perfeitamente das muralhas. O nosso canhão fez fogo. Engrossando o inimigo,os nossos tiveram de retirar-se. Tivemos tres feridos ; não,podemos saber quantos o inimigo perdeu. Esta noite voltou a nossa tropa sem ter feito nada ; sahio logo uma outra.

A 10 sahio ainda outra força ; mas ambas voltaram sem ter feito cousa alguma.

Na noite de 11 o Sr. presidente Schonenburgh e o Conselheiro Supremo Hendrik Haecx foram re cebidos mui solemnemente. Toda a burguesia e soldados estavam em armas, e, depois de haver dado tres descargas o canhão de todos os logares, os burgueses e soldados tambem salvaram por tres vezes, de modo que parecia estar tudo ardendo em fogo.. Julgue cada qual o que cuidará *Speck-Jan*, ouvindo isto. Esperamos que, com o favor de Deus, iremos visital-o em breve, e pol-os no mesmo aperto em que elles nos puzeram a nós.

Na noite de 12. domingo, o governador Schop sahio com 1000 ou 1100 homens, e o almirante com 300 marinheiros e 6 peças para a Barreta ; chegando ahi, não encontraram ninguem, pois o inimigo retirou-se para a casa de Cavalcante. Incontinente e diligentemente começou-se a levantar um forte que terá nove pontas.

A' noite o capitão do *Swaen* foi morto na Barreta por uma sentinella, porque, indo aquelle capitão e mais duas pessoas para traz do exercito, e tendo a sentinella gritado duas vezes « quem vem lá », sem receber resposta, fez fogo e matou o dito capitão.

A 13 o governador seguio com 300 homens para a casa de Cavalcante, e travou-se ahi uma escaramuça. Dos inimigos foram alguns feridos, e vio-se cahirem cinco ou seis; nós tivemos alguns feridos e um morto.

A 15 fomos ter á Casa do Leite nas Corcuranas e no engenho S. Bartholomeu, onde foi apprehendido em seu leito Fernando do Vale, senhor do mesmo engenho, e mais nove Portuguezes, e conduzidos para aqui.

A 17 poz-se em estado de defeza o forte da Barreta, a que se deu o nome de *Schoonburgh*, por chamar-se assim o Sr. general. A guarnição é de 200 homens, tendo por commandante o capitão Blauwen Haen.

A 18 foram enviados para casa com passaportes cinco dos Portuguezes presos. O tempo mostrará o pago que elles darão. As quatro horas de 19 o Sr. Abraham Trouwers, membro do Supremo Concelho, depois de quatro ou cinco dias de enfermidade, rendeu a alma ao Senhor.

A 21 deu-se sepulture mui solemnemente ao cadaver do dito conselheiro na egreja do Recife; os burguezés e os soldados em numero de 400 homens acompanharam-no até a egreja e deram tres salvas de mosquetes.

A 24 chegou um barco da Parahyba com a noticia de haverem os Portuguezes abandonado a cidade, retirando-se para a Varzea, depois de queimarem e destruirem os engenhos.

Chegou um barco da ilha de Fernando com milho e gallinhas

SETEMBRO DE 1646

No 1.º deste chegou o navio *Wapen van Delft* com 105 soldados e viveres; viagem de seis mezes.

A 6 vieram dous Portuguezes e um corneta do

inimigo, e foram despedidos sem terem feito cousa alguma.

A 7 chegou o navio *Mauritius* de Amsterdam com 150 homens. Partio de lá a 30 de Maio. Hoje o tenente Willem Robberts voltou de Barra Grande, onde saqueou algumas casas; trouxe presos alguns Portuguezes. Seis dias antes estivera alli Hoochstraten.

Hoje, 8, foi agarrado um soldado, e apoleados dous, que queriam fugir para o inimigo.

A 10 passou-se, fora do Recife, revista de mostra ás nove companhias de burguezes e verificou-se que se compõem de 700 homens. O Sr. Beaumon, Conselheiro Supremo, fez um discurso, agradecendo summamente á burguezia os seus bons e leaes serviços á Companhia, e pedindo-lhe que continuasse a prestal-os. A' noite sahio o governador com 700 ou 800 homens para a Barreta. Vae sem duvida desaninhar os Portuguezes, do que bem depressa teremos novas.

Ao romper do dia 11 os nossos encontraram-se com os Portuguezes nos Coqueiros, que ficam a tres leguas d'aqui, seguindo-se uma renhida refrega. Estavamos na praia a descoberto, e o inimigo vantajosamente postado no mato, d'onde fazia um vivo fogo; pretendia cercar-nos, mas o governador, que estava um pouco atraz com tres companhias, soccorreu os nossos, e atirou de tal modo contra os Portuguezes, que elles tiveram de retirar-se para o mato. Tivemos 26 mortos e 94 feridos. Certamente não ficaram menos dos inimigos.

A 13 chegou o navio *Wapen* de Medenblick, que estava no Rio Grande.

A 14 chegou o *Vere*, um dos navios de guerra dos Estados, com o coronel Hinderson

A 17 publicou-se aqui um perdão geral a todos os Portuguezes, com excepção apenas de Dirck van Hoochstraten, Gaspar van der Ley e Albert Gerritz. Wedda. Aqui acredita-se que elles farão

pouco caso, e que portanto o perdão produzirá pouco effeito.

A 18 o governador Schop partio para Goyana com as companhias do capitão Claes e do capitão Kill.

A 19 os navios *Swaen* e *Ringh* partiram para a patria. Deus lhes dê boa viagem.

A 25 passaram-se para cá tres Portuguezes. Queixavam-se muito de que havia entre elles grande falta de tudo, e disseram que já começavam a amotinar-se, e que João Fernandes Vieira não ousava sahir de sua casa com receio de ser morto, porque lançam-lhe a culpa de todos estas desgraças. Affirmaram tambem que mais de 600 Portuguezes passar-se-hiam voluntariamente, e não o fazem, porque não podem por causa da boa guarda, sendo que elles mesmos correram grande perigo de vida para chegarem aqui.

A 27 o capitão tenente Breensma sahio d'aqui com 50 homens para os Afogados e encontrou o inimigo. Os Portuguezes eram em numero superior a 600 homens, e cinco dias havia que estavam de emboscada.

Os nossos, tendo passado a segunda ponte, foram cercados, e de parte a parte atirou-se fortemente; mas, como os nossos eram muito poucos contra tantos, tiveram de retirar-se com perda de doze mortos e quatro presos, sendo feridos onze. O canhão das Cinco Pontas e dos Afogados atirou contra os Portuguezes, pelo que é de suppor que não sahiram incolumes.

A 29 passaram-se para cá dous negros. Disseram que no ultimo encontro morreram dos Portuguezes cinco entre capitães e officiaes e quatorze soldados, e muitos foram feridos, de sorte que *Speckjan* não o levou ás mãos lavadas.

OUTUBRO DE 1646

A 10 de Outubro passaram-se para o nosso lado dous Portuguezes com todas as suas armas. Dizem o mesmo que os outros disseram: os soldados da Bahia se amotinaram por terem permanecido aqui por tanto tempo, e já andaram ás vias de facto com os moradores, seguindo-se d'ahi ferimentos e mortes; entre elles ha grande falta de tudo, não só dos viveres necessarios como de roupa. Deus permitta que seja verdade; desejára eu que já se tivessem ido embora.

A 12 foram enforcados quatro soldados, e um apoleado, o qual pretendia fugir para o inimigo.

A 18 chegou o hyate *Enckhuys* de S. Thomé com a noticia de que tudo ia alli bem.

A 19 chegou o navio *Noordt Hollant* com 60 soldados; viagem de 18 semanas.

A 24 partio a nossa frota sob a direcção do coronel Hinderson e do almirante Lichthard, indo por commissario geral Paulo Antony Dames. Compõe-se de 13 navios entre grandes e pequenos, e leva 10 companhias de soldados e 3 de indios brazilienses, fazendo o numero de 1.200 a 1.300 homens, além dos marinheiros, e tudo bem provido. Diz-se geralmente que têm a mira no rio de S. Francisco; o que fôr soará. Os nomes dos navios são estes:

Graef Enno, almiranta de Amsterdam.
Loande de S. Paulo, vice-almiranta da Zelandia.
Wapen van Dorth, sota-almiranta de Dorth.
Blauwen Haen, de Amsterdam.
O hyate *Argyn*, de Midelburgo.
O hyate *Sterre*, de Midelburgo.
Duas grandes lanchas.
Amstel (?)
Slooterdyck.
Quatro barcos.
A caravela *Recife*.

NOVEMBRO DE 1646

A 2 deste chegou o *Trou* de Amsterdam com viveres e uma companhia de 105 homens; víagem de 9 semanas.

A 3 chegou o navio *Melckmeyt* da camara de Amsterdam com 102 soldados; viagem de 23 semanas. Chegou tambem o navio *Principe Hendrick* de Groninga com viveres e 19 soldados; 13 semanas de viagem.

A 4 chegou o navio *Brouwer* de Amsterdam com a companhia do capitão Koin, composta de 104 homens; 12 semanas de viagem.

A 5 chegou o navio de *Liefde* do Mosa com 105 homens.

A 6 o *Hout-thuyn* de Groninga com o capitão Latteringen e sua companhia de 124 homens; 18 semanas de viagem.

A 12 o *commandeur* Banckert chegou da Parahyba com os navios *Ter Vere*, *Middelburgh*, *Nieu* e *Out Vlissingen*, navios de guerra dos Estados. Da Parahyba escreveram que os Portuguezes destruiram todos os engenhos, e enterraram as caldeiras; mas as plantações de mandioca, fumo e fructos estão mui bonitas, de modo que agora podemos ser providos, graças a Deus, de toda a sorte de refrescos, o que será um grande allivio tanto para os doentes como para os sãos.

A 16 chegou do rio de S. Francisco a fragata *Sterre* mandada pelo coronel Hinderson, e por ella soubemos que a frota chegára a salvamento no fim do mez passado em Cururipe, que fica nove leguas ao norte daquelle rio, e cerca de 60 d'aqui; desembarcaram e seguiram para o forte sem encontrar ninguem. Tendo Hoochstraten abandonado a sua obra ou fortaleza começada, e levado as peças, retirou-se, segundo se suppõe, para o Bahia. Os nossos encontraram uma grande casa cheia de fumo e farinha, que era o armazem do

inimigo. Os moradores retiraram-se para uma ilha sita a duas leguas do forte. Foram enviadas para lá duas lanchas bem montadas e com bandeira branca na popa, a ver si os nossos podiam entender-se com os Portuguezes, o que não aconteceu. Posteriormente os Portuguezes enviaram por uma mulher velha cartas ao coronel Hinderson, cujo conteudo não se sabe; tres ou quatro Portuguezes já receberam passaportes.

A 18 soubemos que 1,300 homens do inimigo abalaram da Varzea para o rio de S. Francisco.

A 19 a fragata *Sterre* tornou a partir para o rio de S. Francisco.

A 22 duas das nossas companhias escaramuçaram galhardamente com o inimigo nos Afogados. Atacaram fortemente os nossos até o alcance do canhão do forte, e este os saudou de modo que das suas tres companhias mais de 18 homens ficaram mortos. afora os muitos feridos que levaram ao retirar-se. Graças 'a Deus, não tivemos mortos nem feridos.

A 23 passou-se para cá um indio braziliense com sua mulher. Confirma o que acima dissemos, por ter estado presente na refrega. Disse tambem que por semana se dá aos soldados a ração de duas libras de carne e tres *kannen* de farinha, e mais nada, e que soffrem grande carencia de tudo, o que é bem de crer, porque ha mais de 18 mezes que nada tem recebido do Recife. Quem sabe quanto os Portuguezes consumiam em tempo de paz, se ha de admirar (de que tenham podido passar), porque muitos milhares de pessoas moram no interior. Da Bahia podem ser escassamente providos, porque temem muitissimo os nossos navios que desde o começo da guerra tem feito tão boas presas, e as trazem para aqui.

A 24 o governador Sr. Mare partio d'aqui com 30 homens ; parece que vae para o sul fazer algumas observações.

A 29 voltou, mas não se pode saber ao certo o

que pretende, pois é negocio secreto. O que se sabe é que os Portuguezes tornaram a levantar o forte Gysselingh e mais um outro ao pé da fonte da egreja de N. S. de Nazareth, e fortificaram muito a parte superior do monte com uma bateria do lado do mar, de modo que, para rehaver-se o Cabo, muitas vidas se ha de perder.

Um dos nossos hyates, vindos de Angola, tomou em caminho um navio portuguez com 70 homens, e o trouxe até defronte deste porto. Como os nossos eram poucos, não puderam metter gente na presa para guardal-a, e o meio que tiveram para reter o dito navio, foi provel-o de viveres somente para tres dias, e assim forçaram os Portuguezes a conservar-se em sua companhia. Vendo porém elles que o ensejo era favoravel, cortaram á noite as amarras e fugiram. Foram perseguidos, e deram na praia em um logar perto d'aqui chamado Candelaria, salvando-se os Portuguezes em terra.

Pelos ultimos transfugas soubemos que os Portuguezes passaram revista de mostra, e verificaram que existem 8.000 homens, além dos que trabalham nos engenhos e plantações que não entram neste numero; podem pois reunir uma grande força. Esperamos que por penuria e por castigo de Deus não poderão manter-se por outro tanto tempo, e que o Senhor Deus nos deixará alcançar um bom exito nesta penosa guerra para honra e gloria sua, e salvação das nossas almas. **Amen.**

DEZEMBRO DE 1646

No 1º deste chegou um barco do rio de S. Francisco, trazendo uma não pequena quantidade de fumo que foi apprehendida lá pelos nossos. Trabalhava-se diligentemente no forte; o inimigo não foi visto, mas é certo que não nos deixará em paz por muito tempo; ha de procurar-nos, como o tempo mostrará.

A 5 partio para a patria o *Goude Son* da Zelandia. Deus lhe dê boa viagem.

A 7 tivemos noticia de Tamaracá. Soubemos que, tendo sahido uma partida dos nossos para haver lenha e agua no mato, foram atacados pelos Portuguezes que alli estavam de emboscada, do que resultou perdermos 7 dos nossos. Isto acontece muitas vezes, porque os Portuguezes moram nos matos, como lobishomens, e os nossos, sendo apanhados desprevenidos, raramente escapam ás suas garras.

Na manhã de 9 chegou do Rio de S. Francisco a fragata *Sterre* com o cadaver do nosso almirante João Cornelis Lichthart, que morreu repentinamente a 18 de Novembro, estando em seu hyate n'aquelle rio. Em a mesma hora esteve bom e morreu. Esta noticia causou aqui uma grande tristesa em todos, grandes e pequenos, porquanto elle era muito estimado por suas excellentes qualidades, e mui temido do inimigo. Este não ha de folgar pouco com o passamento do almirante, pois temia-o como se teme a morte.

A 12 foi o almirante enterrado mui solemnemente no Recife, desfilando duas companhias de burguezes e duas de soldados deante do corpo, e sendo este acompanhado pelos Senhores Conselheiros e todos os burguezes. Salvaram todos os navios. A morte deste heroe é sem duvida uma perda irreparavel para todos os que habitamos no Brazil.

A 15 a fragata *Sterre* partio para o rio de S. Francisco, onde está o nosso exercito. Levou um barco com munições e provisões.

A 19 chegou um barco do mesmo rio trazendo a noticia de ter-se ateado alli um grando incendio por accidente. Quasi todas as cabanas se queimaram, e perdeu-se muita fazenda.

A 21 o Sr. governador Schop e o Sr. Mare sahiram com 400 ou 500 homens Muitos dizem que vão para Iguarassú, onde fará juncção com elles o.

Sr. Stackhouwer acompanhado dos seus soldados e indios. Bem pode ser que succeda alguma cousa notavel, o que o tempo dirá.

Uma certa pessoa, que ha 16 mezes foi apprehendida pelo inimigo no Rio Grande, ia ser enviada para a Bahia, mas fugio-lhe e passou-se para os nossos em Cururipe. Como essa pessoa tinha estado por muito tempo entre elles, nos revelou muitas particularidades, e nomeadamente que alguns dos grandes senhores portuguezes foram presos por ordem de João Fernandes Vieira, visto como eram accusados de ter conhecimento do recente attentado contra a sua pessoa, e tambem de entreter correspondencia comnosco; Manoel Cavalcante, um dos principaes rebeldes, anda fugido nos matos com uma porção de moradores e soldados da Bahia; João Pessoa (Pesoe) e Cosmo de Crasto, ambos senhores de engenho, foram condemnados a pagar, cada um d'elles, a multa de 200 coroas, e tres vezes por semana devem apresentar-se no Real do Bom Jesus; os mais ainda estão presos. Graças a Deus por ter lançado a discordia e a desconfiança entre esses chefes cerberos, do que esperamos com o tempo tirar bons fructos em proveito deste paiz. Sentem falta de muitas cousas, o que não causa pequeno descontentamento entre elles.

A 23 partio d'aqui para Rochela o navio *Goude Leeuw*.

A 24 partio uma força de 85 homens com o Sr. Mare para ir ter com o governador.

A 27 partiram dous barcos para a ilha Fernando, levando tres mulheres banidas deste paiz.

A 29 o Sr. Lucas Pennevart, mouro, que esteve muito tempo entre os Portuguezes, e foi preposto (*factor*) de João Fernandes Vieira, veio ter comnosco. D'elle souberam os nobres e poderosos Senhores (do Concelho Supremo) varias particularidades acerca do inimigo, mas as declarações ficaram secretas.

Encerro este anno para começar o novo, no qual pedimos ao Todo Poderoso que nos dê melhor fortuna, nos proteja e nos livre das mãos dos nossos inimigos para gloria do seu nome. Amen.

TERCEIRA PARTE

JANEIRO DE 1647

A 2 de Janeiro chegou o navio *Timmerman* da Camara de Amsterdam com uma companhia de 125 homens; nove semanas de viagem. Trouxe-nos a noticia de haverem os Francezes tomado a praça forte de Dunkerke. O Sr. Schop voltou sem haver feito cousa alguma, porque o inimigo foi avisado de sua excursão a Iguarassú, de modo que não tiveram os nossos ensejo de atacal-os.

Chegou do rio de S. Francisco um barco, trazendo-nos a seguinte triste noticia extrahida de uma carta escripta naquelle forte a 30 de Dezembro ultimo. « A 27 de Dezembro sahiram d'aqui cinco companhias de brancos e uma de indios para irem ter a um curral de gado, que fica a seis legoas deste logar. Commandava a tropa o capitão Lambert, aliás La Montangie ; conduziam a vanguarda os capitães Kiliam e Gysselingh, que por duas vezes já tinham afugentado o inimigo, matando e apprehendendo a muitos delle. La Montangie, em vez de secundar, como devia, os ditos capitães, tomou um outro caminho atravessando o rio, e quando se achava no outro lado, foi cercado por deante e por detraz, de modo que não podia retirar-se. Os tapuyas deram sobre os nossos, que fugiam largando as armas, e assim a maior parte chegou ao forte sem armas, e até sem espadas ; o coronel Hinderson os quiz castigar pela covardia de abandonarem tão vergonhosamente os seus officiaes, mas foram perdoados por intercessão dos principaes officiaes e em attenção a serem moços. Os

alferes La Fleur, Cornelis van der Voorde e Thomaz Rames salvaram a sua honra, e, como bravos militares, recolheram-se com uma porção dos nossos. Esta derrota é lançada á conta do commandante La Montangie que a occasionou em razão da má ordem que deu. O maior mal, que soffreram os nossos soldados, foi feito pelos Tapuyas, que matavam os fugitivos. Pela maior parte morreram os officiaes das cinco companhias, a saber:

Mortos: os capitães Killiam Snyder, Gerrit Schut, Koin, La Montangie; os tenentes Jeronymus Helleman, Bailjaert de Flessinga, Cornaus de Haya e o alferes Middelburgh de Swol.

Foi preso o capitão Gysselingh.

Dos soldados perdemos os seguintes, cuja falta se verificou na revista: da companhia do capitão Schut, 19; de Koin, 34; de Killiam, 14; de Gysselingh, 22; de La Montangie, 14; indios brazilienses, 2; officiaes, 9; ao todo, 114 homens

Jan Jansz. van Yssendyck, tenente de Gysselingh, e Adriaen Mebus, alferes do capitão Schut, largaram em caminho as armas; e por isso a 29 de Dezembro as armas lhes foram quebradas aos pés, e elles condemnados, como desleaes, a voltar para Hollanda. Temos seguramente 1.300 homens, mas não ousamos afastar-nos d'aqui meia hora de viagem, porque o inimigo anda em grande numero por estes arredores. A perda de officiaes e soldados tão bravos causou aqui não pequena perturbação. Seja Deus servido vir em nosso auxilio. Trabalha-se diligentemente no forte.»

9.—Como o inimigo nos levou vantagem no referido rencontro, os nobres e poderosos Senhores do Supremo Concelho mandaram nesta data affixar editaes por toda a parte, ordenando que todos os moradores que se acham sob o seu dominio e obediencia na Parahyba, no forte de S. André e logares visinhos, se recolham ás nossas fortalezas, visto como os ditos senhores retirarão as guarnições que alli estão para empregal-as alhures. E'

pois de suppor que se juntará a maior parte das nossas forças a ver si alcançamos alguma victoria sobre o inimigo, ou seja nestas cercanias ou na Bahia, esperando a protecção de Deus, pois querer obter vantagens sobre o inimigo por meio de pequenas tropas é fazer o que faz o mosquito: voar em torno do fogo e queimar-se.

A 11 o inimigo veio fazer uma galharda bravata deante do forte dos Afogados denominado Principe Willem. A artilharia o saudou de modo que elle bem depressa se retirou.

A 12 chegou da Parahyba o barco de Pieter Claesz., e trouxe nos a noticia de que algumas tropas portuguezas chegaram alli, depois de partirem as guarnições que estavam na Parahyba e no forte S. André, e apprehenderam varios dos nossos, entre outros a um mercador chamado Adam Bartels, bem como mataram algumas pessoas que ficaram em suas plantações contra a ordem dos nobres e poderosos Senhores. Assim os nossos não podem sahir sem grande perigo dos fortes que ainda occupamos na Parahyba, pois aventuram-se a ser mortos ou presos.

João Fernandes fez espalhar aqui varios boatos por meio de suas creaturas,—elle tem muitas (Deus o sabe)—para nos incutir terror; mas não lhes damos muita importancia, visto como confiamos em Deus. Por esse motivo foi presa uma mulata que ousou dizer abertamente que dentro de dez dias o Recife se banharia em sangue, e que seria feliz quem estivesse com João Fernandes; foi intimada para explicar o que ha de succeder; ao meu ver, isto será tomado por um palanfrorio de mulher.

A 18 chegou o major Jacob Stackhouwer com a gente que se achava na Parahyba e S. André.

A 21 o inimigo chegou á noite deante da Barreta, e incontinente levantou duas baterias, d'onde a 22 de manhã fez vivo fogo contra o forte denominado Schoonenburgh. A segunda bateria foi le-

vantada ao longo da praia para impedir que o forte receba soccorro. De manhã vimos e ouvimos o fogo, e immediatamente o governador Schop mandou para lá cinco companhias de soldados pelos parceis afim de reforçarem os nossos, porque as ditas companhias não podiam seguir pela ilha da Palha que o inimigo occupava.

Esta noite sahio d'aqui uma companhia de arcabuzeiros, tomando o caminho de Olinda, mas recolheu-se de manhã sem ter feito cousa alguma.

A 23 de manhãzinha ouvimos o vivo fogo da Barreta; algumas horas depois restabeleceu-se o silencio, e logo veio gente nossa da Barreta com a noticia de se haverem retirado os Portuguezes levando a sua artilharia, em grande parte por causa dos tiros dos nossos hyates, que os flanqueavam junto aos parceis (arrecifes), e tal fogo fizeram contra elles que, sem duvida, morreram muitos. Dos nossos ha quatorze entre mortos e feridos.

A 28 partio d'aqui o Sr. Schop com 700 homens em sete velas, entre navios e fragatas, para o rio de S. Francisco. Na vespera haviam partido 400 indios. Certamente pretende-se levar a effeito algum commettimento, o que o tempo mostrará.

FEVEREIRO DE 1647

A 7 chegou um barco do rio de S. Francisco, trazendo um Portuguez que passára alli para o nosso lado. Declarou elle que ha apenas dous mezes que partira de Portugal, onde fallava-se muito em uma frota hollandeza que tinha de vir para cá com 6.000 ou 7.000 homens, e disso foram avisados os da Bahia para estarem de sobre aviso Começa pois a lavrar o medo entre elles. O mais que disse o Portuguez ficou secreto.

A 12, terça-feira, chegou da Hollanda pelas 8 horas da manhã o navio *Hoppesack* com o coronel Henrique van Hous e 30 soldados; sete e meia se-

manas de viagem. Sahio com mais tres navios que esperamos a cada hora.

Hoje 24 negros e negras com seus meninos passaram-se para a Barreta: fugiram ao inimigo que pretendia mandal-os para a Bahia. Dizem que virão outros.

O assucar está agora muito caro aqui: mal se pode haver por um florim uma libra de assucar ruim; si continuar assim, havemos de fazel-o vir da patria.

Do rio de S. Francisco chegaram dous barcos com o fiscal Tapper. Trouxe a noticia de que o tenente La Fleur sahira para haver novas dos Portuguezes; estes, que estavam de emboscada, o assaltaram e mataram, não voltando ninguem.

A 17 os nobres e poderosos Senhores do Supremo Concelho enviaram ao inimigo os portuguezes Gaspar Ferreira e um filho, que estavam presos aqui ha 18 mezes. Com que fim o fizeram mostrará o tempo, bem como os fructos que provirão da bondade dos nossos superiores para com elles.

Por um barco que veio do rio de S. Francisco soubemos que a nossa frota partira d'alli a 4 deste sob o mando do conselheiro supremo Simon van Beaumont, commandando a milicia o Sr. Sigismundos van Schop. Dirigiram-se para o sul com cerca de 3.000 homens entre soldados, indios e marinheiros. Aqui se tem por certo que o objectivo é a Bahia; o resultado esperamos saber em breve, e seja servido o Senhor Deus de favorecel-o com a sua divina protecção. No rio de S. Francisco ficou somente o Sr. coronel Hinderson com 500 ou 600 homens, entre indios e soldados.

A 27 e 28 chegaram os navios *Prins* e *Blauwen Boer* de Amsterdam com 105 soldados; dez semanas de viagem. Trouxeram tambem viveres, e a noticia de estar livre e franco o commercio, o que aqui ha de ser mal recebido.

MARCO DE 1641

No 1º deste partiram o navio *Goude Leeuw* para a patria e o *Timmerman* para Rochela. Deus lhes dê boa viagem.

A 2 passaram-se para o nosso lado alguns negros dos Portuguezes. Trouxeram a noticia de que o melhor das forças do inimigo seguira para o sul. Tivemos tambem uma triste noticia a respeito de um dos nossos barcos, que, vindo do Rio Grande, naufragou nas aguas da Parahyba com onze pessoas e algum gado. Entre outros morreram o tenente Gabriel de S. Marie, o mercador Reynier de Leeuwen e a mulher do capitão Prevoos.

Passou-se para o nosso lado João de Candia, grego de nascimento e experimentado barqueiro, o qual servio contra a sua vontade o inimigo por muito tempo. Trouxe um barco.

A 9 uma tropa inimiga foi á Barreta. Pretendiam sorprender a sentinella que estava da parte de fóra, mas a sentinella presentio-os e matou a um mulato; vendo que estavam descobertos, os mais retiraram-se.

A 10 chegou um dos nossos hyates que cruzava deante do Pontal. Trouxe quatro dos nossos que estavam alli presos, os quaes fugiram em jangadas para o dito hyate. Disseram que os Portuguezes soffrem grande falta de tudo, e que Hoochstraten estivera na Bahia, mas já voltou.

A 12 o inimigo apprehendeu seis dos nossos junto ao forte dos Afogados. No mesmo dia passou-se para cá um mulato dos Portuguezes, e, depois de interrogado pelos membros do Supremo Concelho, foi logo recolhido a bordo, de modo que o povo ignora quaes foram as suas declarações.

A 14 chegaram os navios *Zael* e *Vergulde Valck* com 20 soldados e seis semanas de viagem.

A 16 chegou a fragata *Meermine* de Flessinga

com seis semanas de viagem. Trouxe a noticia de que na Hollanda fallava-se muito de paz entre os Estados Geraes e o rei de Hespanha ; e que outras fragatas viriam para cá afim de crusar nestas costas, o que esperamos vivamente.

Chegou do rio de S. Francisco o hyate *Sterre* com a noticia de que 4.000 homens do inimigo pouco mais ou menos cercaram uma casa denominada de *Brugge*, que 50 ou 60 dos nossos occupavam sob o mando do tenente van Westerwout. Os nossos não podiam resistir a uma tal força ; trataram pois com o inimigo sahir em liberdade e por accordo, mas tão depressa sahiram, foram desarmados e mortos, menos dous ou tres indios que com a corda no pescoço conseguiram admiravelmente chegar ao nosso forte; e por elles soubemos a façanha do cruel marrano. O commandante salvou a vida. O coronel Hinderson esforçou se muito por soccorrel-os : tendo sahido o capitão Chain Fleury com uma partida para reconhecer o inimigo, e adiantando-se um pouco, foi immediatamente cercado pelos Portuguezes, de modo que não havia sahida nem meio de salvarem-se, pelo que tiveram de bater-se ; o coronel Hinderson, que seguia as pisadas dos nossos, vendo o estado das cousas, e não tendo comsigo mais de 300 homens que não podiam romper a decima parte das forças inimigas, retirou se para o forte, e, si não o fizera, teria soffrido o mesmo desastre da sua vanguarda, visto como lá ficaram o capitão Chain Fleury, 40 soldados e 60 indios. Foi uma grande perda, porque, tendo-se o inimigo apossado desse logar forte, ficaram os nossos tolhidos de ir buscar gado. A referida casa dista somente meia legua do forte, e tem junto um curral, onde cerca de 1.000 cabeças se recolhiam todas as noites, o que era um grande soccorro para o nosso exercito. Poisque agora as perdemos, o rio de S. Francisco não é mais do que uma esteril charneca e um cancro para a Companhia, e necessariamente deve ser

abandonado e retirar-se a gente para logares de vantagem.

A 18 chegou o navio *S. João* com cerca de 40 homens ; doze semanas de viagem.

A 20 chegou o navio *t'Huys van Breda*, expedido pelo governador Schop para nos trazer a noticia de que a... (em branco) o nosso exercito desembarcára em Tapicurá (Taparica), ilha que fica a tres leguas da Bahia. Avisado da vinda dos nossos, o inimigo retirou-se com cerca de 700 homens escolhidos dentre os seus para um monte que existe em dita ilha, e começou a levantar ahi um forte para o fim de nos expellir della. O Sr. governador, vendo isto, reunio os officiaes superiores e inferiores, bem como os soldados, e lhes fez sentir a imperiosa necessidade de atacarem com a maior diligencia o inimigo, antes que elle puzesse em estado de defeza a sua fortificação, porque, desde que o inimigo o fizesse, não se poderia mais obter na ilha algum proveito ou vantagem, e consequentemente o nosso exercito seria forçado a abandonal-a com damno da Companhia e grande quebra da reputação de todos ; e tendo assim o governador animado e excitado os officiaes e soldados com excellentes razões, foi resolvido atacar-se o inimigo com todas as forças, e em seguida o atacaram, achando-se todos bem dispostos e revestidos de grande coragem. Os contrarios resistiram por muito tempo ; bateram-se de parte a parte bravamente ; mas os nossos, tomando novo animo, os atacaram tão galhardamente com uma forte descarga que os Portuguezes deitaram a fugir precipitada e desordenadamente. No logar occupado pelo inimigo encontramos 140 a 150 mortos, e os feridos não foram em numero menor. Tivemos 15 a 16 entre mortos e feridos. Morreram o capitão Monschein e o seu tenente, e o governador Schop está ferido ; espero que em breve se restabeleça. E' de admirar que ha muito não tenha elle perdido a vida, visto como em todas as occasiões

expõe-se como um soldado ordinario, e quasi sempre se acha onde a refrega anda mais travada. Deus seja servido guardar esse heroe de toda a adversidade, amen! Houvemos todas as munições do inimigo e uma porção de assucar e oleo de baleia que serão enviados para aqui. Foi esta uma grande victoria para a Companhia, e com o favor de Deus e o soccorro vindo da patria havemos de obter outras vantagens. Si nesta batalha os Portuguezes tivessem sido vencedores, nenhum ou bem poucos dos nossos, segundo o que parece, poderiam alcançar os navios, e, em todo o caso, teriam de abandonar a ilha. Agora fizeram os nossos alli um forte mui defensavel, e assim esperamos que com o favor de Deus ficaremos senhores da ilha.

A 21 chegou um barco do rio de S. Francisco, e trouxe a noticia de haver o escolteto Paulo Anthony Dames partido d'alli a 2 deste em um barco com a sua familia, o ministro Stetten, o advogado Heeregraef e outras pessoas. Na altura do Porto Francez viram os nossos um barco portuguez com um outro hollandez, e como o escolteto Dames está muito retardado, aqui passa por certo que aquelle barco foi tomado.

A 26 chegou o navio *Vlissingen* de Taparica com o assucar e o oleo que alli foram tomados.

A 30, sabado, João Fernandes Vieira enviou para cá duas mulheres, a saber, a mulher de um capitão e a de um tenente, que tomaram no Porto Francez em o referido barco. O escolteto Dames, sua mulher e filha, e essas duas mulheres, depois de muita miseria e penoso trabalho, chegaram á Varzea. Saquearam completamente o barco e nada deixaram aos pobres presos, e até quizeram matal-os em Porto Francez, como os matariam si não fôra o humilde pedido da senhora Dames. Mandaram os outros presos para a Bahia ; receiamos muito que tenha sido para a Bahia de *Baixo*, visto como de dez nenhum chegou ao seu destino.

As ditas mulheres trouxeram cartas de João Fernandes Vieira, propondo a troca do escolteto Dames, sua mulher e filha pelo almirante Jeronymo da Silva (Serrão de Paiva) e mais duas moças portuguezas que temos aqui.

ABRIL DE 1647

No 1° deste o inimigo apprehendeu a mestre Henrique, carrasco destas conquistas, que sahira um pouco para fora dos nossos quarteis; deram-lhe primeiramente um tiro, e depois lhe cortaram a cabeça com o seu proprio facão (*Slagsweerd*). Ha muitos candidatos ao seu emprego.

A 2 os nobres senhores do Concelho Supremo enviaram por um tambor uma carta ao inimigo sobre a soltura dos presos.

A 3 o tambor voltou da Varsea com o recado de que os Portuguezes mandariam a sua resposta por escripto em dous ou tres dias. Os navios *Blauwen Boer* e *t'Huys van Breda* partiram para Rochela.

A 4 chegou o navio *Salamander* da Zelandia, e não trouxe soldados, o que é para admirar pela muita necessidade que temos delles. Durou nove semanas a viagem.

A 5 passaram-se para nós dous Castelhanos.

A 8 o coronel Hinderson chegou do rio de S. Francisco.

A 12 chegou da Zelandia a fragata *Middelburgh* com o Sr. Brest, que foi posto como director das fragatas. Trouxe a noticia de ter sido declarado livre o commercio. Que proveito póde provir disso? Si a terra está fechada, si não se pode haver assucar, que retorno receberão os mercadores em troca de suas mercadorias? Nenhum, a não ser dinheiro com prejuizo de 30 a 35 por cento; a mercadoria é vendida aqui proporcionalmente mais barata do que na Hollanda, o que dará pouco apetite aos mercadores do Brazil.

A 13 João Fernandes Vieira enviou para cá Anna Brandt, filha do Sr. Dames, e por ella soubemos com certeza que, tendo os Portuguezes sahido do Pontal em tres barcos, e encontrado o de João de Candia (montado com uma peça e 36 homens) o atacaram; os nossos defenderam-se vivamente, mas foram tomados pelos adversarios que eram mais fortes e numerosos. O tenente do major Bayert e 19 soldados morreram, e o resto foi preso. Enforcaram a João de Candia.

A 16 os Srs. Beaumont e Schop, vindos de Tapicurá (Taparica), chegaram aqui.

A 22, segunda-feira, a senhora Anna Dames foi solta pelos Portuguezes e enviada para cá. O Sr Dames morreu a 17, que foi quarta-feira.

A 28 o Sr. Schop despedio-se dos nobres e poderosos senhores do Concelho Supremo e partio no hyate *t' Waeckende Hert* para o nosso exercito de Tapicurá (Taparica).

Aqui termino este *Diario*. Esperamos que, quando a nossa poderosa frota vier da patria, obteremos melhores fructos e faremos maiores progressos, e havemos de proseguir nesta memoria.

O Senhor Deus seja servido proteger os nossos commettimentos ulteriores para a propagação da santa e divina verdade, augmento de muitas terras e praças, proveito e conservação da Companhia. Amen.

FIM

INDICE

ERRATA

Wassende Boeg, a pag. 117, em vez de *Wackende Boeye*.